

MU
LHE
RES
INVISÍ
VEIS

Marina Lima
de Fontes

a produção feminina brasileira na
arquitetura impressa no século XX
por uma perspectiva feminista.

MU LHE RES INVISÍ VEIS

Marina Lima
de Fontes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa de Teoria, História e Crítica, pela Universidade de Brasília.

Orientadora

Profa. Dra. Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Brasília, 2016

a produção feminina brasileira na
arquitetura impressa no século XX
por uma perspectiva feminista.

Membros da Banca:

Profa. Dra. Ana Elisabete de Almeida Medeiros
(Orientadora - FAU - UnB)

Profa. Dra. Ana Gabriela Godinho Lima
(Membro Titular - FAU - MACKENZIE- SP)

Profa. Dra. Tânia Mara Campos Almeida
(Membro Titular - FCS - UnB)

Profa. Dra. Elane Ribeiro Peixoto
(Membro Suplente - FAU- UnB)

Brasília, 2016.

À MINHA
MÃE, TELMA

À MINHA
FILHA, MAYA

A GRA DECI MEN TOS

Ao João por tudo e todas as coisas, todos os dias.

À Maya, que me ensina diariamente coisas que livro nenhum jamais vai ensinar.

À minha mãe, Telma, meu pai Paulo e irmão Filipe, pelo irrestrito amor, carinho e apoio sempre.

À Bruna, Lorena, Mariana e Raquel, pela amizade, companheirismo e por me fazer sentir, cada dia mais, orgulho de ser mulher.

Às amigas e amigos do pântano, por disfrutarmos juntos as melhores coisas da vida.

Ao Eduardo, Luísa e Nadine, por terem me ensinado a vivenciar e a valorizar o trabalho genuinamente coletivo e pela parceria nesses anos.

À Luísa, por contribuir ativamente com o trabalho, com esse incrível projeto gráfico e à Nahira, que embarcou na aventura da diagramação.

Aos Teixeirainhas, pelo apoio e empréstimo daquele cantinho no interior, tão precioso e imprescindível ao desenvolvimento dessa pesquisa.

Às colegas, Denise, Gisele, Isadora e Verônica, pelos ricos encontros de orientação.

Às professoras Elane e Tânia, pelas preciosas contribuições para o melhor desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos funcionários da secretária do PPG-FAU, em especial ao Júnior e Diego, pela resolução de todos os tramites e burocracias, fazendo possível a conclusão dessa dissertação.

À CAPES por financiar e viabilizar a produção de conhecimento e a realização dessa pesquisa.

À Ana Elisabete, querida orientadora, por toda direção e confiança depositada em mim, desde o primeiro instante.

PORQUE HAY
UNA HISTORIA
QUE NO ESTÁ
EN LA HISTORIA
Y QUE SÓLO
SE PUEDE
RESCATAR

AGUZANDO
EL OÍDO Y
ESCHUCHANDO
LOS SUSURROS
DE LAS
MUJERES*.

Rosa Montero

* Porque existe uma história que não está na história e que só pode se resgatar aguçando o ouvido e escutando os sussurros das mulheres.

ABSTRACT

The research aims at reflecting upon the invisibility of women's production in the architectural and urbanism fields in the western context, focusing on Brazil in face of the temporal facet of the 20th century. For this, a historical review was made in order to realize how the insertion of women in the job market, in education and in the architectural practice took place. How gender relations, symbolic violence and the feminine mystique are tied to what is here named invisibility mechanisms - sexual division of work, sexism in education, the shadowing of women architects by their spouses or bosses, privileged circle and star system - and how all this piled up so that women's architectural production became invisible. Based on this theoretical discussion, women's production from 1950 to 1990 has been studied by means of printed architecture issues, in the magazines *Acrópole* (1938-1971), *Habitat* (1950 a 1965) and *Módulo* (1955-1964/1975-1989) as a support for the analysis of these mechanisms; it is a quantitative research which found women's authors in these periodicals by the number and qualitative which mapped the themes related in them.

Key-words: *architecture, printed architecture, gender, feminism, invisibility.*

A pesquisa busca refletir sobre a invisibilidade da produção feminina no campo da arquitetura e do urbanismo no contexto ocidental, e com foco no Brasil, no recorte temporal do século XX. Para isso, fez-se um resgate histórico visando compreender de que forma se deu a inserção das mulheres no mercado de trabalho, nos estudos e na prática arquitetônica. Como as relações de gênero, a violência simbólica e a mística feminina estão atreladas ao que conceitua-se aqui de mecanismos de invisibilidade – divisão sexual do trabalho, machismo no ensino, arquitetas à sombra de cônjuges ou chefes, círculo privilegiado e estrelismo – e de que forma eles atuaram para que a produção feminina arquitetônica fosse invisibilizada. Apropriando-se dessa discussão teórica, pesquisou-se a produção das mulheres, entre as décadas de 1950 a 1990, por meio da arquitetura impressa, utilizando as revistas *Acrópole* (1938-1971), *Habitat* (1950-1965) e *Módulo* (1955-1964/1975-1989) como suporte para a análise desses mecanismos; trata-se de uma pesquisa quantitativa, buscando numericamente autoras mulheres nessas publicações, e qualitativa, mapeando as temáticas abordadas por elas.

Palavras-chave: *arquitetura, arquitetura impressa, gênero, feminismo, invisibilidade.*

RESUMO

PRE FÁ CIO

Partindo do pressuposto que nenhuma pesquisa se dá ao acaso, que geralmente é movida por interesse pessoal e que a busca pelos questionamentos propostos é também uma procura por respostas internas, é importante ressaltar que este trabalho configura-se como uma pesquisa feminista. Ante-vejo relutâncias e preconceitos diante de minha afirmação, como bem explicitou Ana Gabriela Lima em sua tese (LIMA, 2004)¹, já que o termo pesquisa (que pressupõe imparcialidade) seguido da palavra feminista (que remete ao movimento político) parece contraditório. Defendo, entretanto, que não existe tal imparcialidade acadêmica. Garry Stevens (STEVENS, 2003, p. 10) anuncia que é impossível estudar objetivamente o mundo social no qual se está inserido. Guacira Lopes Louro ofereceu a solução à Ana Gabriela Lima e, conseqüentemente, a mim. Aproprio-me de suas palavras para esclarecer ao que se propõe uma pesquisa de cunho feminista:

Se admitirmos como padrão de ciência – e então de pesquisa, como meio de fazer ciência – uma ação regida por paradigmas teóricos e por ordenados procedimentos metodológicos, caracterizada pela atitude desinteressada, objetiva, isenta; e se, ao mesmo tempo, entendemos que o feminismo implica num

¹ “O problema estava no fato de que a palavra ‘feminismo’, com o tempo, gerara uma forte resistência, sendo associada a radicalismos e exacerbações por parte de grupos de pessoas que, tendo sido divulgados muitas vezes de forma distorcida e fora de contexto, contribuíram para deturpar o sentido real do termo. O fato de que consiste em um movimento legítimo, que ao longo de décadas foi capaz de transformar as relações entre homens e mulheres, tornar possível às mulheres votarem, viajarem e trabalharem sem ter que apresentar a permissão dos pais ou maridos, aspirarem a uma carreira profissional e realização pessoal, parece ser tacitamente ignorado por mulheres e homens que utilizam o termo (...) No meio da arquitetura, me parece claramente perceptível, a começar por minha própria experiência, uma vez que me pareceu, desde o começo, impossível obter uma aura respeitável em torno de um trabalho acadêmico sobre arquitetura assumidamente feminista.” (LIMA, 2004 p.4)

posicionamento interessado, comprometido e político, estamos diante de um impasse: ou somos cientistas/pesquisadoras ou somos feministas. Seria impossível ser uma pesquisadora feminista. Busco, no entanto, exercer essa atividade – reconheço-me nesta identidade – assim como o fazem inúmeras outras mulheres (e homens feministas). Aceitar ou reivindicar tal qualificação supõe um processo que passa, certamente, por uma aceitação anterior: a de que nenhuma pesquisa, ou melhor, nenhuma ciência é desinteressada ou neutra. A pesquisa feminista é, então, assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar. (LOURO, 1997 p.142 apud LIMA, 2004)

Sendo assim, algumas ressalvas fazem-se importantes. Francesca Hughes, na introdução do seu livro *The Architect Reconstructing Her Practice* (HUGHES, 1996), faz uma reflexão interessante partindo de uma citação de Derrida² (onde ele devaneia sobre um mundo

2 “What if we were to approach...the area of a relationship to the other where the code of sexual marks would no longer be discriminating? The relationship would not be asexual, far from it, but would be sexual otherwise: beyond the binary difference that governs the decorum of all codes, beyond the opposition feminine/masculine, beyond bisexuality as well, beyond homosexuality and heterosexuality which come to the same thing. As I dream of saving the chance that this question offers, I would like to believe in the multiplicity of sexually marked voices. I would like to believe in the masses, this indeterminable number of blended voices, this mobile of non-identified sexual marks whose choreography can carry, divide, multiply the body of each “individual”, whether he be classified as “man” or “woman” according to the criteria of usage.”

Tradução livre: “E se a gente se aproximasse ... da área de um relacionamento com o outro onde o código de marcas sexuais não seriam mais discriminatórios? A relação não seria assexuada, longe disso, mas seria sexual de outra forma: para além da diferença binária que governa o decoro de todos os códigos, além da oposição feminino/masculino, além da bissexualidade também, para além da homossexualidade e da heterossexualidade que chegou à mesma coisa. Enquanto eu sonho em preservar a chance que essa questão oferece, eu gostaria de acreditar na multiplicidade de vozes sexualmente marcadas.

não binário – homem x mulher, heterossexual x homossexual), que, se por um lado, trazer a “questão das mulheres” acaba por reafirmar de certa forma essa oposição homem x mulher (que a crítica feminista questiona e tenta desconstruir), por outro, é estrategicamente necessário justamente para subverter essa hierarquização masculino x feminino. Sendo assim, apesar da crítica feminista se propor a desconstruir aquilo que ideologicamente e culturalmente entende-se por mulher ou feminino, por mais contraditório que possa parecer, deve também buscar uma valorização dessas categorias, numa espécie de termo duplo, que é matéria para crítica e subversão à repressão sexual simultaneamente. Para esta tarefa, complexa e necessária, Hughes faz uma importante ressalva: a relação entre essas duas táticas, a neutralização da hierarquia por um lado, e o reconhecimento da opressão e submissão das mulheres, por outro, são simultâneas e não sequenciais, ou seja, as fases são estruturais e não cronológicas. Nessa reflexão, cabe ainda a crítica que Judith Butler (BUTLER, 1990) faz ao movimento feminista justamente por criar uma “identidade definida” das mulheres como uma categoria a ser defendida e emancipada, argumentando a inexistência desse sujeito que o feminismo quer representar.

É importante destacar essa reflexão porque ela permeia toda a pesquisa. Simultaneamente, busca-se esclarecer que aquilo que se entende por feminino ou por características específicas das mulheres é uma construção social e cultural, ao mesmo tempo que se propõe trazer à tona e discutir os problemas e as histórias justamente dessas mulheres, aquelas e nós, que nos en-

*Eu gostaria de acreditar nas massas, esse número indeterminável de vozes mistas, essa mobilidade de marcas sexuais não-identificadas cuja coreografia pode transportar, dividir, multiplicar o corpo de cada “indivíduo”, seja ele classificado como “homem” ou “mulher” “de acordo com os critérios de uso”. Jacques Derrida, Choreographies, interview with Christie V. McDonald in *Diacritics* 12, n° 2, 1986 apud HUGHES, 1996.*

tendemos enquanto tal dessa forma complexa. Assim, mesmo que não possamos ser enquadradas enquanto um conceito universal, já que existimos sob diferentes contextos, sofremos diferentes formas de exploração, preconceitos e violências, compartilhamos dessas vivências, cada uma com sua especificidade, mas com uma história comum, que diz respeito a esse lugar de encontro e identificação enquanto mulheres.

Então, apesar de potencialmente absurdo, referir-se a experiências diretas das mulheres é necessário, assim como a inversão da hierarquia masculino/feminino existente (referente exclusivamente às mulheres), ambas absurdas e (infelizmente) estrategicamente necessárias como uma maneira de tentar escapar ao sistema de oposições. (HUGHES, 1996, p. XIV)

Além disso, Hughes coloca que a posição crítica é necessariamente limiar, ou seja, é necessário ser “insider” e “outsider” (HUGHES, 1996 p. XVI). Segundo ela, uma mulher arquiteta atende a essa combinação, pois está inserida no campo por sua educação e pela atuação em certas instituições profissionais, e é também de certa forma excluída por sua diferença e por suas experiências de gênero. Assim, ela é apta a inventar sua prática e fazê-la de maneira crítica, para testar certos aspectos da produção da arquitetura.

Partindo desses esclarecimentos e entendimentos, não pretendo, de maneira alguma, eliminar as contradições ou a complexidade às quais as relações de gênero e poder estão invariavelmente atreladas, isolando apenas um dos lados. Parto, contudo, de um lugar que busca a afirmação política e espaço para a reflexão das relações de gênero no campo arquitetônico por uma perspectiva feminista, onde entendo o feminismo como uma teoria prática, projeto filosófico e pensamento crítico, como esclarece Marcia Tiburi:

Podemos dizer que o feminismo é uma teoria prática que surge das condições concretas das relações humanas, enquanto essas relações são baseadas em relações de linguagem que são relações de poder. (...)

Ao mesmo tempo, o feminismo é um projeto filosófico que visa mudar o mundo. Ele relê a história a contrapelo, analisa a história pelo espelho retrovisor buscando a tradição das mulheres, esquecidas e oprimidas, como uma história que tem algo a nos ensinar. Neste sentido, se pode dizer que o feminismo é a filosofia que tem como base um impulso ético e um efeito político. (...)

Todo feminismo pode ser democracia, mas, certamente, seu impulso é anárquico no sentido de ser contrário ao poder. O que pode um poder que não combina com o poder? Eis o espírito do feminismo. (TIBURI, 2016)

Estas relações de poder e seus desdobramentos sociais, políticos e econômicos estão no cerne de toda a discussão que irá se desenvolver adiante.

SU MÁ RIO

	Introdução	24
1. Reescrevendo a história: a mulher, o trabalho, a formação profissional e a prática arquitetônica		32
1.1 A entrada das mulheres no mercado de trabalho e nos estudos acadêmicos, no ocidente e no Brasil		34
1.1.1 As mulheres e o trabalho		34
1.1.2 As mulheres e os estudos		51
1.1.3 As mulheres e o movimento feminista		56
1.2 Mulheres na história da arquitetura		70
2. Os mecanismos de invisibilidade da produção feminina		86
2.1 A construção da história e da linguagem arquitetônica		88
2.2 Gênero, violência simbólica e a mística feminina		105
2.3 Mecanismos de invisibilidade no campo arquitetônico		118
2.3.1 A Divisão Sexual do Trabalho		119
2.3.2 Machismo no ensino arquitetônico, o caso da Bauhaus.		122
2.3.3 Arquitetas à sombra de seus cônjuges ou chefes		126
2.3.4 O círculo privilegiado e o estrelismo no campo arquitetônico		132
2.3.5 Outros mecanismos		137

**03. A produção feminina na
arquitetura impressa 142**

3.1 Arquitetura impressa e a construção
da história da arquitetura moderna brasileira **144**

3.2 As revistas Acrópole, Habitat e Módulo **150**

3.2.1 Revista Acrópole (1938-1971) **151**

3.2.2 Revista Habitat (1950-1965) **154**

3.2.3 Revista Módulo (1955-1964/75-89) **157**

3.3 A metodologia **159**

3.4 Análise dos dados da pesquisa **170**

4. Considerações Finais 196

bibliografia 200

INTRODUÇÃO

A discussão das relações de poder atreladas à questão de gênero tem angariado cada vez mais espaço nas áreas de conhecimento, entretanto, é ainda tímida no campo da arquitetura e do urbanismo, principalmente no Brasil. O campo da arquitetura e do urbanismo, seja entendido como área ligada à arte e à estética, ou compreendido como construção e tecnologia, é, fundamentalmente, social. Assim, uma vez que as relações de gênero e poder permeiam todas as estruturas sociais, ao mesmo tempo como construção e vivência, os desdobramentos dessas relações atuam também no campo arquitetônico - na produção de conhecimento, na história e no fazer projetual propriamente dito. E não apenas isso, há quem defenda, como Henri Lefebvre e Michel Foucault (KUHLMANN, 2005), que as estruturas sociais são em última análise espaciais, que todo espaço tem um significado social, de forma que, a arquitetura se propondo a ter como objeto de trabalho o espaço e o não-espaço, tem sua produção, reprodução e representação constituídas pelas questões de gênero (e do corpo)³.

Esta pesquisa parte então de alguns questionamentos gerais. Por que mesmo no ano de 2016, com as mulheres sendo a maioria na profissão de arquitetura e urbanismo,⁴ continua-se prati-

³ Dorte Kuhlmann na introdução do seu livro *Gender Studies in Architecture* (2005); traz um recorte sobre a relação de gênero, corpo e espaço desenvolvida por Henri Lefebvre em *La production de l'espace* (1974) e Michael Foucault em *Surveiller et punir* (1975). (KUHLMANN, 2005, p. 4)

⁴ De acordo com o censo CAU/BR de 2011, as mulheres representam 61% do total de profissionais em atividade. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/censo/resource/site/pdf/nacional/Folder-censo-CAU.pdf>

camente sem referência de sucesso profissional feminino? Por que se estudam tão poucas ou quase nenhuma mulher nas disciplinas ao longo do ensino universitário?⁵ Por que ainda hoje não existem referências claras a arquitetas famosas ou gerenciando escritórios de renome? São inúmeras as perguntas que surgem quando se pretende desbravar um assunto pouco estudado⁶.

Para responder perguntas tão atuais, era necessária uma busca histórica no intuito de entender como, quando e porque esse processo de invisibilidade das mulheres se deu no campo arquitetônico. Se, e de que forma, as transformações sociais transcorridas no século XX (iniciadas antes mesmo dele) e as lutas reivindicatórias do movimento feminista tiveram rebatimento no contexto arquitetônico, nesse recorte temporal.

Linda Nochlin, em seu artigo *Why Have There Been No Great Women Artists?* (NOCHLIN, 1971) apresenta o posicionamento de que não houve grandes artistas mulheres (apesar de haver várias mulheres artistas importantes que continuam insuficientemente investigadas ou apreciadas) assim como não há “grandes pianistas de jazz lituanos” ou “jogadores de tênis esquimós” mesmo que queiramos muito que existam. Ela argumenta que tanto na arte como em todas outras áreas, há invalidação, opressão e de-

⁵ Refiro-me especificamente à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, da qual fui graduanda entre os anos de 2004 a 2010.

⁶ Atualmente, existem grandes esforços nesse sentido, principalmente após a década de 90. Entretanto, em sua maioria os estudos configuram-se ainda como medidas de reparação e resgate. As mulheres, principalmente as mulheres negras, com raras exceções, não configuram o referencial padrão arquitetônico. Sobre a importância atual desse debate, ver: *Revista Arquitetas Invisíveis nº1* Pioneiras, Julho 2016, que acaba de ler lançada e é um trabalho do coletivo Arquitetas Invisíveis - <http://www.arquitetasinvisiveis.com/> e o artigo escrito por Stephanie Ribeiro. “A Arquitetura precisa reconhecer, além do papel social, os debates sobre Raça e Gênero / Stephanie Ribeiro” 12 Jul 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 23 Ago 2016. <<http://www.archdaily.com.br/br/788948/a-arquitetura-precisa-reconhecer-alem-do-papel-social-os-debates-sobre-raca-e-genero>>

sencorajamento para qualquer um que não seja nascido branco, de classe média e, principalmente, homem. A falta não está no comportamento feminino (por seus hormônios, menstruação, etc.), mas nas nossas instituições e nossa educação (cultura, sociedade) desde o momento em que nascemos (significado dos signos, dos símbolos). Buscar entender e refletir sobre esse processo de invalidação ou do que chamo aqui de **invisibilização**, é o objetivo central da pesquisa. Se o questionamento parte da invisibilidade das mulheres é sobre elas, seu protagonismo e sua história que há de se debruçar.

Para compreender o quadro social, é preciso recuar. O recorte temporal pertinente ao tema desta pesquisa - de 1950-1990 - pertence ao século XX, momento histórico de grandes transformações advindas da revolução industrial e de um novo modo de produção, que acarretaram grandes transformações sociais, entre elas a mudança da estrutura familiar tradicional, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho⁷ e nos estudos acadêmicos. Esse também é o século em que o movimento feminista ganha corpo, principalmente após a década de 1960, juntamente com outros movimentos sociais reivindicatórios na tentativa de lutar contra a opressão das estruturas da família e da sociedade no mundo ocidental.

Busca-se compreender de que forma se deu a inserção das mulheres no campo arquitetônico e como as relações de gênero, a violência simbólica e a mística feminina estão atreladas aos mecanismos de invisibilidade de sua produção no campo⁸

⁷ Não que antes desse século as mulheres já não trabalhassem inclusive de forma assalariada. Esse assunto será tratado mais adiante tendo como base estudos de Joan W. Scott. (SCOTT, 1991)

⁸ O campo da arquitetura, segundo Stevens, é uma entidade social muito maior do que apenas os integrantes da ocupação arquitetura: é o campo que estrutura todo o universo social do arquiteto/a e do qual eles/as são apenas uma parte. O campo é o conjunto de instituições sociais, indivíduos e discursos que se suportam mutuamente, ele é constituído por arquitetos, críticos,

da arquitetura e do urbanismo. Apropriando-se desses conceitos, propõe-se analisar a produção das arquitetas mulheres no contexto brasileiro, no recorte temporal do século XX (principalmente entre as décadas de 1950 a 1990, quando a arquitetura moderna brasileira ganha destaque e repercussão nacional e internacional) por meio da arquitetura impressa. Considerando o contexto brasileiro de publicações de caráter arquitetônico e urbanístico, o objeto de estudo serão as revistas *Acrópole* (1938-1971), *Habitat* (1950-1965) e *Módulo* (1955-1964/1975-1989). A escolha destas revistas deu-se por dois principais motivos: primeiramente pela sua importância e repercussão na história da arquitetura brasileira e depois pelo período de circulação, que se encaixa no recorte temporal. De que maneira elas se posicionam/ tratam sobre arquitetura? Mesmo dentro da invisibilidade, as arquitetas brasileiras conseguiram algum espaço de expressão?

Optou-se por fundamentar a pesquisa no conceito da arquitetura impressa, por escrito, que vem a ser toda a produção escrita sobre arquitetura, e não somente os textos, mas as fotografias, os desenhos, e até mesmo os projetos, sem necessariamente existir a obra construída. Essa decisão deve-se ao fato de que, sendo a arquitetura e o urbanismo um campo profissional masculino, assim como a grande maioria no século XX, a produção feminina dar-se-ia com mais abertura e possibilidade de reconhecimento em seu formato impresso. Já havendo obstáculos para exercer a profissão, havendo que comprovar competência e capacidade para tal, mais difícil ainda seria a possibilidade de construir. Além disso, Silvana Rubino (RUBINO, 2009), na apresentação do livro que organiza artigos escritos por Lina Bo Bardi⁹, argumenta que a compreensão da

professores, construtores, clientes, instituições financeiras, discursos arquitetônicos, exigências legais, etc. (STEVENS, 2003, p. 10)

9 Lina Bo Bardi (1914-1992) foi uma arquiteta italiana que se dizia brasileira, pois foi o Brasil o lugar escolhido para viver. Nasceu em Roma e chegou ao

atuação de um arquiteto/a passa necessariamente pela compressão da sua arquitetura impressa e não somente isso, mas que os debates acerca da arquitetura do século XX desenvolveram-se por escrito e que foram os textos, as fotografias e os desenhos que organizaram o universo da arquitetura daquele momento.

São os textos que organizam discursivamente o universo da arquitetura, separando o que é exemplar do que é prosaico, o que é relevante daquilo que passa despercebido, o que pertence ao mundo da arquitetura e o que nele não cabe, construindo um debate dotado de um notável grau de autonomia.

(RUBINO, 2009, p. 22)

Somado a isso, Rafael Alves Pinto (PINTO, 2013) aponta que a divulgação da produção arquitetônica nas páginas de revistas é sintoma de um processo que tem como condição histórica a maneira de ver o mundo, colocada pelo período de intensas transformações em todos os aspectos da vida ocidental a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Pinto destaca ainda que questões referentes à moradia e às edificações¹⁰ ou a relação do ser humano com a natureza, a sociedade e a ur-

Brasil em 1946. Escreveu com intensidade, foi fundadora e editora da revista *Habitat* junto ao seu marido Pietro Maria Bardi. Foi também editora da revista *Domus* e *Quaderni di Domus*, essas ainda na Itália. Não construiu muito, mas seus projetos edificados são emblemáticos e “definidores de paisagens paulistanas e soteropolitanas”, entre eles o Museu de Arte de São Paulo - MASP, o SESC Pompéia e o Teatro Oficina, todos em São Paulo. (RUBINO, 2009)

10 Aqui, o autor não está se referindo apenas às revistas especializadas, mas a todas as principais revistas em circulação na época e, principalmente, as revistas ilustradas entre as quais ele cita a *Fon-Fon!*, a *Kosmos* e *O Malho* sendo estas as que deram mais espaço à arquitetura, seja pela divulgação de concursos e obras na capital, seja pela seções temáticas divulgando novos edifícios. (PINTO, 2013)

banização passaram a fazer parte dos discursos em outras áreas do conhecimento. Nelci Tinem ressalta que a releitura dos textos das revistas e periódicos pode lançar luz sobre alguns pontos cegos na construção canônica da arquitetura moderna brasileira, e contribuir para o “entendimento de preconceitos que apagaram determinados dados ou impediram outras informações, ajuda a entender os motivos tanto de omissões e esquecimentos como de presenças e celebrações” (TINEM, 2006). Tanto a emergência do movimento moderno dos primeiros anos (1910-20), como sua crítica posterior (1960) tiveram, na arquitetura por escrito, papel crucial de formar o imaginário da arquitetura e fazê-lo circular mundo afora. (RUBINO, 2009)

É diante deste cenário de questões ainda sem respostas e refletindo sobre as mudanças históricas que o advento da modernização (e do capitalismo) gerou ao longo do século XX, sob uma perspectiva da inserção das mulheres no mercado de trabalho e nos estudos acadêmicos, no mundo ocidental de uma maneira geral e, especificamente, no Brasil, que se busca compreender quais foram os mecanismos de invisibilidade que contribuíram para invisibilização da produção feminina no campo da arquitetura e do urbanismo através da análise da arquitetura por escrito, do discurso feminino na arquitetura brasileira do século XX, utilizando as revistas como suporte para a análise da existência ou não desses mecanismos. Para isso, procurou-se fundamentar a pesquisa teórica fazendo uma análise quantitativa, buscando numericamente autoras mulheres nessas publicações, e qualitativa, mapeando as temáticas abordadas por elas.

A pesquisa estrutura-se então da seguinte forma: A primeira parte propõe um resgate histórico da inserção das mulheres no mercado de trabalho, nos estudos e na prática arquitetônica, no contexto ocidental e com foco no Brasil. Na segunda parte são tratados os mecanismos de invisibilidade, seus conceitos e de que maneira contribuem com esse processo de invisibilização

da produção feminina. Além disso, o capítulo aborda também a construção da história e da linguagem arquitetônica e sua relação com as questões de gênero. E, finalmente, na terceira parte, após uma fundamentação teórica relacionando a arquitetura impressa e sua relevância para a história da arquitetura e do urbanismo brasileiros, analisou-se as revistas – Acrópole, Habitat e Módulo - buscando relacionar os mecanismos de invisibilidade e a produção feminina arquitetônica brasileira. Poderiam esses mecanismos (violência simbólica, divisão sexual do trabalho, mística feminina, “estrelismo”, etc.) servir como instrumentos para analisar a produção (ou a não produção) das mulheres?

Pretende-se assim, além de colaborar com dados quantitativos da produção escrita feminina nas revistas de arquitetura, dar um passo para a construção de outro entendimento da história da arquitetura e do urbanismo por meio de uma perspectiva feminista, tendo em vista que o conhecimento é construído com questionamentos e descobrimento de outras facetas, outras histórias, outras autorias, de forma a contribuir também para o entendimento de que não existe uma única e verdadeira História, mas que o conhecimento é multifacetado, plural, multidisciplinar e complexo.

1. REESCREVENDO A HISTÓRIA: A MULHER, O TRABALHO, A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A PRÁTICA ARQUITETÔNICA

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens.

(BEAUVOIR, 1967, p. 14)

1.1 A entrada das mulheres no mercado de trabalho e nos estudos acadêmicos, no ocidente e no Brasil.

1.1.1 As mulheres e o trabalho

A modernidade, momento de inesgotáveis e diversas reflexões, carrega, entretanto, uma característica inegável: a contradição. Não seria diferente em relação à história das mulheres. Avanços por um lado e retrocessos por outro, é durante o século XX que muitas mudanças de pensamento e comportamento, iniciadas antes mesmo dele, vão eclodir. Geneviève Fraisse e Michelle Perrot (FRAISSE e PERROT, 1991), apontam que, por consequência das mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais, a modernidade é favorável às mulheres. Indicam três pontos de destaque. O primeiro, o aparecimento de uma História que supõe que a mulher também tem uma trajetória, que sua condição de companheira do homem e reprodutora é menos imutável do que parece (utopias socialistas)¹¹; o segundo, a revolução industrial e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, enquanto operárias; o terceiro, o nascimento do feminismo enquanto movimento coletivo, político e social que luta

¹¹ “As utopias socialistas, mesmo não sendo terreno da história, supõem, no entanto, um futuro diverso do presente; nelas são repensados o funcionamento da família, a relação amorosa, a maternidade, bem como as atividades sociais femininas. Inversamente, as teorias evolucionistas refletem sobre a origem, sobre o começo histórico das sociedades, e especialmente da família, do patriarcado (ou matriarcado). Que a humanidade tenha uma história (uma origem, um passado, um futuro) é sem dúvida uma promessa para as mulheres. Em seguida a Revolução Industrial, tal como formação progressiva de um espaço político democrático, revelam-se, apesar da violência com que as mulheres são às por vezes tratadas, lugares sociais onde o indivíduo, como ser completo, é privilegiado.” (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 10)

pela igualdade de direitos aos sexos, já que a democracia não “é a priori favorável às mulheres” (FRAISSE e PERROT, 1991).

O regime democrático tem suas raízes nos ideais pregados pela Revolução Francesa, que ainda no século XVIII, despertaram homens e mulheres para as desigualdades existentes e para o caráter universal da igualdade, que ela fosse para todos e todas. Segundo Élisabeth Sledziewski, a Revolução Francesa é um momento de extrema importância na história das mulheres não apenas porque tudo mudava na “tempestade revolucionária” (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 41), mas porque ela levantou a questão das mulheres e inscreveu-a no questionamento político da sociedade, levantando problemas inéditos, como o seu lugar na cidade e não apenas no espaço doméstico¹². Com essa efervescência começaram a aparecer clubes e associações de mulheres (primeiro na França e depois por toda Europa) e já havia feministas famosas¹³ que buscavam a justiça e a liberdade.

¹² Vale ressaltar que apesar de pregar ideais de plena igualdade, e sem querer diminuir a sua importância histórica, na prática, a Revolução Francesa não se configurou assim, como destaca Michelle Perrot: “Já em 1789 isso se sabia: uma revolução não é uma simples revolta. A revolução pressupõe uma estrutura que a organiza. Ora, dessa estrutura as mulheres são sempre rejeitadas: excluídas do corpo do povo armado, do povo deliberante, das comissões locais e das associações políticas. As relações entre os sexos no decurso da insurreição encontram-se, portanto, modificadas: enquanto as mulheres têm um papel motor por ocasião de levantamentos mais ou menos espontâneos, são postas de lado logo que o acontecimento é dirigido por associações revolucionárias.” (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 25)

¹³ Como por exemplo, **Olympe de Gouges** (1748-1793) que em 1791 se envolveu de forma politicamente ativa na Revolução Francesa, escreveu o panfleto *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, um modelo explicitamente feminilizado e provocador da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, numa crítica visceral à desigualdade entre os sexos, visto que a exclusão imposta a elas pouco condizia com a declaração de 89. A inserção da mulher em condições de igualdade, tanto de direitos como de deveres, na vida política e civil do país torna-se essencial para ela. **Théroigne de Méricourt** (1762-1817)

Entretanto, como Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 1970) aponta, apesar de parecer que a Revolução iria transformar o destino feminino, não foi o que aconteceu. É importante ressaltar que, apesar da mulher ser tradicionalmente jurídica, social e politicamente inferior aos homens, nas sociedades pré-capitalistas, ela participava e desempenhava um importante papel econômico, principalmente no comércio. Beauvoir destaca, por exemplo, que durante o Antigo Regime, foram as mulheres das classes trabalhadoras que conheceram maior independência. Elas tinham o direito a possuir uma casa de comércio e exercer as atividades necessárias ao seu ofício. Participavam da produção, trabalhavam em pequenos negócios, podiam sair, frequentar tavernas, eram associadas ao marido. Não que tivessem uma relação de igualdade com o homem, mas no campo, por exemplo, sendo necessárias, são por eles respeitadas, seus bens e interesses são preocupações comuns do casal (BEAUVOIR, 1970, p. 141).

É no plano econômico e não no plano sexual que a mulher sofre a opressão [no Antigo Regime]. Nos campos, a camponesa participa de modo considerável do trabalho rural; é tratada como servente; amiúde não come à mesa com o marido e os filhos, pena mais duramente do que eles e os encargos da maternidade acrescentam-se a suas fadigas. Mas, como nas antigas sociedades agrícolas, sendo necessária ao homem, é por ele respeitada; seus bens, interesses e preocupações são comuns.

também foi politicamente ativa e em 1789 participou da Tomada da Bastilha. Em 1792 alinha-se então ao lado de *Brissot*, afirmando-se republicana. Envolve-se em todos os combates. Favorável à guerra, tenta criar uma *Falange de Amazonas*, ambas tiveram finais trágicos. Olympe foi guillotizada em 1793 e os clubes de mulheres foram proibidos; Théroigne foi atacada por mulheres que a despiram e, completamente nua, a açotaram. Não morreu, mas passou o restante da vida em um manicômio. (MONTERO, 1995).

Exerce grande autoridade em casa. Essas mulheres é que com sua vida difícil teriam podido afirmar-se como pessoas e reclamar certos direitos; mas uma tradição de timidez e submissão pesava sobre elas; as atas dos Estados Gerais não apresentam senão um número quase insignificante de reivindicações femininas.

(BEAUVOIR, 1970, p. 141)

Apesar disso, Beauvoir defende que “o advento do maquinismo arruína a propriedade fundiária, provoca a emancipação da classe laboriosa e, correlativamente, a da mulher.” (BEAUVOIR, 1970, p. 146). Ao encontro desse pensamento, Geneviève Fraisse e Michelle Perrot (FRAISSE e PERROT, 1991), argumentam que a Revolução Industrial acaba por promover a formação de um espaço político democrático. Se por um lado existe a violência com que as mulheres são aí tratadas (mulheres de baixa renda se revezavam em duplas ou triplas jornadas de trabalho: turnos fabris de dezesseis horas e ainda o trabalho doméstico, cuidar da casa e dos/as filhos/as), por outro, são lugares sociais onde o indivíduo é privilegiado. Assim, o indivíduo feminino poderá tornar-se semelhante ao indivíduo masculino, ao trabalhador e cidadão, de forma que pode ser possível romper com os laços de dependência econômica e simbólica com pais e maridos, mesmo este momento não sendo favorável às mulheres, como atestam sua exclusão da esfera e do espaço público e a reafirmação do espaço doméstico como sendo-lhe “próprio”.

Vale destacar que, antes do século XIX, segundo Hilde Heynen (HEYNEN, 2005) não havia essa dicotomia privado/público, tampouco esses lugares pertenciam a um gênero ou a outro, logo, a domesticidade foi uma construção do século XIX, onde o termo estendeu-se, quando houve a separação entre a casa e o trabalho, para a existência de uma esfera masculina associada ao público, e uma feminina associada ao privado. Heynen faz a res-

salva que, analisando de forma mais ampla, incluindo relações sociais e econômicas, modernidade e domesticidade não são simplesmente apostos, são na realidade cúmplices, no sentido que a associação da modernidade com o público e da domesticidade com o privado é uma parte intrínseca da modernidade.

Rita Segato (SEGATO, 2012), também traz um olhar crítico sobre a modernidade, momento que ela entende como não sendo favorável às mulheres. Segundo ela, a modernidade é responsável por um prejudicial processo de colonização, porque “o processo de modernização em permanente expansão é também um processo de colonização em permanente curso” (SEGATO, 2012, p. 121). Assim, o termo “universal” carrega em si o binarismo e não a dualidade. Quando se tem o universal, as diferenças e particularidades são equalizadas e neutralizadas, onde qualquer um que não se converta nessa equalização, é resto. Com a emergência dessa grade universal moderna, da qual surgem o Estado (Estados Nacionais), a política, os direitos e a ciência, os assuntos considerados à margem, como a esfera doméstica, e conseqüentemente a mulher que a habita, são desconsiderados da relevância universal.

Enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa. Quando um desses termos se torna “universal”, quer dizer, de representatividade geral, o que era hierarquia se transforma em abismo, e o segundo termo se converte em resto e resíduo: essa é a estrutura binária, diferente da dual. (...) O “outro indígena”, o “outro não branco”, a mulher, a menos que depurados de sua diferença ou exibindo uma diferença equiparada em termos de identidade que seja reconhecível dentro do padrão global, não se adaptam com precisão a este ambiente neutro, asséptico, do equivalente universal, ou seja, do que pode ser generalizado e a que se pode

atribuir valor e interesse universal. Só adquirem politicidade e são dotados/as de capacidade política, no mundo da modernidade, os sujeitos – individuais e coletivos – e questões que possam de alguma forma, processar-se, reconverter-se, transpor-se ou reformular-se de forma que possam se apresentar ou ser enunciados em termos universais, no espaço “neutro” do sujeito republicano, onde supostamente fala o sujeito cidadão universal. Tudo o que sobra nesse processo, o que não pode converter-se ou equiparar-se dentro dessa grade equalizadora, é resto.

(SEGATO, 2012, p. 122)

Esse cidadão universal, que formulou a regra da cidadania à sua imagem e semelhança tem características específicas: “é homem, é branco, é *pater familiae* – portanto, é funcionalmente heterossexual –, é proprietário, e é letrado.” (SEGATO, 2012, p. 122) E nesse sentido, no mundo-aldeia, esse entendimento foi altamente prejudicial já que, apesar da existência de diferenças semelhantes ao que chamamos de relações de gênero, a circulação e o trânsito entre essas posições são (ou eram) mais frequentes, tanto nas sociedades pré-capitalistas como coloca Beauvoir, como nos povos pré-coloniais como aponta Segato. Na modernidade, a posição masculina ancestral vê-se transformada. A sexualidade se transforma, introduzindo-se como uma moralidade antes desconhecida, e reduz a objeto o corpo das mulheres. Segato atribui essa característica “pornográfica do olhar colonizador” à exterioridade colonial moderna – exterioridade da racionalidade científica, exterioridade administradora, exterioridade expurgadora do outro e da diferença.

De toda forma, Segato reconhece que as lutas por direitos e políticas públicas são também próprias do mundo moderno e que não cabe opor-se a ela, mas, que deve-se compreender “a que paradigma pertencem e, especialmente, entender que viver

de forma descolonial é tentar procurar brechas em um território totalizado pelo esquema binário, que consiste possivelmente no instrumento mais eficiente do poder.” (SEGATO, 2012, p. 126)

Joan Scott também faz suas ressalvas em relação à revolução industrial e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, já que, segundo ela, antes do capitalismo industrial, assim como aponta Beauvoir, mulheres trabalhavam e tiravam seu sustento, muitas vezes assalariado e fora do lar, como fiandeiras, costureiras, ourives,ERVEJEIRAS, criadas de lavoura, criadas domésticas etc.¹⁴ Scott defende que o “problema” da mulher trabalhadora, esse sim, foi um produto da revolução industrial, não porque ela criou postos de trabalhos antes inexistentes, mas porque nesse momento ela tornou-se uma figura “perturbadora e visível”. Problematizando a historiografia “comum” que, em linhas gerais, localiza a fonte dos problemas das mulheres trabalhadoras na “transferência da produção do lar para a fábrica durante o curso da industrialização” (SCOTT, 1991, p. 443), ela destaca que independentemente da mulher em questão (pobre costureira, compositora, mãe de família, viúva idosa, hábil artesã, etc.) as questões levantadas eram sempre as mesmas: “Deve a mulher trabalhar por um salário? Qual impacto do trabalho assalariado no corpo feminino e na sua capacidade de desempenhar as funções maternas e familiares? Que gênero de trabalho é adequado para a mulher?” (SCOTT, 1991, p. 443) Ou seja, se antes a opressão dava-se no plano econômico, ela passa agora, a atuar no plano sexual.

Dessa forma, o sexo foi oferecido como única razão para as

¹⁴ “No período pré-industrial, portanto, a maioria das mulheres trabalhadoras eram jovens e solteiras e por norma trabalhavam longe de casa, fosse qual fosse o tipo do local e trabalho para onde iam. As mulheres casadas eram também membros ativos da força laboral; também para elas a localização do trabalho – quinta, loja, oficina, rua ou as suas próprias casas – variava e o tempo despendido com tarefas domésticas dependia das pressões do trabalho e das circunstâncias econômicas do agregado familiar.” (SCOTT, 1991, p. 448)

diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho quando estas poderiam ter sido entendidas em termos de mercado, das flutuações econômicas e das relações variáveis entre oferta e procura. Ou seja, para Scott, a história da separação entre o lar e o trabalho acabou por sublinhar diferenças biológicas e funcionais entre homens e mulheres “legitimando e institucionalizando assim essas diferenças como base para a organização social” (SCOTT, 1991, p. 444), de forma que o discurso do século XIX forjou o sexo como um critério “natural” para a divisão do trabalho. A autora defende, entretanto, que essa divisão do trabalho deve-se a processos discursivos e não a desenvolvimentos históricos inevitáveis ou à “natureza”.

No intuito de aprofundar ainda mais esta reflexão, é válido trazer a pesquisa desenvolvida por Heleith Saffioti (SAFFIOTI, 1969). Buscando também refletir sobre as mudanças históricas que a modernização e o capitalismo geraram ao longo do século XX, Saffioti em seu livro – *Mulher na Sociedade de Classes. Mito e Realidade, 1969* – propõe-se a apreender “os mecanismos típicos através dos quais o sexo opera nas sociedades de classes de modo

Gostaria de argumentar que, mais do que refletir um processo objetivo de desenvolvimento histórico, a história da separação do lar e do trabalho contribuiu para esse desenvolvimento [industrial capitalista com uma lógica própria]; essa separação forneceu os termos de legitimação e as explicações que construíram o “problema” da mulher trabalhadora, minimizando continuidades, assumindo que as experiências de todas as mulheres eram iguais e acentuando as diferenças entre homens e mulheres. (SCOTT, 1991, p. 444)

a alijar, da estrutura ocupacional, grandes contingentes de elementos do sexo feminino...” e compreender de uma maneira ampla, as verdadeiras raízes dessa exclusão; se ela justifica-se em termos da tradição que atribui à mulher a ocupação exclusiva do lar, explicitando “pretensas deficiências do organismo e da personalidade femininas” para outros tipos de trabalho (SAFFIOTI, 1969, p. 39), ou, se a própria maneira como a sociedade de classes foi construída contribui de forma sistêmica para tal situação. Apesar de o estudo ter sido publicado há quase 50 anos, e que os vários dados tenham mudado e a situação apresentada seja diferente da atual - 2016 - (principalmente nos números de mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho), suas reflexões não perdem validade, tendo em conta que ainda vivemos sob o regime capitalista e que sua lógica de funcionamento em classes continua vigente e ativa. Além disso, a autora defende que a atividade do trabalho é o melhor fio condutor da análise da questão da mulher nas sociedades competitivas porque é a força de trabalho, enquanto mercadoria, que constitui o melhor índice de integração nas sociedades de classes.

O sistema capitalista, que surge sob o ideário de um sistema libertário, ou melhor, que pressupõe a igualdade do status jurídico entre os homens, veio possibilitar que o trabalhador pudesse ser comprador e, ao mesmo tempo, vendedor de sua força de trabalho. Ele não mais produz para satisfazer apenas as suas necessidades. Antiteticamente, esse modo de produção capitalista nega essa liberdade jurídica, na medida em que é necessário que a sociedade divida-se em classes sociais, o que, consequentemente, faz com que uma domine a outra e acabe por acentuar as diferenças. E, certamente, as mulheres foram as grandes desfavorecidas. Ou seja, Saffioti traz um elemento a mais para a discussão. Não apenas pelos processos discursivos, o sexo acaba por servir como justificativa “natural” para a opressão feminina, mas pela própria lógica em que o sistema capitalista opera, é

necessário que haja o explorador/a e o explorado/a, e nesse sentido, o modo capitalista lança mão da tradição para justificar a marginalização efetiva ou potencial de certos setores da população do sistema produtivo de bens e serviço. Assim é que o sexo, fator há muito selecionado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a interferir de modo positivo para a atualização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais (SAFFIOTI, 1969, p. 66).

Heleieth Saffioti argumenta ainda que a mulher assume, portanto, a figura de “elemento obstrutor do desenvolvimento social” (SAFFIOTI, 1969, p. 66) quando na realidade, é a própria sociedade que coloca obstáculos a sua plena realização. Ela destaca que, primeiramente, há dois contingentes femininos que são marginalizados, um primeiro formado pelas esposas dos prósperos membros da burguesia e outro, formado pelas mulheres de baixa renda. Entretanto, a sociedade não abre mão do trabalho dessas últimas, pelo contrário, elas são de enorme interesse industrial, esclarecendo que essas barreiras não acontecem uniformemente, mas muitas vezes, de maneira a beneficiar o próprio sistema.

Nesse sentido, a argumentação de Joan Scott vai ao encontro de Saffioti e contesta a de Heynen. Scott defende que foi não a industrialização que causou a separação entre casa e trabalho “forçando a mulher escolher entre domesticidade e trabalho remunerado” (SCOTT, 1991, p. 453). Onde trabalhavam e o que faziam não era fruto de qualquer processo inexorável, mas resultado dos cálculos sobre os custos laborais. Segundo Scott, o problema maior girava em torno dos baixos salários e não da ausência da mãe durante o dia em casa.

É importante destacar, entretanto, que alguns outros tipos de trabalho apenas se tornaram disponíveis para as mulheres no final do século XIX. Eram empregos de “colarinho branco” como Scott nomeia (repartições públicas, empresas e companhias de

seguros, correios, lojas, armazéns, hospitais e escolas) que recrutavam secretárias, datilógrafas, vendedoras, enfermeiras e professoras (SCOTT, 1991, p. 458). E, segundo ela, foi o setor de serviços que proporcionou novas ocupações e não o setor produtivo.¹⁵ Joan Scott especula então, se não teria sido justamente a abertura de oportunidade de empregos de “colarinho branco” para as mulheres de classe média a responsável pela atenção dada ao problema do trabalho feminino em geral, originada por uma preocupação crescente com as possibilidades de casamento dessas mulheres que se tornavam professoras, enfermeiras, assistentes sociais, etc.

Mulheres que no passado teriam ajudado numa quinta ou numa empresa familiar, mas que por sua conta não teriam ganho salários de forma ativa. Foram talvez elas - uma minoria das mulheres assalariadas do século XIX - o fundamento da afirmação de que a perda do trabalho com base no lar comprometia as competências domésticas da mulher e suas responsabilidades como reprodutoras.

(SCOTT, 1991, p. 453)

Em ambas as situações de classe (mulheres de baixa renda ou classe média-burguesa), o sexo era definidor em matéria de emprego. Mesmo que as opiniões variassem em relação ao que seria apropriado ou não, as mulheres eram contratadas para “trabalhos de mulheres” que eram considerados adequados às

¹⁵ “Nos Estados Unidos, por exemplo, 50% das mulheres assalariadas eram em 1870 criadas; em 1920 quase 40% eram professoras, caixeiras ou empregadas de escritório. Na França, em 1906, as mulheres constituíram mais de 40% da força de trabalho de colarinho branco.” (SCOTT, 1991, p. 458)

suas capacidades físicas e aos seus níveis de produtividade¹⁶. “Este discurso produziu uma divisão sexual no mercado de trabalho, concentrando as mulheres em alguns empregos e não em outros, colocando-as sempre na base de qualquer hierarquia ocupacional e estabelecendo os seus salários abaixo do nível da subsistência.” (SCOTT, 1991, p. 454) O “problema” da mulher trabalhadora surge então, quando se começa a debater os efeitos sociais e morais de tais práticas.

Trazendo a discussão para o Brasil, no intuito de esclarecer de que forma a mulher inseriu-se no mercado de trabalho, Heleith Saffitoti (SAFFIOTI, 1969) aponta que a situação econômica geral brasileira, com algumas ressalvas, caracterizou-se (e ainda o faz) como uma economia essencialmente exportadora de produtos primários, agrícola e mineral e sempre dependente de países dominantes do sistema capitalista industrial europeu. Somado a isso, a mão de obra escrava teve papel fundamental para o desenvolvimento do capitalismo das colônias porque, além dos países colonizadores não disporem de população suficiente para colonizá-las, a abundância de terra a baixos custos e o fato dos homens poderem ser proprietários da sua própria força de trabalho fizeram com que a contratação de mão de obra assalariada acabasse por representar um alto custo.

Entretanto, apesar da utilização da força de trabalho escrava como solução altamente lucrativa para a economia brasileira por mais de três séculos, ela “acabara por se transformar, à proporção que o industrialismo se foi desenvolvendo, num entrave quer do desenvolvimento das forças produtivas nacionais, quer

¹⁶ Vale a ressalva: “A ideia de que o trabalho dos homens e das mulheres tinha valores diferentes, e de que os homens eram mais produtivos que as mulheres, não excluía completamente da força de trabalho dos países em industrialização, nem as confiava ao calor do lar. Quando elas ou suas famílias precisavam de dinheiro, as mulheres saíam de casa para o ganhar.” (SCOTT, 1991, p. 458)

da expansão das mercadorias de consumo, que deveriam almentar a já então avançada industrialização da Inglaterra.” (SAFFIOTI, 1969, p. 219) Nesse sentido, a libertação dos negros pode ser vista não apenas como uma desintegração da ordem senhorial escravocrata, mas também como uma importante etapa na constituição de uma sociedade de classes.

No que se refere às mulheres na sociedade brasileira escravocrata-senhorial, a mulher negra, escrava, sofreu uma exploração econômica ainda mais elevada que a do escravo, pois ela exercia o papel de trabalhadora e, além disso, era objeto de prazer sexual do seu senhor, ou dos jovens brancos na iniciação sexual antes do casamento.

Após libertas, as negras acabaram concentrando-se nos postos mais desvalorizados e pior remunerados. Alijadas por conta do preconceito racial dos postos abertos nas indústrias, no comércio ou no serviço público, a população negra encontrou poucas alternativas¹⁷. Por isso, entre as mulheres negras não havia muito espaço para a imagem de esposa passiva, submissa ao marido e dedicada exclusivamente ao lar. Sua maior preocupação era obter uma fonte de renda e que não fosse economicamente dependente do companheiro (NEPOMUCENO, 2013). O trabalho de lavadeira foi uma das ocupações mais procuradas além da venda de salgados e doces. Outra ocupação bem comum, principalmente no início do século, pelo menos até o final dos anos 1920, foi a de ama de leite, que pela responsabilidade com a criança tinha melhores ganhos e relativa valorização. (MATOS e BORELLI, 2013).

A mulher branca, por outro lado, educada em ambiente rigorosamente patriarcal, quando escapava do domínio do pai, caía na esfera do domínio do marido. Pela sua imobilidade ge-

¹⁷ Para mais informações sobre a história das mulheres negras no Brasil pós-abolição ver: (NEPOMUCENO, 2013)

ográfica, o universo sociocultural dessas mulheres era restrito. Segundo Saffioti, foi a mulher de classe média, o elemento mais afastado das correntes de transformação sociais e políticas, fato reforçado pela atitude dos homens que não toleravam a participação das mulheres em qualquer atividade que extravasasse os limites da família. Com isso, apesar de mudanças na vida social dessas mulheres por conta da urbanização, carentes de educação, elas não conseguiram vislumbrar na questão da abolição da escravidão, por exemplo, uma oportunidade para criticar sua própria condição. Apesar desse panorama, a urbanização e a industrialização foram processos que acabaram por diminuir essa imobilidade geográfica e a gerar repercussões da organização na família.

Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de se terem alterado profundamente os seus papéis no mundo econômico. O trabalho nas fábricas, nas lojas e nos escritórios rompe com o isolamento em que vivia grande parte das mulheres, alterando pois, sua postura diante do mundo exterior.

(SAFFIOTI, 1969, p. 256)

Somado a isso, surge, nesse momento, a necessidade de uma redefinição da posição social da mulher brasileira iniciada por algumas medidas, tais como: alargamento dos horizontes culturais, controle de natalidade, processo legal de separação conjugal e a escolarização.

Em relação à força de trabalho feminina no Brasil, vale destacar alguns dados importantes. Em 1872, as mulheres representavam 45,5% da força de trabalho efetiva no Brasil, sendo 33% deste total no serviço doméstico dentro do qual, as mulheres

representavam 81,2%. Nesse momento, a agricultura concentrava os maiores contingentes de força de trabalho, tanto masculina quanto feminina. Em 1900, a participação feminina praticamente se mantém no âmbito geral com 45,3% das mulheres participando das atividades econômicas, mas, desse total, cai para 52,6% sua participação no serviço doméstico, 24,6% corresponde à agricultura, 14,2% às artes e ofícios, apenas 4,2% às indústrias manufatureiras e o restante, 4,4%, no comércio e outras atividades. (SAFFIOTI, 1969, p. 335)

Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (MATOS e BORELLI, 2013) contam que o ramo da fiação e tecelagem foi o grande responsável pela contratação de cerca de 70% da mão de obra feminina. No setor de vestuários e alimentos, mais da metade dos trabalhadores eram mulheres, diferentemente de setores como construção civil e metalurgia, onde a mão de obra feminina era bastante reduzida. Alguns atributos tidos como “femininos”, delicadeza, submissão, cuidado e docilidade eram bem vistos em determinados setores, enquanto em outros representavam uma interdição.

É espantoso observar que, com o passar dos anos, entretanto, há uma redução significativa da participação da mulher na força de trabalho economicamente ativa da nação¹⁸. Em 1920, essa participação cai para 15,3%. Apesar do desenvolvimento da indústria intensificada pela guerra, o aumento da população operária deu-se por meio da ampla utilização da mão de obra masculina.

Ao contrário, pois, do que se supõe, o desenvolvimento industrial dos anos 1930 não resultou em aumento relativo substancial do emprego da força de trabalho feminina. Embora tenha havido uma elevação do número absoluto de mulheres

empregadas nos três grandes ramos da economia nacional, o aumento relativo do número de homens foi substancialmente maior, o que resultou na quase manutenção da proporção verificada há 20 anos entre a força de trabalho feminina e masculina efetivas da nação. (SAFFIOTI, 1969, p. 338)

O desenvolvimento da indústria no Brasil não acarretou, segundo Saffioti, maior participação da mulher na força de trabalho efetiva da nação. Em 1950, por exemplo, as mulheres representavam 90,3% da população em atividade doméstica não remunerada e atividades escolares discentes.

O trabalho doméstico foi também a atividade exercida pela grande maioria das meninas sem recursos que habitam o espaço urbano, segundo Silvia Arend (ARENDA, 2013). Por volta dos 9 e 10 anos de idade, elas começam a trabalhar nas residências de famílias da elite como babás e com o avançar da idade tornavam-se empregadas domésticas. Eram conhecidas como “filhas de criação” e recebiam cama, comida e algumas roupas em troca do serviço prestado. Quando havia pagamento de salário, era bem-vindo pela família, já que contribuía para reforçar o orçamento.

Mesmo quando o trabalho não era especificamente o doméstico, muitos deles eram domiciliares, realizados dentro das residências para empresas, oficinas ou intermediários, de forma remunerada. No trabalho domiciliar era possível conciliação com o trabalho doméstico. Segundo Matos e Borelli, um número expressivo de mulheres trabalhava dessa maneira, principalmente nos trabalhos “de agulha” (MATOS e BORELLI, 2013, p. 130), onde as mulheres aprendiam com outras mulheres, ao longo da vida, ocupações que eram passadas, muitas vezes, de geração em geração, tais como: execução de bordados, tricô, crochê, manufatura de flores, elaboração de enxovais entre outros.

¹⁸ Excluindo as pessoas que viviam de suas rendas, as das profissões não declaradas e as sem profissão.

Com base nos dados e argumentos apresentados, fica clara como a contradição se faz presente nesse momento histórico. Se por um lado, a modernidade é vista como tempo de importantes mudanças econômicas e sociais que possibilitariam uma posição de sujeito, indivíduo e cidadão, e de um espaço democrático igualitário, por outro, traz o conceito de universalidade que acaba por desconsiderar diferenças e particularidades, excluindo automaticamente a mulher enquanto cidadã, e parte integrante dessa democracia, já que as coisas que a concernem são tidas como “particulares” e “diferentes”. Além disso, a industrialização, também vista como uma possibilidade de abertura ao trabalho assalariado feminino, pois permite uma igualdade da mão de obra trabalhadora, dado que a força física não mais se configura como impedimento do acesso feminino à produção fabril, torna-se também uma ferramenta de opressão, que delega às mulheres os piores salários enquanto reforçam-se discursos sobre seu papel enquanto reprodutora e responsável pela família. Ao mesmo tempo em que vislumbram a possibilidade de atuarem como produtoras, e buscarem no trabalho não apenas a subsistência econômica, mas também autonomia e o reconhecimento enquanto cidadãs, esse direito lhes é negado. Exemplo disso é a luta de reformadores pelo “salário familiar”, que seria o suficiente para manter a mulher em casa e os filhos, impedindo a possibilidade de atuação das mulheres no âmbito público, reforçando que a estas caberia o domínio apenas do âmbito privado.

Entretanto, as mulheres souberam aproveitar as mudanças que os tempos modernos acarretaram. Associam-se, criam o movimento feminista que vai lutar, entre outras coisas, por acesso igualitário aos estudos e ao mercado de trabalho.

1.1.2 As mulheres e os estudos

A Bíblia é para as raparigas, como se viu, o instrumento privilegiado da aquisição do saber, e isso a todos os níveis. Aprende-se a ler soletrando a Bíblia, aprende-se a viver moralizando a partir dos textos sagrados.

(DEMARLE-HOOCK, 1991, p. 180)

O acesso tardio aos estudos, e por sua vez, aos estudos acadêmicos, constitui-se como um fato concreto da desigualdade de oportunidade à qual as mulheres foram submetidas. Segundo Natália Bezerra (BEZERRA, 2010), a entrada das mulheres na universidade aconteceu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres, as chamadas *Women's College*. Na Europa esse foi um processo mais tardio. São as lutas sociais de caráter nacional e internacional e, entre elas, as lideradas por coletivos feministas, que conseguem que a mulher ascenda ao ensino oficial.

No Brasil, segundo Saffioti, foram os jesuítas que, desenvolvendo sua ação educativa, criaram as primeiras escolas e fundaram os primeiros colégios. A questão é que a atuação dos jesuítas sobre a mulher foi negativa, não oferecendo nenhum instrumento de libertação, ao contrário disso, doutrinando-as a submeterem-se à Igreja e ao marido.

É apenas em 1816, com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, que surgem as primeiras oportunidades de instrução laica para a mulher apesar do ensino religioso constar no programa junto a ensinamentos de costura, bordado, algo de aritmética e de língua portuguesa. Houve um projeto educacional na constituição de 1826 que trazia à tona a questão da educação das mulheres, mas em função das obrigações maternas. Embora fosse a

primeira legislação que concede à mulher o direito à instrução, e por isso constitui um marco histórico, ela só admitia as meninas em escolas de primeiro grau reservando os níveis mais altos de educação para a população masculina. “Na verdade, a lei de 1827 constituía um verdadeiro instrumento de discriminação dos sexos (...) continuava-se a valorizar, no currículo das escolas femininas, muito mais a educação da agulha do que a instrução.” (SAFFIOTI, 1969, p. 275) É apenas no ano de 1881 que uma mulher vai ser matriculada no curso superior brasileiro.¹⁹

Apesar da instalação da República (1889) e com ela a implantação do estado laico, com a separação entre Igreja e Estado, a Igreja Católica continuou tendo grande atuação no ensino, já que se ocupava dele anteriormente. Por não serem gratuitos, os colégios religiosos marginalizavam de seu processo educacional amplas camadas da população repercutindo seriamente na instrução e, conseqüentemente, na profissionalização feminina. Em contrapartida, segundo Saffioti, apesar de religiosas, as escolas protestantes (metodista e presbiteriana principalmente) deram grande colaboração à educação das brasileiras. O protestantismo mantinha afinidade com o espírito científico e com ideias republicanas e com isso, logo no primeiro ano da Escola Americana em 1871 e, mais tarde em todos os cursos do *Mackenzie College* em 1886, foi introduzida a co-educação dos sexos, amenizando a segregação da educação feminina.

Analisando tabelas comparativas sobre a representação feminina nas escolas de nível superior brasileiras em 1930 que o estudo de Saffioti traz, tem-se que:

¹⁹ “Ambrozina de Magalhães foi a primeira jovem a matricular-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (...) Em 1882, matriculam-se também na faculdade, Elisa Borges Ribeiro e Generosa Estrella e, como ouvinte, Josefa Mercedes de Oliveira. Dessas quatro mulheres, duas frequentavam a faculdade acompanhadas, uma por seu pai e a outra por uma velha dama.” in: Relatório do Ministério do Império, de 1884 apud (SAFFIOTI, 1969, p. 289 nota nº98).

- Era escassa a representação feminina em um panorama geral e mais concentrada nas áreas de Farmácia, Medicina e Odontologia;
- Havia um predomínio feminino nos conservatórios musicais, em parte por ser a música uma atividade considerada apropriada ao sexo feminino;
- Era grande a representação no ensino comercial, já que para exercer tal atividade era necessário o comando de um chefe; não sendo imprescindível que a candidata apresentasse qualidade excepcional de liderança;
- Tinha-se uma concentração também no setor do ensino. A maioria das professoras das escolas normais eram mulheres, ou seja, o corpo docente das escolas primárias chegaria a ser quase totalmente feminino. No Rio de Janeiro, em 1935, por exemplo, as mulheres correspondiam a 99% do corpo docente do ensino elementar e com isso, desempenharam um importante papel na formação profissional e na elevação da cultura geral da mulher brasileira. (SAFFIOTI, 1969, p. 313)

Em relação aos negros e negras, Bebel Nepomuceno (NEPOMUCENO, 2013) conta, que no pós-abolição, devido ao racismo, essa população encontrou muita dificuldade de obter um lugar nas escolas da rede pública. Mesmo assim, a educação sempre foi vista pelo segmento negro, como um caminho eficaz para conquista de lugares menos subalternos e também como uma ferramenta contra o preconceito. Por isso, os movimentos negros e entidades militantes da primeira metade do século XX, incentivavam a instrução e desenvolviam iniciativas educacionais mesmo que sem nenhum suporte do Estado. Análises dos Censos de 1940 e 1950, que incluíam o quesito *cor da pele* mostra que a exclusão do sistema educacional recaía mais fortemen-

O que já era percebido e abordado criticamente pelo movimento negro nos anos 1930, só cinquenta anos depois, na década de 1980, seria reconhecido por parcelas do meio acadêmico brasileiro como fator de evasão escolar, ou seja, a postura discriminatória de instituições de ensino e docentes em relação às crianças negras, levadas, no limite a abandonar a escola por sentirem que tal espaço não lhes pertence.
(NEPOMUCENO, 2013, p. 392)

te sobre as mulheres negras, com índice de alfabetização de 15,29%, o menor de toda a população naquele período. Em 1980, quando o quesito cor voltou a constar no Censo, os números continuaram desfavoráveis, com 80% das mulheres negras enquadradas na faixa das pessoas com até quatro anos de estudos contra 67% de mulheres brancas na mesma situação. Esses indicadores refletem-se no ensino superior, onde a presença de negros/as ainda é bastante reduzida embora demonstre crescimento nos últimos anos²⁰. (NEPOMUCENO, 2013, p. 389-396)

Dentro do campo arquitetônico, houve arquitetas formadas antes de 1900. A primeira estudante que obtém seu diploma, o faz pela *Cornell University* também nos EUA em 1880, e se alcançaram 39 diplomas para

arquitetas nos princípios do século XX. Carmen Espegel (ESPEGEL, 2007) conta que Emilie Winkelman, nascida em 1875, teve seu próprio escritório em Berlim desde 1908, e foi a primeira arquiteta alemã como profissional livre antes da Primeira Guerra Mundial, além de também ser a primeira estudante de arquitetura na Europa.

No Brasil, a primeira Academia de Belas Artes a ser fundada foi a do Rio de Janeiro, em 1916, sendo o mais antigo curso universitário de arquitetura. Foi inclusive o único no Brasil por mais de 50 anos, era uma instituição pública e por isso recebia estudantes de origem modesta. (SALVATORI, 2008) A partir do início do século XX começou a receber estudantes de estratos sociais mais altos atraídos pela oportunidade que o desenvolvimento econômico proporcionou e, em 1945, foi criada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), sendo desvinculada da Escola Nacional de Belas Artes. Assim aconteceu também na Bahia, onde a Escola de Belas Artes foi fundada em 1877 e apenas em 1959 foi desmembrada, criando a Faculdade de Arquitetura da Bahia (FAU-UFBA). A primeira faculdade de arquitetura do Estado de São Paulo foi a Universidade Mackenzie em 1947, quando foi separada da escola de engenharia e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU-USP) foi fundada em 1948. Em 1952 foi fundada a Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAU-UFRGS). A multiplicação de escolas de arquitetura no país deu-se principalmente após a década de 60 com novas unidades em diversas cidades. (SÁ, 2010)

Flávia de Sá, (SÁ, 2010) tendo acesso a dados de duas faculdades, a FAU-USP e a FAU-UFRGS sobre o gênero das profissionais diplomadas em ambas as universidades, traça o seguinte panorama: nos primeiros anos do curso da FAU-USP, de 1952 até 1959, a participação feminina teve uma média de 15% do total de arquitetos formados. De 1960-69 a porcentagem aumenta um pouco, indo para 21% e há um crescimento expressivo entre

²⁰ O aumento da representação negra está relacionado à adoção de políticas públicas que contemplam a implantação de cotas no ensino superior brasileiro, desde 2011 para estudantes negros/as ou oriundos de escolas públicas. Com essa medida, o número de negros/as em cursos superiores dobrou em relação aos números registrados nas últimas três décadas do século XX. (NEPOMUCENO, 2013, p. 394)

1970-1979, quando 40% dos diplomas foram para as mulheres. De 1980-1989 a porcentagem não apenas se iguala, mas ultrapassa a masculina chegando a 51% de diplomadas. Na FAU-UFRGS por sua vez, a quantidade de graduadas na década de 50 era de 16% chegando a 61% da década de 90. (SÁ, 2010)

Pode-se perceber que, ainda hoje, apesar do crescimento expressivo das mulheres nas universidades, e nos diversos campos profissionais, seu acesso tardio e direcionado a determinados campos “adequados” foi também uns dos responsáveis por uma invisibilidade de sua atuação profissional.

1.1.3 As mulheres e o movimento feminista

No quadro de mudanças, redefinições e contradições do século XX, o feminismo surge com o objetivo de promover a igualdade entre os sexos. É um movimento coletivo, social e político²¹. Na Europa e na América do Norte, surge a chamada primeira onda do feminismo, que aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo o primeiro deles, o direito ao voto. Sobre o movimento sufragista inglês Simone de Beauvoir destaca a luta das inglesas:

Recusando a violência, inventam sucedâneos mais ou menos engenhosos. Invadem o Albert Hall durante os comícios do

²¹ Existem diferentes opiniões a respeito de quando e como o movimento feminista se originou. O importante é destacar que sempre houve mulheres questionando as relações hierárquicas, suas funções e o modelo social do patriarcado. Como por exemplo, a francesa **Christine de Pizán** (1364-1430), que em 1405 escreveu o livro *La Cité des Dames* onde concebia uma cidade na qual mulheres independentes viviam protegidas das calúnias dos homens e defendiam apaixonadamente os direitos das mulheres.

Partido Liberal, brandindo flâmulas de pano ordinário em que se inscrevem as palavras Vote for women; penetram à força no gabinete de Lorde Asquith; promovem comícios em Hyde Park ou Trafalgar Square, desfilam pelas ruas com cartazes, fazem conferências; no decurso das manifestações, insultam os policiais ou atacam-nos a pedradas a fim de suscitar processos; na prisão adotam a tática da greve da fome; angariam fundos, reúnem em torno delas milhões de mulheres e de homens; impressionam a tal ponto a opinião que, em 1907, há duzentos membros do Parlamento que constituem uma comissão para propugnar pelo sufrágio feminino; a partir de então, todos os anos alguns deles apresentam um projeto de lei favorável ao voto das mulheres, projeto que é sempre rejeitado com os mesmos argumentos. (BEAUVOIR, 1970, p. 161)

Finalmente, o direito ao voto foi concedido às inglesas em 1918, primeiramente de maneira restrita, e em seguida, em 1928, sem restrições. Mas para Beauvoir foi na Rússia que o movimento feminista teve maior amplitude. Segundo ela, “ele se esboçara em fins do século

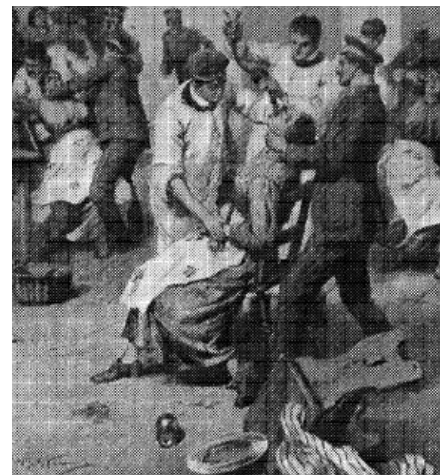


Fig.02: Ilustração de: La Domenica del Corriere. Sufragistas inglesas são alimentadas à força durante greve de fome na prisão.

Fonte: (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 103)

XIX, entre as estudantes da *intelligentzia*; estas interessam-se menos pela sua causa pessoal do que pela ação revolucionária em geral.” O artigo 122 da Constituição de 1936 diz que: “Na U.R.S.S., a mulher goza dos mesmos direitos que o homem em todos os campos da vida econômica, oficial, cultural, pública e política”. (BEAUVOIR, 1970, p. 165) Não se pode esquecer a importante participação do movimento socialista nos avanços pela igualdade de gêneros. Ao assumir a responsabilidade pela família, o movimento não aprisiona a mulher ao lar e às funções reprodutoras. “Todo socialismo, arrancando a mulher à família, favorece-lhe a libertação” (BEAUVOIR, 1970, p. 146)

Tornou-se comum classificar o movimento feminista brasileiro, seguindo o padrão europeu, em ondas, “períodos mais ou menos delimitados no tempo e caracterizados por um tipo de concepção e prática política dominante” como colocam Carla Gomes e Bila Sorj (GOMES e SORJ, 2014). Algumas autoras o dividem em quatro ondas e outras em três. Gomes e Sorj destacam, entretanto, que essa periodização do feminismo vem sendo contestada por alguns motivos. A metáfora “onda” remete a um processo de substituição, como se um momento fosse sucedido por outro, ignorando as continuidades entre eles. Nesse sentido, a periodização em ondas afeta negativamente o movimento feminista, fixando autoras a décadas específicas e enfatizando algumas rupturas de forma que as ondas são vistas como progresso ou perda (GOMES e SORJ, 2014 apud Hemmings, 2009). Outra crítica válida é que o uso da noção de ondas acaba por omitir e excluir muitas expressões do feminismo por não se enquadrarem nos critérios definidos como dominantes de cada onda, conferindo uma ideia de uniformidade a um movimento que sempre teve visões dissonantes. Dado isso, optou-se aqui por juntar informações de uma e de outra fonte, no intuito de trazer de forma resumida, mas não excludente, dentro das possibilidades, importantes acontecimentos e conquistas do movimento feminista no Brasil.

De fato, o feminismo sempre foi um movimento descentralizado, constituído de diferentes grupos de mulheres, com variadas experiências de vida e modos diversos de conceber o tema das relações de gênero, de formular ideologias e estratégias políticas.
(GOMES e SORJ, 2014, p. 435)

Desde o século XIX, luta-se pelo direito básico de ler e escrever, e nesse momento também surgem os primeiros jornais dirigidos ao público feminino - o *Jornal das Senhoras*, em 1852 e *Belo Sexo*, em 1862- marcando o que vem a se tornar o periodismo feminino. Ambos foram fundados por mulheres. Surgem com o objetivo de cooperar para o “melhoramento social e emancipação moral da mulher” e “provocar a manifestação feminina na imprensa, a favor do progresso social” (DUARTE, 2016, p. 22). Segundo Constância Lima Duarte, trazem a bandeira que muitos periódicos que se seguem também vão aderir: “a reivindicação por uma instrução mais consciente para as meninas. Ao lado de notas sociais e comentários sobre moda e receitas, são estampados artigos conclamando por melhores condições de vida.” (DUARTE, 2016, p. 22)

Do final do século XIX até o início do século XX, busca-se a ampliação de oportunidades na educação, configura-se a luta pelo voto feminino, além do ingresso em carreiras consideradas masculinas e condições dignas de trabalho.

Heleith Saffioti (SAFFIOTI, 1969) elabora um panorama geral das primeiras manifestações feministas que aconteceram no Brasil. Segundo a autora, ocorre aqui um fenômeno um pouco contraditório. Se, por um lado, o direito legislativo normalmente apresenta um ritmo mais lento que as mudanças nas relações sociais, a legislação brasileira, por conta da importação de ideias, foi mais avançada no campo da eliminação de preconceitos. Por outro lado, o pensamento conservador da maior parte

da sociedade determinou a continuidade e o fortalecimento de preconceitos de etnia, raça e sexo.

Segundo a autora, as manifestações feministas surgem no Brasil em consequência da visita da Dra. Bertha Lutz²² a Londres antes da Primeira Guerra Mundial, momento em que o movimento feminista inglês encontrava-se em seu período mais violento. Retornando ao Brasil, Bertha Lutz torna-se a primeira pregadora da emancipação da mulher, por meio da imprensa e da tribuna. Assume em 1919, juntamente com Olga de Paiva Meira²³ a liderança do movimento feminista brasileiro no Conselho Feminista Internacional da OIT - Organização Internacio-

22 Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976) nasceu em São Paulo, e além de liderar o movimento feminista brasileiro, fundou juntamente com Chapman Catt a primeira sociedade feminista brasileira. Posteriormente, ambas instalaram a Federação Brasileira do Progresso Feminino - FBPF, em 1922, no Rio de Janeiro. A luta da FBPF ficava delimitada por sete itens a seguir apresentados: 1. Promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina; 2. Proteger as mães e a infância; 3. Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; 4. Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão; 5. Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público; 6. Assegurar à mulher direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente dos seus direitos; 7. Estreitar os laços de amizade com os demais países americanos, a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no hemisfério Ocidental. Além disso, teve participação na criação da Liga pela Emancipação da Mulher, na União Universitária Feminina (1929), na União Profissional, na Liga Eleitoral Independente (1922) e nas filiais da Primeira Associação Feminista em 13 estados brasileiros. Bertha Lutz, além de ter sido a segunda mulher a entrar no serviço público brasileiro como bióloga no Museu Nacional, passou a integrar a Câmara Legislativa, em 1936, como suplente, como candidata da Liga Eleitoral Independente, seção feminista do Partido Autonomista. (SAFFIOTI, 1969, p. 359 e 366)

23 Feminista e ativista política, Olga de Paiva Meira nasceu em São Paulo, representou o Brasil no Conselho Feminino Internacional, em 1919. Participou de várias ações assistencialistas e da Revolução Constitucionalista de 1932, presidindo a Assistência às Famílias dos Combatentes. (SAFFIOTI, 1969)

nal do Trabalho, e em sua primeira conferência são adotados, entre seus princípios gerais, salários igualitários, sem distinção de sexo, e a obrigação do estado em organizar um serviço de inspeção que incluísse mulheres para assegurar a aplicação das leis e regulamentos para a proteção dos trabalhadores. Além disso, presidiu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, entidade que foi precursora de diversas iniciativas pela emancipação, inclusive pela inserção acadêmica, especialmente nos anos 1920 e 1930. A autora identifica, entretanto, que a primeira feminista brasileira foi Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que após ter vivido 28 anos na Europa, partilhava das ideias emancipacionistas. Traduziu para o português o livro de Mary Wollstonecraft - *Direito das mulheres e injustiças dos homens*, em 1852. Além de ter escrito outros importantes livros, como *Conselho à minha filha*, em 1842, e *A mulher*, obra publicada no Brasil em 1856 (SAFFIOTI, 1969, p. 358 nota nº170).

A questão do trabalho da mulher era, nesse momento, uma das mais constantes preocupações do movimento feminista brasileiro, além da luta pelo voto feminino.²⁴ A intensa campanha pelo direito ao voto feminino seria acolhida pela Revolução de 1930. Foi homologada no código eleitoral Provisório (Decreto 21076), de 24 de fevereiro de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, mas só foi plenamente resolvida com a Constituição de 1934 cujo anteprojeto foi elaborado

24 Apesar de parecer pela Constituição de 1891 que os direitos políticos das mulheres estavam assegurados, foram rejeitadas as emendas ao artigo 70 que explicitava o direito da mulher ao voto. Sendo assim, em 1920 prevalecia o sentimento de que o sufrágio feminino era inconstitucional. "As mulheres não podem alistar-se como eleitoras. Não se reconhece ainda, no Brasil, a capacidade social da mulher para o exercício do voto. As restrições que se lhe impõe na ordem civil têm reflexo na ordem política". Fala de um juiz que indeferiu a petição de uma mulher interessada em exercer o direito ao voto. (SAFFIOTI, 1969, p. 362 nota nº175)

com a colaboração da própria Bertha Lutz e de Carlota Pereira de Queiroz.²⁵

Lutz alavancou várias medidas em forma de projetos de lei enquanto participante da Câmara Legislativa entre 1936 e 1937. Entre elas, a criação do Estatuto da Mulher²⁶, no qual a matéria foi dividida em diversos títulos correspondentes aos estatutos políticos, econômico-social, civil-comercial e penal.

Nesse momento, além da importância de Bertha Lutz, como apontado por Saffioti, Maria Lacerda Moura e Carmen Portinho²⁷ também foram importantes articuladoras dessas pautas. Maria Lacerda Moura, entretanto, distancia-se de Bertha Lutz

25 Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982) foi a primeira mulher no Corpo Legislativo brasileiro e participou da Assembleia Constituinte, em 1933, como delegada de São Paulo. (SAFFIOTI, 1969, p. 366 nota nº183)

26 Mais sobre o Estatuto da Mulher consultar: (SAFFIOTI, 1969, p. 365 a 373)

27 Maria Lacerda de Moura (1887-1945) nasceu em Minas Gerais, ingressou no magistério público lecionando pedagogia e higiene. Publicou vários livros em que expressa sua preocupação com a questão do analfabetismo no país e a luta feminista, por exemplo, *Em Torno da Educação*, de 1918. Colaborou com Bertha Lutz na fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher. Logo depois desliga-se da instituição, adotando uma postura mais radical, envolvendo-se com o movimento operário anarquista. Assumiu a presidência da Federação Internacional Feminina e, em 1921, ainda extremamente envolvida com as questões educacionais, lançou a proposta de inclusão no currículo de todas as escolas femininas a disciplina *História da Mulher, sua evolução e missão social*. Publicou vários livros, dentre os quais dois que tratavam especificamente ainda da questão feminina: *A Mulher e a Maçonaria* (1922) e *A Mulher Hodierna e seu Papel na Sociedade Atual e na Formação da Civilização Futura* (1923). **Carmen Portinho** (1903-2001), engenheira de formação, ingressa também na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Fundou em 1932 a União Universitária Feminina, visto a necessidade da emancipação econômica da mulher para que fosse possível a emancipação social e política e a valorização de iniciativas para que as mulheres pudessem ter acesso ao ensino superior e à prática profissional, em qualquer área. Além disso, recebe em 1987, um convite para participar de uma comitiva de mulheres que foi à Brasília entregar ao deputado Ulisses Guimarães a Carta das Mulheres aos constituintes, contendo propostas para a Constituição que estava então sendo elaborada. (LIMA, 2004, p. 35-43)

porque discordava da prioridade da luta pelo direito ao voto, considerando que seria uma conquista que só beneficiaria os segmentos médios, sem provocar grandes alterações na estrutura social do país (SOIHET, 2013). Carmen Portinho, por sua vez, teve uma expressiva atuação junto ao movimento feminista e foi importante nome da história da arquitetura e urbanismo brasileiro e por isso nos interessa em particular.

Como foi sua atuação à frente desse movimento pelo voto feminino?

Portinho: *Nas décadas de 20 e 30, eram poucas as mulheres que se formavam na universidade, mas esse número já começava a aumentar. Então, resolvemos fundar a União Universitária Feminina, para incentivar e ajudar as mulheres que se formavam. A associação foi fundada em 13 de janeiro de 1929, na minha casa, e de seu início participou também a Bertha Lutz. Estavam presentes: Maria Esther Ramalho, Sylvia Vaccani, Natércia Silveira, Ormind Bastos, Luiza e Amélia Sapienza, além de outras mulheres que agora não recordo o nome. Nós tínhamos a seguinte estratégia: sempre que uma mulher passava no exame para a universidade — em medicina, direito, engenharia ou qualquer outra área — procurávamos por ela e lhe oferecíamos o “Chá das calouras”, aliciando-a para a associação. Quando uma mulher se formava, oferecíamos o “Chá da vitória”, íamos buscar as mulheres uma por uma, de modo que isso se tornou muito conhecido. Nós nos dedicávamos muito e o feminismo era para nós uma luta muito importante. (...) Mas a União Universitária Feminina não foi a única associação que fundamos. Havia a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, criada em 1919, que era muito mais forte. A Federação foi iniciativa da Bertha Lutz*

que, em 1924, nos representou na Câmara, como deputada. Para a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino atraímos a Maria Eugenia Celso, escritora; a Ana Amélia Carneiro de Mendonça, primeira mulher presidente da Casa do Estudante; a Maria Luiza Bittencourt, advogada brilhante; a Joana Lopez, médica famosa, e muitas outras. Mais tarde, em 1937, criamos também a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas.
(PORTINHO, 1995)

Saffioti também sublinha a importância e atuação de um feminismo, aqui no Brasil, moldado por uma ideologia de “esquerda”, no sentido em que pretendia negar o *status quo* capitalista e que foi organizado por mulheres dos estratos médios e pobres da sociedade. Iniciou-se quando, na Primeira Guerra Mundial, elas organizaram-se em comitês a fim de obter roupas de lã para os soldados do *front*. Essas organizações foram crescendo, mas não havia uma de caráter nacional. Quando terminado o conflito, várias dessas associações decidiram organizar-se em debates. O importante é que participaram desses debates mulheres vindas dos morros, das favelas e isso atribuiu um caráter concreto à discussão. Esses movimentos desenvolveram-se primeiramente contra a alta do custo de vida e, posteriormente, em prol dos direitos da mulher. Tempos depois, em 1949, criou-se a Federação das Mulheres do Brasil.²⁸

²⁸ Durante o governo do Juscelino Kubitschek ficou proibido o funcionamento de grande número de associações femininas. No dia da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, criou-se a Liga Feminina do Estado da Guanabara em homenagem à primeira presidente da Federação das Mulheres do Brasil - FMB (falecida 10 anos antes). A Federação das Mulheres do Brasil teve atuação intensa apesar de curta, principalmente em relação ao alto custo de vida. Realizou estudos e com o resultado liderou a organização dos movimentos contra a elevação do custo de vida e entregou a João Goulart um memorial com mais de 100.000 assinaturas propondo medidas de combate à alta do custo de vida.

Em termos gerais, a década de 1960 é um momento de destaque para as lutas das mulheres no contexto ocidental. Nos primeiros anos dessa década foi lançada a pílula anticoncepcional, inicialmente nos Estados Unidos, e logo depois na Alemanha, e uma década antes, em 1949, Simone Beauvoir lança o *Segundo Sexo*, livro de importantíssima repercussão que vai refletir de forma profunda, histórica, social e filosófica sobre como o que se entende por mulher é uma construção social, sintetizado na clássica: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967). As mulheres pela primeira vez falavam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que quer não só espaço para a mulher no trabalho, na vida pública, na educação, mas que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que essas últimas tenham liberdade e autonomia para decidirem sobre suas vidas e seus corpos.

Aqui no Brasil, as décadas de 1960 e 1970, por sua vez, além de levantarem bandeiras como “Nosso corpo nos pertence” e “o pessoal é político”, segundo Cynthia Andersen Sarti (SARTI, 2004) foram significativamente marcadas pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964. Uma parte expressiva dos grupos feministas estava comprometida com a oposição à ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias.

O feminismo militante no Brasil, que começou a aparecer nas ruas, dando visibilidade à questão da mulher, surge, naquele momento, sobretudo, como consequência da resistência das mulheres à ditadura, depois da derrota das que acreditaram na luta armada e com o sentido de elaborar política e pessoalmente essa derrota. (SARTI, 2004, p. 37)

Segundo Sarti, o feminismo brasileiro, iniciando-se nas camadas médias (chamava-se “movimento de mulheres”), expandiu-se através de uma articulação peculiar com as camadas populares e suas organizações de bairro, constituindo-se em um movimento interclasses. Nesse momento, o movimento buscou alianças entre os grupos de esquerda e a Igreja Católica, no intuito de juntos, lutarem contra o regime autoritário e por isso, pautas que poderiam causar desacordo, como aborto, sexualidade e planejamento familiar permaneceram no âmbito das discussões privadas, nos “grupos de reflexão”. (SARTI, 2004, p. 39) Sarti destaca ainda outro traço particular do feminismo brasileiro, onde ele aproxima-se de outros movimentos sociais que vão lutar por suas demandas dirigindo-se ao Estado, tendo ele como promotor do bem-estar social. Nesse sentido, a participação das mulheres nos movimentos de bairro proporcionou a emergência de um novo sujeito político, questionando a condição da mulher e as identidades de gênero. Ela analisa então, que parece haver duas tendências principais dentro do movimento feminista no Brasil, nos anos de 1970: Uma mais preocupada com a atuação pública das mulheres, “nas questões relativas ao trabalho, ao direito, à saúde e à redistribuição de poder entre os sexos” (SARTI, 2004, p. 41) e que buscou influenciar políticas públicas utilizando canais criados dentro do próprio Estado; e outra, mais preocupada com o “terreno fluido da subjetividade, com as relações interpessoais, tendo no mundo privado seu campo privilegiado. Manifestou-se principalmente através de grupos de estudos, de reflexão e de convivência.” (SARTI, 2004, p. 41)

A partir da década de 80, Sarti destaca que a volta das exiladas, com a influência do feminismo atuante na Europa, a experiência de viver uma organização doméstica distinta dos padrões patriarcais da sociedade brasileira, e o encontro com as feministas que aqui construíram um feminismo local, trouxe um novo panorama para o movimento brasileiro como reivindicações de

repartição mais justa do trabalho doméstico, serviços de creche e pré-escola, salários iguais para funções iguais. (SARTI, 2004)

A partir da década de 1990, o movimento feminista reivindica uma maior pluralidade em seu âmbito, que reconheça diferentes identidades e especificidades das mais variadas condições em que se encontram as mulheres: mulheres negras, brancas, não-brancas, indígenas, lésbicas, transgênero e transexuais de diferentes classes sociais.

Sarti aponta que pesquisas etnográficas desenvolvidas nos anos 1980, demonstraram que, para as mulheres pobres, por exemplo, a questão ontológica do ser mulher se fundava no valor da família e da localidade e a sexualidade inexistia como uma realidade autônoma, com significação em si. Dessa forma, evidenciava-se o descompasso entre essa realidade e o discurso do feminismo que se instituiu no Brasil, destacando a relevância social e política de se pensar os limites do feminismo em sua perspectiva universalista.

Rita Segato valoriza o questionamento atual sobre o universalismo do movimento feminista, onde ela identifica três posições principais: A primeira, do feminismo eurocêntrico, que traz essa bandeira da unidade, que entende a dominação patriarcal como universal e que por esse motivo é possível transmitir às mulheres não brancas, indígenas e negras os avanços da modernidade no campo do direito e que, segundo ela, sustenta “uma posição de superioridade moral das mulheres europeias ou eurocentradas, autorizando-as a intervir com sua missão civilizadora-colonial/modernizadora” (SEGATO, 2012). O segundo, que é defendida por algumas autoras (María Lugones e Oyeronke Oyewumi), que no outro extremo, afirmam a inexistência do gênero no mundo pré-colonial. A terceira, onde ela diz se situar, e que é respaldada por uma grande acumulação de evidências históricas e relatos etnográficos, confirma a existência de nomenclaturas de gênero nas sociedades tribais e afro-americanas. Essa posição identifica

Se não foi possível, na forma como se manifestou o feminismo no Brasil, enfrentar a natureza híbrida de um movimento que, embora fundado em uma identidade, é ao mesmo tempo recortado por clivagens sociais e referências culturais muito distintas, isso aconteceu precisamente porque as mulheres não constituem uma categoria universal, exceto pela projeção de nossas próprias referências culturais. As mulheres tornam-se mulheres em contextos sociais e culturais específicos. A análise do feminismo, portanto, não pode ser dissociada do contexto de sua enunciação, que lhe dá o significado.
(SARTI, 2004, p. 44)

uma organização patriarcal²⁹ nessas sociedades, descrita como “patriarcado de baixa intensidade”, e que, no entanto, não considera eficaz a liderança do feminismo eurocêntrico. Neste grupo se constituiu uma situação paradigmática de resolução das tensões derivadas da dupla inserção das mulheres na luta pelos povos indígenas e na luta interna por melhores condições de existência para o seu gênero.

Carlas Gomes e Bila Sorj, por sua vez, argumentam que dentro do feminismo contemporâneo parece haver dois cenários em curso: Um que busca afirmação política identitária, que vê

²⁹ “(...) o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres. Essas expressões contemporâneas dos anos 70 referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões ‘subordinação’ ou ‘sujeição’ das mulheres, ou ainda ‘condição feminina’”. (DELPHY, 2009, p. 173)

a importância da demarcação das diferenças raciais, geracionais, de classe, gênero e/ou sexualidade. Este posicionamento busca na interseccionalidade, com o “feminismo interseccional” e “políticas interseccionais”, a interação das diferenças e reconhecimento das vozes subalternas do feminismo. “Jovens feministas, mulheres negras e, mais recentemente, ‘mulheres da periferia’ são exemplos de identidades que fortalecem este modelo” (GOMES e SORJ, 2014, p. 443). O outro busca que as diferenças sejam mobilizadas para uma definição mais universal da identidade feminista, ou seja, buscam marcadores de diferenças e experiências de desigualdade para alargar a identidade comum feminista, numa ideia de um universal mais inclusivo buscando desconstruir a naturalidade das diferenças e das identidades, posicionamento este que encontra respaldo na teoria *queer*, defendida por Butler. (Butler, 2008 apud GOMES e SORJ, 2014). Apesar disso,

É importante notar que os dois caminhos não parecem ser, a princípio, excludentes, visto que enquanto buscam espaços de militância que privilegiam a coalizão da diversidade, muitos desses atores atuam concomitantemente em movimentos segmentados, como o movimento de transexuais, de lésbicas e de mulheres negras, onde buscam tratar de questões “específicas”. (GOMES e SORJ, 2014, p. 443)

Essa distinção binária entre gênero e sexo, que outrora serviu para a definição do sujeito do feminismo encontra-se em debate. Discute-se hoje que gênero, sexo e prática sexual coexistem de forma independente e isso faz produzir uma multiplicidade de identidades que se definem como feministas. (GOMES e SORJ, 2014)

Saffioti parece trazer uma solução importante quando diz que não há um modelo feminista, mas uma perspectiva feminista:

Não se pode negar que haja uma perspectiva feminista, construída ao longo das lutas de mulheres por uma sociedade menos injusta. Que haja um modelo feminista já é, no mínimo, bastante discutível. A perspectiva feminista toma o gênero como categoria histórica, portanto substantiva, e também como categoria analítica, por conseguinte, adjetiva. Não existe um modelo de análise feminista. Não há, portanto, um modelo feminista; há uma perspectiva feminista que se traduz por diversos modelos. Ignorar as diferentes vertentes do feminismo é grave, pois homogeneiza uma realidade bastante diferenciada. (SAFFIOTI, 2001, p. 129)

E que certamente, a maior contribuição das correntes do feminismo tem sido a proposta de desconstrução das análises dualistas, abrindo caminho para um novo tipo de conhecimento com as contradições, desigualdades e inequidades inerentes à sociedade. (SAFFIOTI, 2001, p. 135)

Nota-se então que o movimento feminista, apesar de muitas vezes retratado como um movimento uno, é híbrido, e, vem questionando-se no intuito de lutar por direitos e mudanças que venham para todas as mulheres, dentro das suas diferentes identidades, desigualdades e contextos. De uma forma ou de outra é incontestável sua força para promover mudanças.

1.2 Mulheres na história da arquitetura

Este capítulo propõe-se a resgatar como se deu a entrada feminina na profissão de arquitetura e urbanismo e sua produção, principalmente no Brasil, no século XX. Vale ressaltar que, justamente pela quase inexistência de bibliografia brasileira es-

pecífica sobre o tema, fez-se necessário também um resgate histórico no contexto ocidental norte americano e europeu e as devidas associações com a realidade brasileira. Faz-se uso, para isso, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos por Ana Gabriela Lima referentes ao mestrado e ao doutorado (LIMA, 1999 e LIMA, 2004), por Elena Salvatori (SALVATORI, 2008) e por Flávia Sá (SÁ, 2010). Na primeira parte faz-se então um breve resgate da produção de conhecimento feminista, ou com foco na produção feminina dentro do campo da arquitetura, para posteriormente se analisar como se deu a entrada e atuação das arquitetas no recorte do século XX.

Se nos baseamos em bibliografias e referenciais estrangeiros é porque ainda carecemos destes materiais produzidos especificamente sobre a nossa realidade. Há um lado negativo neste fato, por dificultar a obtenção da profundidade e densidade desejáveis nos trabalhos sobre o tema. Por outro lado, nos dá a oportunidade de lançar um olhar mais abrangente, de situar o assunto não de uma forma restrita e absolutamente regional, mas de forma ampla e global. De qualquer forma, é preciso não perder de vista o fato de que a história das arquitetas latino-americanas é a história das colonizadas, e não das colonizadoras. (LIMA, 1999, p. 19)

A pesquisa feminista no campo da arquitetura se deu com maior abrangência nos Estados Unidos e na Inglaterra. Ana Gabriela Lima (LIMA, 2004) identifica algumas fases de desenvolvimento da produção do conhecimento sobre as mulheres na arquitetura e divide-a em três etapas. A primeira, até a década de 1970, que se ocupou de fazer um levantamento, identificação e documentação do trabalho das mulheres na arquitetura. Dessa primeira fase, ela destaca dois importantes acontecimentos: A publicação

do livro *From Tipi to Skyscraper* (1973) de Doris Cole e a exposição *Women in the Architecture: An Historical and Contemporary Perspective* que teve também a publicação homônima do catálogo e foi organizada por Doris Cole, Susana Torre e mais uma equipe de arquitetas, historiadoras e escritoras.³⁰

Aparentemente, na década de 1970, embora já estivesse presente a consciência de um desequilíbrio quanto ao reconhecimento do trabalho da mulher na arquitetura e quanto às suas oportunidades no interior da profissão, não estava claramente presente ainda uma perspectiva teórica ou metodológica de caráter deliberadamente feminista, sobre o pensamento arquitetônico.

(LIMA, 2004, p. 65)

A segunda etapa, vai até a década de 1980, onde houve um aprofundamento da reflexão, análise crítica, multiplicidade de pontos de vistas e preocupações pedagógicas dos estudos. Lima destaca a criação do *Internacional Archive of Women in Architecture* (1985). A instituição é voltada principalmente para reunir documentação sobre o trabalho das arquitetas anteriores à década de 1950. Além da publicação de dois importantes livros: *Architecture: a place for women* (1989) editado por Ellen Berkley e Matilda Mc Quaid e *Drawing/Building/Text* (1991) editado por Andrea Kahn.

³⁰ Respectivamente: Marita O'Hare, Gwendolyn Wright, Dolores Hayden, Judith Paine, Susan Fondiler Berkon, Sara Boutelle, Mary Otis Stevens, Jane McGroarty, Suzanne Stephens, Lucy R. Lippard, Naomi Leff, Carolyn Johnson. A exposição apresentava o trabalho de arquitetas de todo os Estados Unidos traçando um histórico da profissão. Ganhou espaço na imprensa especializada em diversos países. (LIMA, 2004)

A terceira etapa, acontece durante a década de 1990, com um expressivo aumento do número de publicações que tratavam do tema, erudição e novas perspectivas. Lima destaca a publicação de *Sexuality and Space* (1992) editado por Beatriz Colomina; *The Sex of Architecture* (1996), editado por Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Kanes Wiesman e *Architecture and Feminism* (1996), editado por Debra Coleman, Elizabeth Danze e Carol Henderson.

Lima destaca ainda que a concentração da produção de conhecimento sobre atuação da mulher no campo arquitetônico está nos Estados Unidos. Mesmo as latinas-americanas, Susana Torre e Diana Agrest³¹, ambas argentinas, migraram para os EUA em 1960, onde fizeram carreira.

³¹ “Susana Torre, associada ao Departamento de Arquitetura e Design do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, organizou a exposição “*Women in Architecture*”, em 1977, no *Brooklyn Museum*, escrevendo uma série de ensaios para o catálogo da exposição, do qual também foi editora: “*Women in Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*”. Susana Torre continuou organizando exposições e escrevendo, como também se envolveu com atividades de ensino. Foi diretora da *Cranbrook Academy of Art*, em *Bloomfield Hills*, e, anteriormente, titular do Departamento de Arquitetura da *Parsons School of Design*, em Nova Iorque. Também ensinou na Universidade de Sydney, Austrália, e, voltando aos Estados Unidos, na Universidade de Columbia, em Yale, no *Carnegie Mellon*, na Universidade de Cincinnati, na Universidade de Syracuse e no *New Jersey Institute of Technology*. Diana Agrest, como Susana Torre, atua em arquitetura tanto no campo do projeto e construção do edifício como no da crítica e teoria. É diretora do *Agrest and Gandelonas Architects*, fundado em 1980 em Nova Iorque. Trabalha como professora adjunta de arquitetura na *Cooper Union* e na Universidade de Columbia. Anteriormente lecionou em Princeton e em Yale, e, ali, foi associada ao Instituto para Estudos de Arquitetura e Urbanismo. Participa sistematicamente de palestras e mostras, atuando na pasta editorial do *Yale Journal of Architects and Feminism*. Além de seus numerosos ensaios e artigos, publicados em coletâneas e revistas, publicou, em 1982, o livro: “*A Romance with the City: The Work of Irwin S. Chanin*” (The Cooper Union Press, 1982); em 1991: “*Architecture from Without: Theoretical Framings for a Critical Practice*” (MIT Press, 1991) e, em 1995, “*Agrest and Gandelonas, Works*” (Princeton University Press, 1994). Em 1996, editou, junto com Patricia Conway e Leslie Kanes Weisman a antologia “*The Sex of Architecture*”. (LIMA, 1999, p. 67)

No século XX, assim como a grande maioria, o campo profissional da arquitetura e do urbanismo foi³² masculino. Dado isso, a produção feminina dar-se-ia com mais abertura e possibilidade de reconhecimento em seu formato impresso, que era considerado mais adequado às capacidades femininas. O registro escrito, no caso dos Estados Unidos e Europa, foi a porta de entrada para que as mulheres passassem a atuar no campo da arquitetura, partindo da esfera da vida doméstica para a da reflexão e formulação de propostas sobre a habitação. Ana Gabriela Lima (LIMA, 1999) cita três principais motivos: 1) A escrita era uma atividade aceitável para as mulheres, uma vez que era uma atividade que podia ser feita no âmbito privado, do lar; 2) Era uma área onde não havia competição direta em relação aos homens, já que estes dominavam a prática arquitetônica; e 3) Como administravam o lar - a casa - as mulheres se sentiam capazes de transmitir seus conhecimentos pela palavra escrita, no intuito de auxiliar a construção de melhores residências.

A casa passa, então, a assumir um importante papel na introdução das mulheres no campo arquitetônico. Mesmo sem preparo profissional específico, elas passaram a escrever sobre o ambiente doméstico, tarefas do lar e a configuração espacial da casa. Lima afirma que nos EUA no final do século XIX e início do século XX, algumas mulheres tiveram notoriedade como no caso de Catherine Beucher, que em 1841 publicou *“Treatise on Domestic Economic”* cuja versão ampliada, com a irmã Harriet Beucher, veio à tona em 1869 com o título de *“The American Woman’s Home”*. As irmãs Beucher propunham uma reestruturação da casa em torno da cozinha, racionalização dos serviços domésticos e flexibilidade na organização dos espaços sociais. Ainda nessa virada do século, uma série de revistas dedicadas ao assunto – casa

32 Atualmente o campo passa por um processo de feminização que será discutido mais adiante.

– com corpo editorial predominantemente feminino começa a circular, dirigindo-se a um público também feminino. Temos o *“The Ladies Home Journal”*, por exemplo, que teve entre suas autoras Christine Fredrick, que escreveu artigos sobre como trazer a eficiência científica para o lar, e até um livro, *“Household Engineering, Scientific Management in the Home.”* (LIMA, 1999)

Vale destacar o caso de Greta Grey que, na década de 20, já era uma autora com preparo profissional específico sobre o tema porque se formou em arquitetura pelo *Massachusetts Institute of Technology - M.I.T* e fez uma especialização em Artes Domésticas pela Universidade de Columbia. Ela defendia o financiamento do governo para a construção de habitações econômicas em grande escala e escreveu *“House and Home”* em 1923. (LIMA, 1999)

A produção das mulheres, nesse sentido, foi importante não apenas por conseguirem à sua época refletir sobre os problemas e propor soluções,

Tendo passado pela depressão de 1890, e mais adiante pelas grandes destruições das guerras mundiais, os arquitetos começaram a devotar cada vez mais atenção para a arquitetura habitacional, em grande escala ou não, e os movimentos de reforma urbana. Temas como a racionalização das atividades domésticas, a higiene, a distribuição espacial eficiente, que começaram a ser descobertos pelos homens, já vinham sendo estudados por várias autoras. Muitas das posturas introduzidas pelo Movimento Moderno já vinham sendo exploradas, e iam ao encontro das propostas e reivindicações femininas promovidas desde o início do século XIX. (LIMA, 1999, p. 58)

como também, preparar o terreno para uma nova geração que adentraria o campo teórico com força e expressão indo além do referente à casa.

Lima acrescenta ainda uma observação de Jonh Morris Dixon, que era editor da revista *Progressive Architecture* onde diz que, dentro do conjunto de escritores e teóricos da arquitetura que criaram um ambiente crítico das decisões sobre o ambiente construído, a maioria era de mulheres. Além disso, ela traz o estudo de Gwendolyn Wright que destaca quatro principais maneiras pelas quais as arquitetas americanas passaram a atuar no campo profissional desde o século XX: arquitetas excepcionais (com sacrifício da vida pessoal), desenhista anônima, profissional adjunta (historiadora, escritora, crítica, jornalista) e profissional das reformas sociais (buscando alternativas de habitação para população excluída ou marginalizada). (LIMA, 1999)

Com o avançar do século, a luta por acesso ao estudo universitário e por trabalho assalariado permitiu às mulheres trabalhos em outros campos e passam também a escrever não mais apenas como donas-de-casa que refletiam sobre o ambiente doméstico, mas como historiadoras, críticas e teóricas de arquitetura. Lima cita o exemplo de Jane Addams³³, que chegou até a ganhar um prêmio

33 Jane Addams (1860-1935) rejeitou o casamento e a maternidade em favor de um compromisso de vida para a reforma social. Inspirada por reformadores ingleses que residiam em favelas intencionalmente, Addams, juntamente com uma amiga da faculdade, Ellen Starr, mudou-se em 1889 para uma antiga mansão em um bairro de imigrantes de Chicago, *Hull-House*, que permaneceu sendo a casa de Addams para o resto de sua vida e tornou-se o centro de uma experiência em filantropia, ação política e pesquisa em ciências sociais além de ter sido um modelo para o trabalho de liquidação entre os pobres. Tendo rapidamente descoberto que as necessidades do bairro não podiam ser cumpridas, a menos que as leis municipais e estaduais fossem reformadas, Addams e outros moradores de *Hull-House* patrocinaram a legislação para abolir o trabalho infantil, criar tribunais de menores, limitar as horas de mulheres que trabalham, reconhecer os sindicatos, instituir a escolaridade obrigatória e ga-

Nobel da Paz em 1931 escrevendo sobre a necessidade de melhoria da qualidade do ambiente urbano, ambientes saudáveis de trabalho e moradia, propondo critérios de projeto mais humanos.

É importante ressaltar que esse campo de reflexões sobre o ambiente doméstico e o funcionamento da casa foi a porta de entrada para as mulheres no campo arquitetônico na Europa e nos EUA, mas aqui na América Latina isso se deu de outra maneira. Enquanto Beucher, em 1849, refletia sobre como racionalizar as tarefas domésticas, e que elas deveriam ser divididas entre os membros da família, a escravidão continuava em vigor no Brasil. Aqui, as mulheres que tinham acesso à educação e à cultura também desfrutaram de uma situação econômica onde tinham à sua disposição uma grande quantidade de empregadas/os. Logo, a casa e o gerenciamento do ambiente doméstico não constituíam um problema para elas. No caso das mulheres de baixa renda, era exatamente o emprego doméstico que permitia (e permite até hoje) a sobrevivência delas e de suas famílias.

No Brasil, Elena Salvatori argumenta que a história da profissão está relacionada a diversos aspectos, entre eles à mudança filosófica de visão de mundo com o crescimento das populações urbanas, o surgimento das novas classes sociais, a globalização da economia e a mudança do paradigma político brasileiro que passou de República para o Estado Novo nos anos de 1930. No decorrer do século XX, principalmente entre os anos de 1930 a 1980, diversos governos promoveram a realização de obras emblemáticas que utilizaram a forma da Arquitetura Moderna como símbolo de progresso do país. Uma dessas obras foi a pró-

rantir condições seguras de trabalho nas fábricas. Durante a guerra, ela falou em todo o país em favor do aumento da produção de alimentos para ajudar a lutar contra a fome na Europa. Após o armistício, ela ajudou a fundar a Liga Internacional das Mulheres pela Paz e a Liberdade, servindo como presidente de 1919 até sua morte em 1935. Fonte: <http://www.history.com/topics/womens-history/jane-addams>

pria construção de Brasília, inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek em 1960, valorizando o discurso sobre a importância social da arquitetura, sendo esta uma importante ferramenta para expressar uma nova imagem do país. (SALVATORI, 2008)

Do terço final do século XIX à Primeira Guerra Mundial, o Brasil experimentou o que se chamou de “Ilustração Brasileira”, época marcada pelo cientificismo e universalismo. Acreditava-se então, que o caminho para o progresso era único para todos os povos: assim era necessário somente que se acelerasse o passo para alcançar-se um lugar ao lado dos países mais desenvolvidos do mundo ocidental (...) A proclamação da República, em 1889, parecia ser o meio privilegiado para as mudanças, mas a I Guerra marcou o retorno a certo romantismo nacionalista, ao entendimento de que era necessário desenvolver o patriotismo, organizar a defesa da soberania e criar instituições que garantissem a ampliação da democracia. Uma questão que se impôs de forma crescente foi a busca por uma identidade nacional, gerando a discussão que se estendeu ao campo da Arquitetura, da Literatura e das Artes e que produziu a histórica exposição de Arte Moderna de 1922.

(SALVATORI, 2008, p. 54)

Segundo Lima, a participação feminina no mercado de trabalho no Brasil de uma forma geral, se deu de forma mais expressiva também a partir da década de 60, e foi no âmbito das preocupações sociais que as mulheres latino-americanas passaram a atuar no campo de produção de conhecimento sobre arquitetura. A imprensa feminista já discutia as imensas desigualdades sociais, injustiças e desvantagens de que eram alvo por conta das leis e

dos costumes brasileiros. “Algumas pioneiras aqui, ao contrário do que ocorreu em outros lugares, não se restringiram ao campo teórico ou prático, mas se dedicaram a várias atividades relacionadas à arquitetura.” (LIMA, 1999, p. 72)

É importante destacar que durante esse período instaurou-se a ditadura militar (1964) e que a categoria dos arquitetos era considerada esquerda política por usualmente possuírem um discurso humanista-social e identificação com experiências comunistas principalmente na área de habitação social, considerada assim “subversiva” pelo Governo Militar. Salvatori conta que mesmo seus mais influentes personagens, como Oscar Niemeyer (1907-2012) e Villanova Artigas (1915-1958) foram afastados das escolas e tiveram seus direitos políticos cassados. Além disso, é provável que o ensino tenha passado pelo seu pior momento, instituiu-se o serviço de censura aos meios de comunicação, revistas foram fechadas, a importação de livros foi dificultada, além de perseguição e exílio de alguns segmentos sociais. Contraditoriamente, foi um momento de grande ampliação profissional financiada pelo próprio estado. Foi instituído, em 1964, o Banco Nacional de Habitação (BNH), que incentivou a economia, permitiu o investimento no mercado e na construção, criou empregos. Foi criado também o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFAU), em 1966, que atuou de forma estratégica elaborando os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs), grande referência dos governos militares no Brasil. (SALVATORI, 2008)

Houve no campo da arquitetura um interessante fenômeno de feminização da profissão no decorrer do século, sendo hoje, as mulheres a maioria atuante³⁴. Esse fenômeno foi detectado

³⁴ De acordo com o censo CAU/BR de 2011, as mulheres representam 61% do total de profissionais em atividade. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/censo/resource/site/pdf/nacional/Folder-censo-CAU.pdf>

por Durand (1989) que mostra em seu estudo o crescimento da presença feminina em Arquitetura e em Artes Visuais, principalmente entre 1950 e 1980. No Rio Grande do Sul, por exemplo, no ano 1949, quando ocorreu a primeira graduação de estudantes de arquitetura do estado, somente um dos diplomados era mulher. A participação feminina foi crescendo até que em 1973 inverteu-se a predominância de gênero. (SALVATORI, 2008)

Flávia de Sá, (SÁ, 2010) após entrevistas feitas com arquitetas atuantes, conclui que elas se inseriram de diversas maneiras no mercado, mesmo em se tratando de lugares diferentes. Trabalharam em todos os tipos de projeto, desde arquitetura de interior até grandes edifícios, também como professoras, mas principalmente, no fim, como autônomas, abrindo seus próprios escritórios.

Desde o começo, portanto, a arquiteta [entrevistada] percebeu que a única forma de projetar em sua cidade seria montando seu escritório próprio, embora confesse que no início trabalhava de graça para formar uma carteira de clientes, até que no decorrer do tempo um projeto fora conquistando outro, permitindo-lhe estabilizar-se profissionalmente.

(SÁ, 2010, p. 53)

É raro conhecer, estudar sobre arquitetas que tiveram alguma atuação expressiva ou que tenha logrado reconhecimento na América Latina de uma forma geral. Lima fez um importante resgate sobre as arquitetas latino-americanas em sua dissertação de mestrado (LIMA, 1999), mas ela própria cita apenas algumas principais exceções: as brasileiras Carmen Portinho, Lina

Bo Bardi, a chilena Myriam Waisberg³⁵ e a argentina Olga Wainstein-Krasuk³⁶.

Vale destacar, aqui, a atuação da engenharia Carmen Portinho. Além da importante atuação na luta feminista como visto anteriormente, Carmen foi responsável pela criação do conceito de habitação popular, os conjuntos habitacionais. Consequentemente, ela tocou várias grandes obras nesse sentido.

Quando voltei ao Brasil, propus ao então prefeito do Rio de Janeiro a criação de um Departamento de Habitação Popular. Afinal, por motivos diferentes, a habitação popular também era um problema grave por aqui. O prefeito aceitou a proposta e acabou me nomeando diretora do novo departamento. Foi aí que me destaquei como engenheira e que minha carreira deslanchou, pois logo que assumi propus a construção dos primeiros conjuntos habitacionais. O primeiro, que foi construído na década de 50, é o conjunto residencial Pedregulho, em São Cristóvão. Foi a construção dos conjuntos

35 Myriam Waisberg (1919-2004) foi um arquiteta chilena, professora da Universidade de Arquitetura e Urbanismo do Chile. É considerada figura de extrema importância em questões envolvendo Patrimônio Nacional Chileno, principalmente sobre a região de Valparaíso. Publicou diversos livros, entre eles, *La arquitectura religiosa de Valparaíso*, 1990; *Las casas de Playa Ancha*, 1987 e *En torno a la historia de la arquitectura chilena*, 1978. Seu nome foi incluído na lista de arquitetas documentadas pelo IAWA – *International Archive of Women in Architecture*, que possui em seus arquivos uma coleção dos artigos e livros publicados por ela (LIMA, 1994).

36 Olga Wainstein-Krasuk (1939-) é também uma das poucas arquitetas latino-americanas contempladas pela lista da IAWA – *International Archive of Women in Architecture*. Foi Diretora do Centro de Estudos do Habitat e Habitação, patrocinado pela Organização dos Estados Americanos e pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires. Além disso, trabalha no escritório STAFF junto a Jorge Goldemberg (1928 a 2001) e Angela Teresa Bielus (1940), o qual tem suas obras principais voltadas para a habitação social.

habitacionais que me deu muito nome no Brasil e no exterior como engenheira. (PORTINHO, 1995)

Além disso, Carmen foi uma das primeiras engenheiras a ocupar um cargo público. Ela conta que quando nomeada diretora de Viação e Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro, o engenheiro que ocupava o cargo “torceu o nariz” porque provavelmente nunca havia visto uma mulher ocupando o cargo de engenheira na vida.

Dizem que não há discriminação contra a mulher no trabalho, mas há! Naquele tempo era ainda pior. Tanto que a primeira tarefa que esse diretor me deu foi a inspeção do para-raios instalado no alto do edifício antigo da prefeitura. Para fazer esse trabalho, teria que subir no telhado e ele achou que por ser mulher não conseguiria fazê-lo. Indiretamente, essa tarefa foi uma forma de discriminação: ele queria me testar. Ele queria me ver em cima do telhado! Mas se deu mal, porque quando era estudante eu pertenci ao Centro Excursionista Brasileiro e estava acostumada a fazer alpinismo. Para quem já havia escalado todos os morros do Rio de Janeiro, subir em um telhado era sopa! Muito mais difícil para mim foi saber como funcionava o tal para-raios.

(PORTINHO, 1995)

É difícil discorrer conclusivamente sobre a atuação e produção das arquitetas brasileiras, principalmente pela falta de pesquisa nesse sentido. Sabe-se, entretanto, mesmo que de forma empírica que, já sendo a maioria atuante na profissão, o reconhecimento e os cargos de chefia continuam sendo espaços de privilégio masculino. Alguns dados incontestáveis apoiam essa afirmação. Instituições como Conselho de Arquitetura e Urba-

nismo (CAU); Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) todas possuem atualmente -2016- diretores homens. O CAU/BR apresenta apenas seis mulheres entre os vinte e sete conselheiros regionais. O mesmo ocorre com as presidências, onde apenas sete são ocupadas por mulheres³⁷. Flávia de Sá relata em sua pesquisa, que alguns projetos publicados em revistas³⁸ não constavam nos créditos as atividades exercidas pelas arquitetas inseridas na equipe, mesmo que de renomados escritórios de arquitetura reconhecidos pelo nome de um profissional masculino. O mesmo se passou em caso de projetos de escritórios em que o nome do profissional titular vinha acrescido pelo termo “arquitetos associados”. (SÁ, 2010)

Salvatori argumenta que nas últimas décadas a arquitetura de interiores tornou-se um campo de serviços em ascensão e muitas profissionais ou escritórios desenvolvem exclusivamente essa atividade. A participação das mulheres no mercado de trabalho se tornou mais comum e mais fácil, segundo ela, em áreas de design e interiores do que nas tradicionais de arquitetura e urbanismo. Uma pesquisa realizada pelo CREA-SP³⁹ em 1997 esclareceu alguns dados importantes sobre o posicionamento da mulher no mercado de trabalho de arquitetura em São Paulo. Entre as profissionais com registro no órgão, 80% concordou que a proporção de mulheres nos cargos de chefia é menor que a dos homens. Em um recorte menor e mais recente, uma pesquisa realizada por alunos/as da Faculdade de Arquitetura e Ur-

³⁷ O conselho diretor, conselhos federais e presidências do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU estão disponíveis em: <http://www.caubr.gov.br/>.

³⁸ No caso a pesquisa da Flávia de Sá analisa as revistas Projeto Design e AU – Arquitetura e Urbanismo no período de 1991 a 2001. (SÁ, 2010)

³⁹ Antes da instauração dos Conselhos de Arquitetura (CAU), que ocorreu em 2010, o órgão que regulamentava a profissão de arquitetura e urbanismo era o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA).

banismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) que entrevistou vinte e duas profissionais em 2008, permitiu constatar que 50% delas atuam elaborando projetos de arquitetura de edificação e de interiores, 14% exercem a profissão com dedicação exclusiva a projetos de interiores, 9% atuam como docentes e 27% em outras áreas. Nenhuma das profissionais entrevistadas exerce a profissão elaborando exclusivamente projeto de edificações. (SÁ, 2010)

Sergio Teperman (TEPERMAN apud SÁ, 2010) traz um ponto importante para a discussão quanto à disponibilidade de tempo para se dedicar à profissão, no caso das mulheres. Ele diz que o que impede as mulheres de assumirem posições de direção, seja em escritórios ou empresas é a menor disponibilidade de tempo, já que para elas ainda há o ônus da tripla jornada de trabalho - o serviço doméstico/familiar. Segundo ele, é na faixa dos 30 anos, quando normalmente atinge-se uma posição profissional de destaque, o momento usual que as mulheres têm filhos/as, casa própria, etc. Esse período até que os filhos/as cresçam dura pelo menos 20 anos. Com 50 anos, no Brasil, já não há mais espaço profissional para se começar nada, assim, mesmo profissionais mulheres altamente qualificadas acabam por ocupar posições subalternas. A discussão sobre a “complicada” relação trabalho x família se dá apenas na esfera feminina, como uma preocupação que concerne apenas a elas. Infelizmente ainda é tido como responsabilidade exclusiva das mulheres não apenas o cuidado da casa⁴⁰ mas principalmente o cuidado com as filhas/os. Isso fica claro em alguns trechos das entrevistas feitas por Flávia Sá.

Rosana Ferrari tem quatro filhos, com idades de 21, 28, 31 e 32, três dos quais nasceram durante a graduação. Ela contou com

⁴⁰ Como já citado anteriormente, o cuidado da casa nessa faixa social normalmente é terceirizado, ou seja, acaba sendo um serviço contratado, mas ainda assim, praticado por mulheres, as empregadas domésticas.

o suporte da família para concluir o curso e, após se formar em 1981, decidiu dedicar-se exclusivamente à família por cinco anos, só iniciando sua vida profissional depois desse período. Acredita que hoje, com os filhos criados, tem liberdade para desempenhar seu trabalho e observa que as arquitetas no seu escritório demonstram conflito por terem que se dividir entre família e trabalho. (SÁ, 2010, p. 107)

Essa relação trabalho e família acaba sendo subestimada como o grande ator que é no processo de atuação, ascensão e reconhecimento dentro das profissões. Como assumir um cargo de destaque, se o trabalho exercido pelas mulheres acaba sendo três vezes maior? Estariam os homens nas posições de poder que estão se não houvessem mulheres assumindo seu trabalho doméstico e familiar?⁴¹ É imprescindível refletir sobre essa situação, tanto no campo arquitetônico como nas profissões de uma maneira geral.

Apesar disso, passos humildes estão sendo dados no sentido da visibilização da atuação feminina no campo, tanto por haver um processo de feminização da profissão por um lado, como pelo início de estudos e pesquisas que se propõem a discutir a questão da invisibilidade profissional das mulheres no Brasil, por outro. Tendo essa preocupação se iniciado com mais força principalmente a partir da década de 1990 nos Estados Unidos, essa reflexão vem chegando aqui, senão com um longo atraso (de 30 anos), mas com perspectivas de mudança, com expectativas que a discussão que relaciona o campo arquitetônico com as relações de gênero reflita em todas as áreas que concerne o campo: a prática profissional, projetual, teórica e crítica.

⁴¹ Para mais informações e dados sobre o tema ver: MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo e SHIRATORI, Ludmila. *Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?*. Rev. Estud. Fem. [online]. 2010, vol.18, n.2, pp. 547-566. ISSN 0104-026X.

2. OS MECANISMOS DE INVISIBILIDADE DA PRODUÇÃO FEMININA

Porque haviam decidido os historiadores ignorar a obra de quase todas as artistas mulheres? Eram exceções as mulheres exitosas ou eram simplesmente a ponta de um iceberg, submerso baixo as exigências de uma cultura patriarcal, que determina que as mulheres produzam filhos e não arte e que restrinjam suas atividades ao âmbito doméstico e não público?
(CHADWICK, 1998, p. 259)⁴²

⁴² “Por qué habían decidido los historiadores ignorar la obra que casi todas las artistas mujeres? Eran excepcionales las mujeres exitosas (quizás al punto de apartarse de lo normal) o eran simplemente la punta de un iceberg, sumergido bajo las exigencias de una cultura patriarcal, que determina que las mujeres produzcan niños, no arte, y que restrinjan sus actividades al ámbito de lo doméstico y no de lo público?” (CHADWICK, 1998, p. 259) Tradução livre.

2.1 A construção da história e da linguagem arquitetônica

Quando nós conhecemos apenas uma versão da história, corremos o risco de ela se tornar absoluta. Quando assumimos essa história como verdade, o preconceito passa a nos habitar. Quando reproduzimos esse discurso, provocamos uma violência contra o outro. Isso tudo acontece inclusive quando se tem a melhor das intenções.

(Chimamanda Ngozi Adichie)⁴³

A História usualmente é contada por uma perspectiva dos vencedores, dos dominantes, raramente dos vencidos, dos dominados. Essa situação se repete em diversos contextos, foi assim com a história das colonizações, por exemplo, (onde aprendemos que a história do país se inicia com a chegada dos colonizadores) das guerras e seus heróis. Como já dizia Walter Benjamin, a história cultural se identifica empaticamente com as classes dominantes.

(...) A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. (BENJAMIN, 1987, p. 222-232)

43 Chimamanda Ngozi Adichie (1977-) é uma escritora nigeriana. Teve sua obra traduzida para mais de trinta línguas, apareceu em inúmeras publicações, entre elas a *New Yorker* e a *Granta*. Recebeu diversos prêmios, entre eles o *Orange Prize* e o *National Book Critics Circle Award*. Vive entre a Nigéria e os Estados Unidos. Essa fala é de uma palestra para o TED: “O perigo da História Única”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs24Izeg>

Aprendemos que (...) inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só uma nova história das mulheres, mas uma nova história.

(GORDON e BUHLE apud SCOTT, 1989)

A importância disso é que a história é o que nos traz referência, e é também por meio dela que adquirimos conhecimento. Michelle Perrot, quando escreve sobre a invisibilidade das mulheres diz que “o silêncio mais profundo é o do relato” (PERROT, 2013, p. 17), que o relato da história construído pelos primeiros historiadores gregos ou romanos diz respeito aos “homens ilustres”, às guerras, aos homens públicos, ao espaço público, e o mesmo se passa com as crônicas medievais onde fala-se mais de santos do que de santas. “No teatro da memória as mulheres são uma leve sombra.” (PERROT, 2013, p. 22) Por isso, Benjamin diz que é necessário “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. Tese VII). Numa leitura de Michael Lowy, (LOWY, 2011) isso seria tomar em consideração a cultura dos vencidos, da tradição cultural dos oprimidos, da cultura popular desprezada e ignorada pela cultura oficial da elite.

Eric Hobsbawm, em seu livro de ensaios sobre a História, (HOBSBAWN, 1998), admite que todo estudo histórico implica uma seleção, “uma minúscula seleção” de algumas coisas das atividades humanas no passado e do que afetou-se por tais ati-

vidades, e que não há um critério claro para essa seleção, logo, “quando os historiadores achavam que a história era amplamente determinada pelos grandes homens, sua seleção era obviamente diferente daquilo que é quando não o acham.” (HOBSBAWN, 1998, p. 71) Por outro lado, ele argumenta que a história “progrediu” justamente por ter-se consciência hoje (pós década de 70) o quanto essa seleção é estreita e também por compreender que a história ainda está impregnada de ideologia e política. Por isso, faz-se necessário que seu próprio tema e objeto sejam de “tempos em tempos, colocados em questão, especialmente quando se lembra que suas descobertas resultam em consequências políticas indesejáveis.” (HOBSBAWN, 1998, p. 81)

Segundo Perrot (PERROT, 2009), o surgimento de uma História das Mulheres, portanto “uma história sexuada”, deu-se no início dos anos 1970. Ela aponta três fatores que contribuíram para essa produção: 1) a influência da Antropologia e da demografia histórica, que reintegram a família e o corpo na trama da história; 2) as sociólogas com sua presença crescente na universidade como estudantes e logo como docentes; e 3) movimentos políticos pela libertação das mulheres.

Todas as disciplinas são de alguma forma atingidas, e a História, disciplina, no entanto viril por sua sociologia e seus valores, especialmente na França, em razão do forte componente histórico de identidade nacional, passa a sê-lo a partir do começo dos anos 70. Cursos, seminários e colóquios contribuem para isso, enquanto mestrados e teses constituem uma “acumulação primitiva” de que a História das mulheres no Ocidente (Duby; Perrot, 1991-92) é uma primeira cristalização e legitimação.

(PERROT, 2009, p. 113)

Destaca-se aqui, que é fundamental e importante que a história tenha progredido como coloca Hobsbawn já que o desenvolvimento histórico é complexo e contraditório, mas que isso não elimina os rebatimentos que essa história dos grandes homens e dos vencedores, usualmente a história que se teve acesso até pelo menos 50 anos atrás, teve sobre a sociedade, pelo menos não ainda. O próprio Hobsbawn, na introdução de um desses ensaios presentes no livro comenta:

O autor não pode fazer mais do que constatar com embaraçosa surpresa que o ensaio [Da História Social à História da Sociedade] não continha nenhuma referência a história das mulheres. Como se sabe, esse campo mal começara a se desenvolver antes do final dos anos 60, mas nem eu nem nenhum outro dos que contribuíram para o volume [Estudos Históricos Hoje – 1970], entre os mais destacados da profissão – todos homens –, parece ter se dado conta da lacuna. (HOBSBAWN, 1998, p. 83)



Fig. 05: O casal Feliz, Jusith Leyster 1630 (Museu do Louvre)
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Judith_Leyster

As mulheres foram excluídas da história da arquitetura e da arte, assim como em diversos outros campos. Mesmo quando eram protagonistas de feitos, obras ou produtoras de conhecimento, a História encontrou maneiras de deixá-las invisíveis. Dörte Kuhlmann conta, por exemplo, o caso da pintora Jusith Leyster. O

Louvre de Paris adquiriu uma pintura, tida como umas das melhores de Frans Hals. Um tempo depois, descobriu-se que a pintura na verdade havia sido pintada por Jusith Leyster. Dado isso, os críticos mudaram de opinião sobre a qualidade do trabalho dizendo que ele mostrava a “fraqueza da mão feminina” e que a “força das pinceladas de um mestre eram para além da capacidade feminina” (KUHLMANN, 2005, p. 18).

Com os primeiros tratados – Vitruvius, Alberti⁴⁴– que marcaram sua existência enquanto conhecimento específico, a Arquitetura acabou por construir sua linguagem própria, a linguagem arquitetônica. Esses tratados explicam conceitos e traçam diretrizes sobre como utilizar conjuntos de elementos da composição e expressão artística, do que era e como deveria ser uma obra arquitetônica. Essa linguagem não se encerra nos tratados antigos e renascentistas, ela vem sendo construída e modificada com o passar do tempo. No modernismo, por exemplo, ela apresenta-se muitas vezes em forma de manifesto.

⁴⁴ Vitruvius, ou em latim, Marcus Vitruvius Pollio, foi um arquiteto romano que viveu no século I a.C. e deixou como legado o tratado *De Architectura libri decem* (Dez Livros sobre Arquitetura). Uma abrangente reflexão feita sobre a disciplina da arquitetura que procura requalificar a prática profissional em voga na Roma do Imperador César Augusto. Dividido em dez volumes, o autor descreve o ofício do arquiteto, condenando práticas clientelistas e equívocos sobre a arte edificatória. **Alberti**, ou, Leon Battista Alberti (1404-72) foi um humanista italiano, arquiteto, e principal iniciador da teoria da arte renascentista. Personificou o ideal renascentista do «*uomo universale*». Publicou em 1452 o *De reaedificatoria*, que não é um texto restaurado de Vitruvius, mas um novo trabalho. Tornou-se uma bíblia da arquitetura renascentista, pois incorporou e fez avanços sobre o conhecimento de engenharia da Antiguidade, e é fundamentada nos princípios estilísticos da arte clássica em uma teoria estética totalmente desenvolvida sobre proporcionalidade e harmonia. (Informações disponíveis em: Enciclopédia Britannica: <http://www.britannica.com/>)

Kuhlman em seu livro *Gender Studies in Architecture*, se propõe no sexto capítulo (KUHLMANN, 2005, p. 89) a refletir sobre como desde o início da construção dessa, que veio a ser chamada a história da arquitetura, ao menos em termos clássicos, a questão do gênero esteve sempre presente. Com a proposta de estudar a “origem” do gênero dentro do campo, ela vai buscar as relações simbólicas existentes no berço da arquitetura clássica, a Grécia Antiga. Apoiando-se no primeiro trabalho em inglês conhecido sobre arquitetura, de John Shute - *First and Chief Grounds of Architecture*, 1563 - Kuhlmann propõe-se a entender a simbologia existente na construção dos tipos de colunas gregas e sua relação com os corpos dos homens e das mulheres. Vitruvius em os *Dez Livros da Arquitetura* define a proporção da coluna dórica de acordo com o corpo masculino, e a jônica (mulher) e a coríntia (jovem virgem) com o corpo feminino.⁴⁵

6. Querendo eles colocar as colunas neste templo, não possuindo as respectivas comensurabilidades e procurando uma metodologia conveniente que lhes permitisse sustentar o peso e configurar uma manifesta elegância, mediram com exactidão a planta do pé viril e a reproduziram em altura. Tendo descoberto

⁴⁵ Ela aponta já uma importante contradição existente no primeiro capítulo do tratado vitruviano, ao contar a história das Cariátides na Acrópole. Segundo o mito descrito por Vitruvius, as Cariátides foram assim nomeadas por serem mulheres da pequena cidade de Carys que, após a derrota para os persas, foram trazidas pelos gregos como escravas. Elas foram usadas então como colunas em prédios públicos para suportar cargas pesadas, além de serem obrigadas a olhar eternamente para as ruínas do Templo de Atenas, pela destruição da qual levavam a culpa. Joseph Kykwent, entretanto, diz que existe uma discrepância entre a explicação teórica e a evidência material. Segundo seus estudos, antes mesmo da guerra na Pérsia, já haviam Cariátides como colunas nos tesouros em Delphi, e no caso, elas levavam ornamentos em suas cabeças e não aparentavam serem escravas oprimidas. (KUHLMANN, 2005, p. 95)

que o pé correspondia no homem à sexta parte da sua estatura, transferiram o mesmo para a coluna e, qualquer que fosse o diâmetro da base do fuste, elevaram-no seis vezes em altura incluindo o capitel. Deste modo, a coluna dórica começou a mostrar nos edifícios a proporção, a solidez e a elegância de um corpo viril.

7. Da mesma maneira levantaram depois um templo a Diana, procurando uma forma de novo estilo, com a mesma planta, levando para lá a delicadeza da mulher e dispuseram em primeiro lugar o diâmetro da coluna segundo a oitava parte da sua altura, a fim de que ela apresentasse um aspecto mais elevado. Na base colocaram uma espira imitando um sapato; no capitel dispuseram, à direita e à esquerda, volutas, como se fossem caracóis enrolados pendentes de uma cabeleira; ornamentaram a fronte com cimácios e festões dispostos como madeixas e por todo fuste deixaram cair estrias como o drapeado das sobrevestes de uso das matronas. Assim, lograram a invenção de dois tipos discriminados de colunas, uma viril, sem ornamento e de aparência simples, a outra, com a subtileza, o ornato e a boa proporção femininas.

8. Os que lhes sucederam, todavia, progredindo nos juízos formulados sobre elegância e a subtileza, e encantados com a aplicação de módulos mais gráteis, constituíram sete diâmetros de espessura na base, para altura da coluna dórica, e nove, para a jônica. E porque os Jônios foram os primeiros a criar esta ordem, ela foi chamada jônica. No que respeita à terceira, que se diz coríntia, apresenta-se com a delicadeza virginal, porque as donzelas, mercê da sua tenra idade, possuem uma configuração de membros mais grácil e conseguem no adorno os mais belos feitos. (VITRÚVIO, 2009)

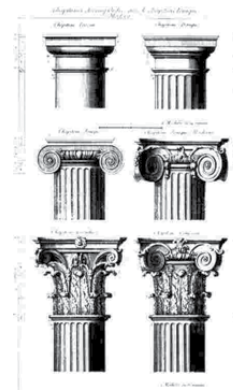


Fig. 06. Ordens das colunas gregas. De cima para baixo: ordem dórica, ordem jônica e ordem coríntia. Fonte: <http://arteifbairece.blogspot.com.br/>

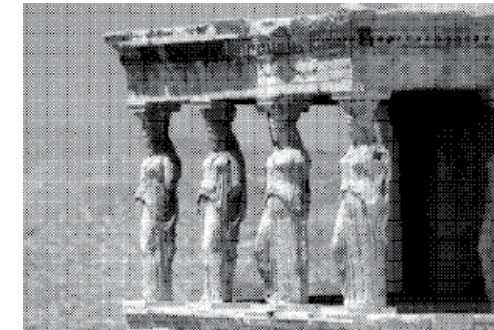


Fig. 07. Imagem das Cariátides. Fonte: <http://engenhariacivilgrupo3.blogspot.com.br/2013/02/7-as-cariatides-sao-colunas-com-forma.html>

Seguindo o exemplo vitruviano, Alberti também estava convencido de que as colunas gregas derivavam das proporções humanas. Ele inclusive nomeou-as de outra forma: *caput*-cabeça, *venter* - ventre e *planta* - sola. Filarete⁴⁶, também na mesma linha, classificou as colunas em três ordens: altas, médias e baixas, e para ele, independentemente da existência de pregas ou não (existente na ordem coríntia), o homem era a medida para todas as coisas.

Kuhlmann argumenta que a ordem dórica, que teria sua inspiração na figura masculina, tinha maior perfeição. Do ponto de vista teórico é normalmente postulado que a ordem dórica é a mais importante e seria superior a jônica e a coríntia. Vitruvius associava a construção de templos na ordem dórica para deuses que eram viris e severos, na ordem coríntia para divindades delicadas, e jônicas para divindades que estariam no meio, na

⁴⁶ Filarete ou Antoniodi Pietro Averlino (1400-69) foi um arquiteto romano, escultor e escritor. Entre 1460-64) escreveu o *Trattato d'Architettura* ("Tratado sobre Arquitetura"), que descreveu os planos para uma cidade ideal renascentista.

posição central do pensamento. Nessa mesma linha lógica, Alberti declarava que o templo das deusas deveria enfatizar beleza e elegância e o dos deuses, sinceridade. E todos concordavam que os edifícios mais importantes deveriam ser construídos na ordem dórica demonstrando sinceridade e dignidade. É interessante observar, entretanto, que apesar da teoria apresentada por ambos, nos edifícios existentes obedecendo à tradição clássica, a aplicação das ordens das colunas não se deu dessa forma. No geral, os prédios mais importantes e os templos foram construídos com a ordem coríntia ou com uma ordem compósita (mistura das ordens) e a explicação seria que do ponto de vista econômico, a ordem decorativa é mais cara e por isso mais valiosa. Nesse caso, a avaliação sexual de feminina ou masculina não foi levada em consideração, sem mencionar que os diferentes valores para as colunas também estavam associados ao seu uso em ambientes públicos e privados, dentro e fora, profano e sagrado. (KUHLMANN, 2005)

Toda tradição arquitetônica, ao menos desde o Renascimento, esteve associada à questão da proporção, e não apenas isso, mas a relação dos ambientes e dos espaços, com a proporção humana. A proporção perfeita, contudo, era baseada no corpo masculino, considerado o corpo perfeito.

O argumento inicial [do livro de Vitruvius], que o corpo humano representa a medida de todas as coisas na arquitetura, tornou-se o credo da história da construção ocidental. Entretanto, isso significava principalmente o corpo masculino, porque muitos filósofos e teóricos consideravam o corpo feminino como uma versão falha do corpo masculino.

(KUHLMANN, 2005, p. 100)⁴⁷

⁴⁷ “The initial argument, that the human body represents the measure of all things in architecture, became the credo of Western building history. However, this meant mainly the male

Vale destacar, como descrito acima, que as proporções de Vitruvius também incluíam as femininas. A caracterização das ordens clássicas era baseada em três sistemas com diferentes proporções cada um. A relação de comprimento x altura da ordem jônica é mais suave que da ordem dórica por exemplo. Segundo Kuhlmann, apenas quando Vitruvius estendeu a ideia de proporção para seu conceito de simetria⁴⁸ e beleza, é que a preferência unilateral da versão masculina se sobrepôs.

Na tradição arquitetônica, existem diversas inconsistências entre posições teóricas e práticas. A questão do “proporcionalismo”, por exemplo, não pode se apoiar em nenhum critério firme, como aponta o ensaio de David Hume e Edmund Burke (*On the Standard of Taste* – 1757 apud KUHLMANN, 2005 p. 103). Conclui-se nesse estudo que a beleza não pode ser expressa em regras matemáticas. As proporções do corpo variam de acordo com seu posicionamento além de serem individuais. Como escolher qual seria o parâmetro ou posição correta? Para eles, comparações entre corpo humano e arquitetura foram inicialmente desenvolvidos para fazer crescer o status profissional dos arquitetos e não com o propósito de desenvolver uma teoria metafísica da proporção.

Assim como Dörte Kuhlmann, Diana Agrest (AGREST, 2006) também se propõe a analisar textos renascentistas importantes, que segundo ela, são fundantes da ideologia arquitetônica ocidental, que originou as mais “extraordinárias metáforas” na construção de uma ideologia da arquitetura, a qual tem sistematicamente excluído as mulheres “por meio de um sutil mecanismo de apropriação simbólica do corpo feminino.” (AGREST, 2006)

body because many philosophers and theoreticians regarded the female body as flawed version of the perfect male body.” (KUHLMANN, 2005, p. 100) Tradução livre.

⁴⁸ Interessante refletir como os conceitos de simetria e proporção acabaram por tornar-se, na construção da tradição arquitetônica, quase como sinônimos, quando na realidade são conceitos diferentes. Coisas que mantêm uma proporção não necessitam ser simétricas e vice-versa.

Os textos do Renascimento que, por sua vez, recorrem aos escritos de Vitruvius, elaboram um discurso logocêntrico e antropocêntrico que situa o corpo masculino no centro do inconsciente das regras e configurações arquitetônicas. O corpo está inscrito no sistema da arquitetura como um corpo masculino que substitui o corpo feminino. As operações renascentistas de simbolização do corpo são paradigmáticas das operações da repressão e exclusão da mulher pela substituição de seu corpo. Em toda a história da arquitetura, a mulher tem sido substituída/deslocada não só em um plano social geral, mas de modo mais específico no plano da relação do corpo com a arquitetura.

(AGREST, 2006, p. 587)

Agrest acredita que o logocentrismo e o antropomorfismo⁴⁹ masculino fixaram as bases do sistema da arquitetura. Ela entende como “sistema da arquitetura” o corpo de textos e regras desenvolvido no Renascimento, que estabeleceu os fundamentos da arquitetura ocidental. Mesmo havendo rupturas ao longo da história, principalmente nas primeiras décadas do século XX, esse sistema permaneceu como alicerce básico do pensamento arquitetônico ocidental.

O importante é que essa questão da proporcionalidade com o corpo humano - e masculino, não esteve presente apenas no Renascimento, ela reaparece no modernismo principalmente por meio dos estudos de Ernst Neufert e Le Corbusier.

⁴⁹ Logocentrismo: Termo que critica o pensamento ocidental por sempre ter privilegiado o logocentrismo, isto é, a centralidade da palavra (“logos”), das ideias, dos sistemas de pensamento, de forma a serem entendidos como matéria inalterável, fixadas no tempo por uma qualquer autoridade exterior. As verdades que o logocentrismo ou “metafísica da presença” veiculam são sempre tomadas como definitivas e irrefutáveis. (Dicionário de Termos Literários: <http://www.edtl.com.pt/>) Antropomorfismo: 1. Atribuição de forma ou caráter humanos a objetos não humanos. 2. Doutrina que confere à Divindade forma, atributos e atos humanos. (Dicionário Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/>)

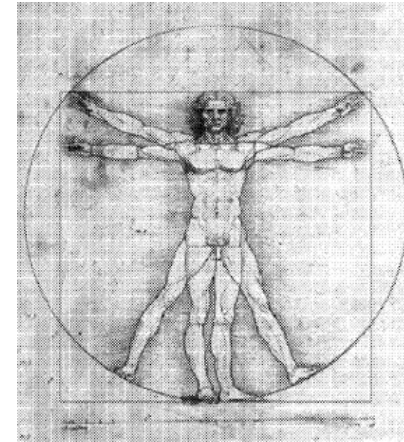


Fig. 08: O homem vitruviano
Fonte: <http://gazetavargas.org/a-morte-do-homem-vitruviano/>

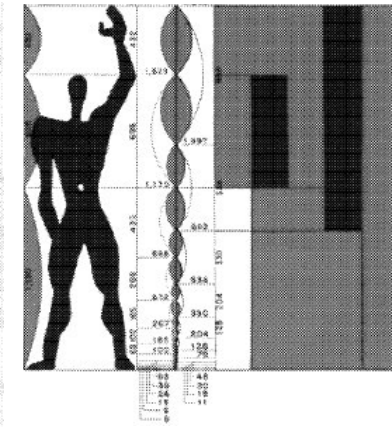


Fig. 09: O Modulor de Le Corbusier.
Fonte: <http://coisadaarquitectura.wordpress.com/2010/06/30/quem-acredita-no-modulor/>

Le Corbusier desenvolve o *Modulor*⁵⁰, que mesmo tendo variado de altura, ele defendia como um novo padrão universal. O contraditório é que o próprio Le Corbusier não fazia uso de seu padrão de proporção quando o desagradava e se enfurecia quando outros arquitetos de seu escritório justificavam decisões de projeto baseadas no *Modulor* (KUHLMANN, 2005, p. 103).

Já em relação a Neufert, além da padronização de alturas de degraus e medidas de banheiro (com medidas que derivam do corpo do homem), sua obra traz ilustrações onde as mulheres sempre aparecem em ambientes de serviços domésticos e os homens em ambientes dedicados ao estudo e à profissão, “propagando a cena contemporânea de família ideal no que diz respeito aos papéis de gênero” (KUHLMANN, 2005, p. 103).

⁵⁰ O *Modulor* inicialmente tinha 175cm, depois 183cm de altura e 226cm com braços esticados. Metade dessa altura como largura: 113cm. Com essa medida, 113 cm x 113 cm ele desenvolveu, utilizando a sequência de Fibonacci e a razão áurea, o que chamou de “red series” (séries vermelhas) e com sua dupla 226 cm x 226 cm “blue series” (séries azuis). (KUHLMANN, 2005, p. 103)

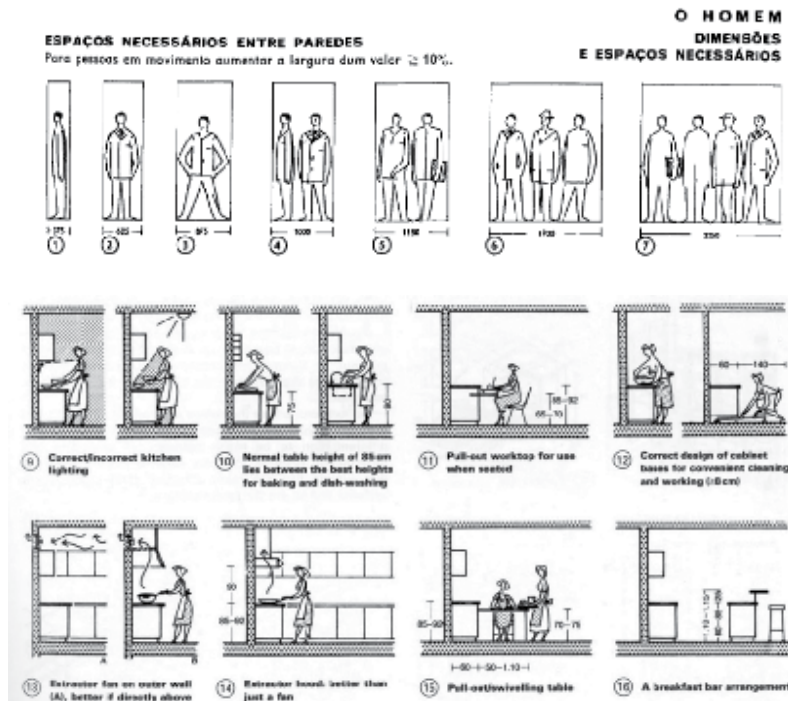


Fig.10 e 11: Imagens retiradas do Livro de Neufert: A Arte de projetar em arquitetura, 35ª edição, 1998.

Se considerarmos que o livro de Neufert de 1936 - Architect's Data, já foi publicado em mais de 30 edições e tornou-se um trabalho de referência para arquitetos ao redor do mundo, fica claro o quanto sua opinião sobre as proporções e dimensões ideais do corpo humano em relação a arquitetura reverbera até hoje.

(KUHLMANN, 2005, p. 105)⁵¹

51 "If we consider that Neufert's 1936 Baupunkturflehre [English title: Architects' Data] has by now been published in more than 30 editions and has become a standard work for architects worldwide, it becomes clear how much his influential opinion about the ideal dimensions and proportions of the human body in relation to architecture reverberates even today." (KUHLMANN, 2005, p. 105). Tradução do livro

Para além de questões relacionadas à proporção, Hilde Heynen (HEYNEN, 2005) faz uma reflexão sobre a modernidade e a domesticidade, argumentando que existe uma identificação entre modernidade e masculinidade e isso tem rebatimento claro no modernismo, que enquanto movimento artístico, é masculino.

A própria conceitualização da modernidade como a personificação da luta pelo progresso, racionalidade e autenticidade, sustenta também sobretons de gênero. Na medida em que modernidade significa mudança e ruptura, ela implica necessariamente, deixar o lar. Essa metáfora do estar "sem lar" é frequentemente considerada uma marca da modernidade (...). Como o lar é associado às mulheres e a feminilidade, a metáfora de "sem-lar" reforça a identificação da modernidade com masculinidade. (HEYNEN, 2005, p. 102)⁵²

Como não é de se espantar, diz Heynen, os grandes artistas modernistas, autores e arquitetos são predominantemente homens, e os cânones de diferentes campos contemplam apenas uma pequena amostragem de mulheres, mesmo que nas últi-

52 "The conceptualization itself of modernity as the embodiment of the struggle for progress, rationality and authenticity, also bears gendered overtones. In as far as modernity means change and rupture, it seems to imply, necessarily, the leaving of home. A metaphorical 'homelessness' indeed is often considered the hallmark of modernity (...) As the home is associated with women and femininity, the metaphor of homelessness reinforces the identification of modernity with masculinity". (HEYNEN, 2005, p. 102) Tradução Livre

mas décadas tenha havido uma importante contribuição por estudantes feministas, que tentam reinscrever as artistas e arquitetas mulheres na história das artes visuais, da arquitetura e da literatura. Ela destaca que apesar dessa dominação ter inicialmente a ver com as condições culturais e sociais da época, não se deve subestimar como os discursos modernistas reforçam e legitimam a superioridade assumida de qualidades masculinas, o que, conseqüentemente, facilita seu acesso ao papéis de heróis e líderes em detrimento de suas companheiras mulheres. (HEYNEN, 2005)

No discurso arquitetural, por exemplo, era muito comum na virada do século ver o ecletismo do século XIX ser condenado por seus traços 'afeminados'. Arquitetos como Hermann Muthesius, Adolf Loos ou Henry van del Velde defenderam as virtudes da simplicidade, autenticidade e integridade, contrastando estas qualidades sóbrias e viris com o sentimentalismo, ornamentação e ostentosas pretensões associadas ao ecletismo. Hendrik Petrus Berlage clamou por uma arquitetura moderna que personificaria o sublime – uma forma de beleza, ele explica, que difere da qualidade mais comum de agradar o olho, assim como a beleza masculina diferencia-se da beleza feminina.

(HEYNEN, 2005, p. 103)⁵³

⁵³ *"In the architectural discourse, for example, it was quite common around the turn of the century to see 19th century eclecticism being condemned for its 'effeminate' traits. Architects such as Hermann Muthesius, Adolf Loos or Henry van del Velde advocated the virtues of simplicity, authenticity and integrity, contrasting these sober and 'virile' qualities with the sentimentality, ornamentation and ostentatious pretensions associated with eclecticism. Hendrik Petrus Berlage called for a modern architecture which would embody the sublime – a form of beauty, he explains, which differs from the more common quality of pleasing the eye, just like male beauty differs from female beauty".* (HEYNEN, 2005, p. 103) Tradução Livre.

Heynen apoia-se também no livro de Christopher Reed (REED, 1996 apud HEYNEN, 2005) que argumenta que existe uma grande divergência entre domesticidade e modernismo. Para ele fica claro que arquitetos como Adolf Loos e Le Corbusier eram hostis à compreensão convencional de lar, a qual eles associavam a um sentimento de histeria e conservadorismo, tanto que advogam um novo modo de morar – a máquina de morar.

Outro fator importante e amplamente usado na escrita histórica é o uso do masculino genérico para se referir indistintamente a homens e mulheres. Essa prática configura-se como um artifício que atua a favor dessa construção unilateral. Apesar de parecer apenas um recurso linguístico usual, e nos acostarmos com a ideia que a palavra homem equivale necessariamente ao ser humano, essa prerrogativa nem sempre é verdadeira.⁵⁴ "Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: *eles* dissimula *elas*." (PERROT, 2013, p. 21) Isso é importante de ser destacado, já que essa aparente "equivalência" é extremamente usual e comum nos textos arquitetônicos.

Ana Gabriela Lima, no capítulo de sua tese de doutorado em que se propõe a revisitar a história da arquitetura (LIMA, 2004, p. 112) buscando discutir também a maneira como a construção da linguagem, o texto, pode estar carregada de distinções quanto às posições de homens e mulheres no campo profissional, elenca reflexões importantes. Os modelos linguísticos, segundo ela, são claros e categóricos para os homens; estes modelos usam termos "no masculino e para o masculino" e constroem narrativas viris e heroicas para descrever a história das obras arquitetônicas. Essa construção histórica não contempla a participação ou contribuição das mulheres onde, se aparecem, estão sempre em segundo plano, submetidas a uma "operação de eclipse" (LIMA, 2004, p. 135). A este eclipse, soma-se a estrutura da linguagem simbólica, onde elementos simbo-

⁵⁴ Para mais informações sobre essas reflexões ver: (CEVEDIO, 2003); (LIMA, 2004); (HUGHES, 1996).

licamente associados ao homem sobrepõem-se os elementos simbolicamente associados à mulher. O que Lima chama de “operação de eclipse”, pode ser tido aqui como processo de invisibilidade.

A construção da história e da linguagem arquitetônicas mesclam-se em um mecanismo de invisibilidade atuante e complexo porque, por um lado, a linguagem arquitetônica prioriza a figura/corpo/proporção/escrita masculina, de forma que ela vem sendo consolidada dessa maneira. Além disso, a história “tradicional” – geral e arquitetônica – apesar de apresentar importantes mudanças em sua reescrita, ou pelo menos mais atenta ao problema da sua delimitação de recorte, quando torna-se mais inclusiva e diversa, sofre muitas vezes de uma certa deslegitimidade, como se a história das mulheres por exemplo, dissesse respeito apenas a elas, tratadas como uma história de segunda ordem, como um anexo à história “universal”. Fazendo um paralelo ao que Hobsbawn declara,

Naturalmente não quero sugerir que não se possa ou não se deva distinguir entre história marxista e não marxista, apesar da heterogeneidade e imprecisão da carga que os dois recipientes carregam. Historiadores na tradição de Marx – e isso não inclui todos os que assim se intitulam – têm uma contribuição importante a fazer para esse esforço coletivo [o projeto intelectual coerente em que a história está empenhada]. Mas não estão sozinhos. Nem deveria o seu trabalho, ou o de quem quer que seja, ser julgado pelas etiquetas políticas que eles ou outros afixaram em suas lapelas. (HOBSBAWN, 1998, p. 10)

acredita-se que o mesmo é válido para a história das mulheres, ou seja, ela não deve ser julgada como partidária, feminista e por isso menos importante. Se toda a história é de certa forma ideológica e política, por que uma abordagem deveria ser mais ou menos importante que outra?

2.2 Gênero, violência simbólica e a mística feminina

Por sua sutileza, seu caráter difuso e onipresença, sua eficácia é máxima no controle das categorias sociais subordinadas. No universo das relações de gênero, a violência psicológica é a forma de violência mais maquinal e irreflexiva e sem dúvida, constitui o método mais eficiente de subordinação e intimidação.⁵⁵ (SEGATO, 2003 p.7)

O determinismo biológico define o gênero de acordo com o sexo e fixa que as ideias associadas tradicionalmente ao feminino (intimidade, recolhimento, interioridade, pudor e recato) sejam tidas como características atreladas ao sexo, ou seja, que as práticas sociais de homens e mulheres estariam incorporadas ao seu sexo biológico e não aos papéis sociais a eles/elas culturalmente impostos.

Essa visão determinista foi amplamente difundida no século XIX e início do XX, sendo corroborada inclusive pelos estudos psicanalíticos de Freud. Apesar de destacar a grande importância dos estudos psicanalíticos, principalmente aqueles que se propuseram a analisar a questão sexual, tema tabu na sociedade, Heleieth Saffioti (SAFFIOTI, 1969) observa que a tentativa

⁵⁵ *Por su sutileza, su carácter difuso y omnipresencia, su eficacia es máxima en el control de las categorías sociales subordinadas. En el universo de las relaciones de género, la violencia psicológica es la forma de violencia más maquinal, rutinaria e irreflexiva y, sin embargo, constituye el método más eficiente de subordinación e intimidación. Tradução Livre (SEGATO, 2003 p. 7)*

de Freud de buscar nos fatores anatômicos a explicação para traços psicológicos da mulher acabou por conduzir à mesma conclusão errônea e desfavorável que os mitos construídos a partir da biologia haviam levado: que o destino da mulher está impresso em sua anatomia.

Assimilando o ativo ao viril e o passivo ao feminino, a psicanálise freudiana legitimou cientificamente o velho mito, promovendo sua ampla aceitação nas sociedades baseadas na ciência e na tecnologia científica. Assim, acabou o mito da passividade feminina por se transformar numa verdadeira profecia autorealizadora. Acreditando na passividade como propriedade intrínseca da personalidade feminina, “verdade” afirmada pelos livros científicos. (...) passou à categoria de verdade suprema aquilo que não passava de uma hipótese científica, cuja rejeição o desenvolvimento da psicanálise iria permitir posteriormente.

(Robert Merton apud SAFFIOTI, 1969, p. 408)

A fim de tornar possível uma abordagem satisfatória da discussão, foi necessário recorrer aos conceitos de gênero abordado por Joan Scott (SCOTT, 1989) e Judith Butler (BUTLER, 1990) e (BUTLER, 2002), violência simbólica, por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2007) e violência de gênero por Heleieth Saffioti (SAFFIOTI, 2001).

Scott argumenta que o conceito de gênero foi criado com o intuito de opor-se a um determinismo biológico das relações entre os sexos, expondo seu caráter fundamentalmente social, “precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual”. (SCOTT, 1989, p. 18) Gênero, segundo ela, transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais.

Em uma narrativa tradicional, a história das mulheres teria surgido nos anos 60, com o movimento feminista exigindo que a historiografia resgatasse suas heroínas e explicasse a opressão patriarcal. Apesar de reconhecida pela academia, a história das mulheres acabou entendida, muitas vezes, como assunto que diz respeito apenas às mulheres, de forma que temas como guerra, economia e política não tivessem relação com as questões de gênero. Para Scott, essa visão coloca um desafio teórico, pois gênero é usualmente utilizado como sinônimo de mulheres, numa interpretação supostamente “despolitizada” e que não estaria filiado, *a priori*, a um questionamento sobre desigualdade ou poder tomando partido da parte “lesada”. Por isso, Scott propõe um uso de gênero de forma mais abrangente, incluindo as múltiplas relações entre homens e mulheres, suas hierarquias e relações de poder. O gênero seria, também, “a primeira maneira de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 77). Para entender as relações de dominação na história, é necessário entender o gênero, pois ele busca a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino, que aprisiona homens e mulheres, os quais a história deve libertar.

Judith Butler (BUTLER, 1990) vai ainda mais fundo e problematiza o conceito de gênero. Ela se propõe a desmontar a dualidade sexo/gênero partindo da premissa geral que sexo seria natural e o gênero construído. Para ela, aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído seria admitir que existe uma essência do sujeito. “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma.” (RODRIGUES, 2005 apud BUTLER, 1990 p. 25) Na leitura de Kuhlmann (KUHLMANN, 2005), para Butler, o sexo biológico é uma construção social e não um fator a-histórico ou a-cul-

tural como é normalmente aceito. O sexo biológico e a sexualidade são partes de um comportamento que define as pessoas. É claro que existem algumas características biológicas, mas a estimativa dessas características pela sociedade é arbitrária. Butler critica como o sexo, raça e idade, por exemplo, são usados para classificar pessoas e que isso implica que tais características contribuem de forma importante para a autoconsciência individual. Categorias biológicas como o sexo, e não apenas categorias culturais como o gênero social, são, em última análise construções do contingente social.

Butler diz ainda, que existe uma matriz excludente mediante a qual se formam os sujeitos e que requer a produção simultânea de uma esfera de sujeitos abjetos, dos que não são “sujeitos”, mas que forma o exterior constitutivo do campo dos sujeitos. Ela vai denominar isso de corpos que importam e corpos que não importam. Para ela, afirmar que o sujeito produzido dentro de uma matriz de relações de gênero, não significa suprimir o sujeito, mas apenas interessar-se pelas condições de sua formação e sua operação. Nesse sentido, a matriz das relações de gênero é anterior à aparição do humano. (BUTLER, 2002)

Se os atributos de gênero e atos, as várias maneiras nas quais um corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativas, então não existe uma identidade pré-existente pela qual um ato ou atributo pode ser medido; não haveria verdadeiro ou falso, atos de gênero reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira seria revelada como uma ficção reguladora. Essa realidade de gênero criada através de sustentadas performances sociais significa que

várias noções de um sexo essencial e verdadeiros ou cumpridores da masculinidade ou feminilidade também se constituem como parte da estratégia que esconde o caráter performativo de gênero e as possibilidades performativas para proliferar configurações de gênero fora do quadro restrito de dominação masculina e heterossexualidade compulsória.

(BUTLER, 1990, p. 141)⁵⁶

O importante a se destacar aqui é o quão importante o contexto social se apresenta nessa matriz de relações de gênero (suas hierarquias e relações de poder) seja para Butler, onde inclusive as normas reguladoras do sexo, para além das de gênero, são também socialmente construídas, como para Scott, que coloca o enfoque nas relações e não em um ou noutro sexo.

Para se refletir sobre o contexto social é válido trazer o pensamento desenvolvido por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2012). No intuito de fazer uma análise sociológica sobre as relações de poder e dominação na sociedade, ele desenvolve o conceito de violência simbólica, que seria um mecanismo do poder simbólico. Existem os poderes físico, econômico e simbólico, sendo este último o mais complexo, dado que é erroneamente reconhecido como perfeitamente legítimo e natural. Longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas,

⁵⁶ “If gender attributes and acts, the various ways in which a body shows or produces its cultural signification, are performative, then there is no pre-existing identity by which an act or attribute might be measured; there would be no true or false, real or distorted acts of gender, and the postulation of a true gender identity would be revealed as a regulatory fiction. That gender reality is created through sustained social performances means that very notions of an essential sex and a true or abiding masculinity or femininity are also constituted as part of the strategy that conceals gender is performative character and the performative possibilities for proliferating gender configurations outside the restricting frames of masculinity domination and compulsory heterosexuality.” (BUTLER, 1990, p. 141) Tradução livre

Bourdieu se presta a comprovar que elas são produto de um trabalho incessante de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos e instituições - família, igreja, estado e escola. Para ele, a questão do poder é um produto das relações entre as pessoas, assim como Scott pontua, e não uma qualidade inerente a elas e, em geral, está oculto nas formas não-questionadas de ver e descrever o mundo.

A violência simbólica constitui-se então pela reprodução contínua do sistema simbólico da cultura (signos, símbolos e crenças) que induz as pessoas a se posicionarem no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante, ao mesmo tempo em que naturaliza as relações de dominação.

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.
(BOURDIEU, 1998 p.9)

Apesar das críticas que Bourdieu tem sofrido,⁵⁷ Saffioti admite seu conceito de violência simbólica e dominação masculina:

A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos ... Neste sentido, a própria dominação constitui, por si só, uma violência. (BOURDIEU, 1998 p.15)

Saffioti, por sua vez, vai trazer o conceito de violência de gênero, que abrange como vítima tanto as mulheres, como crianças e adolescentes, de ambos os sexos. Faz uso do termo gênero já que nenhuma das categorias de sexo pode estar fora de todas as matrizes de gênero e o gênero é a maneira de significar as relações de poder, logo, nem homens nem mulheres podem situar-se fora dele. (SAFFIOTI, 2001)

57 Atualmente, Bourdieu é alvo de críticas por falta de reconhecimento de fontes primárias de pesquisa que eram mulheres. “Bourdieu, cujas reflexões insistem no caráter opaco e inerente da violência simbólica, nunca questiona como ele mesmo, na qualidade de representante da classe dos homens e da autoridade científica, contribui para a reprodução e a perenidade da dominação masculina. Nesse sentido, assim como Godelier (1978), representa a ‘tradição intelectual ocidental masculina que se recusa a teorizar sobre os privilégios associados ao estatuto dos dominantes porque isso colocaria em perigo o status quo’ (Hurtado, 1996).” (APFELBAUM, 2009, p. 79)

No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo esta necessidade de fazer uso da violência. Nada impede, embora seja inusitado, que uma mulher pratique violência física contra seu marido/companheiro/namorado. As mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens.

(SAFFIOTI, 2001, p. 115)

Tânia Mara e Lourdes Bandeira (ALMEIDA e BANDEIRA, 2014) também argumentam que é pela perspectiva de gênero que se entende a violência contra a mulher. Essa violência é desenvolvida por relações de diferença, de contraste, e ela tem fundamento distinto das outras violências. A violência contra as mulheres é gerada com ações violentas produzidas em contextos e espaços relacionais, interpessoais e tem cenários sociais e históricos não uniformes. A expressiva concentração deste tipo de violência ocorre sobre os corpos femininos e as relações violentas se dão porque são relações assimétricas de poder. Elas esclarecem também que o pensamento acadêmico, ao tentar explicar esse tipo de violência, defrontou-se com uma série de explicações conceituais que, por uma perspectiva feminista, podem ser resumidas em: a hegemonia do poder masculino que permeia as relações entre homens e mulheres; a condição

de subalternidade feminina, baseada na hierarquia de gênero; a reprodução das imagens do homem e da mulher e dos papéis atribuídos a ambos por meio da construção social da violência; a existência disseminada e invisível da violência nas relações familiares e sociais e a presença das assimetrias na organização das normas e regras sociais em relação ao comportamento de homens e mulheres.

Essa proposta de análise é importante para compreender os mitos femininos, ou como Betty Friedan (FRIEDAN, 1971) e Saffioti (SAFFIOTI, 1969) nomeiam, a mística feminina. São vários os mecanismos de invisibilidade atuantes na produção feminina, cada qual com sua particularidade e regras de funcionamento. A mística feminina, entretanto, permeia todas as relações de gênero e trabalho, age no plano simbólico e se apresenta também como uma forma de controle social, uma espécie de violência simbólica que atua especificamente sobre as mulheres.

Saffioti argumenta que o mundo físico não se deixa dominar pelo ser humano, com exceção do uso da técnica, já a vida social apresenta um alto grau de maleabilidade que torna possível moldar o comportamento humano nas mais diversas direções. Nesse sentido, as ciências humanas tornaram-se um instrumento para atingir objetivos substantivamente irracionais, uma vez que são de difícil comprovação, mas possuem um alto grau de aplicabilidade.

Betty Friedan também é precisa quando se refere à mística feminina como “o problema sem nome”, em seu livro - *The Problem that has no Name*, 1963 - que aborda especificamente o contexto americano no recorte dos anos 50, das donas-de-casa americanas. Aparentemente, não parecia fazer sentido a insatisfação (infelicidade, depressão) que as mulheres sentiam naquele momento. Como haveria solução para um problema que faz parte da condição feminina?

A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade ... O erro, diz a mística, a raiz do problema feminino no passado, é que as mulheres invejaram os homens, tentavam ser como eles, em lugar de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar realização na passividade sexual, no domínio do macho, na criação dos filhos, e no amor materno. (FRIEDAN, 1971, p. 40)

A mística feminina exerceu um papel fundamental de convencimento do que significava ser mulher, fazendo com que a ambição de toda jovem americana naquele momento fosse “casar, ter quatro filhos e viver numa bonita casa, num bairro agradável” (FRIEDAN, 1971, p. 19). Mesmo que no século anterior as feministas tivessem lutado por acesso ao ensino superior, tamanha foi a força que a mística exerceu sobre a população, (com grande au-

A mística feminina, elaborada com os requintes que as técnicas de comunicação de massa e a ciência da propaganda permitem, constitui-se num adversário mais forte para a mulher moderna do que os foram os preconceitos para as suas avós. Dentre outras razões, a força da mística deriva do fato de ela ser defendida por psicólogos, educadores e outros estudiosos das ciências do homem, tidos como os maiores inimigos dos preconceitos. Por paradoxal que possa parecer, as próprias ciências sociais se encarregaram de difundí-la e de conferir-lhe o prestígio de verdade científica incontestada.

Aquilo que não passava de tentativas iniciais de explanação dos fenômenos psicológicos, sujeitos portanto, a comprovação ou rejeições ulteriores, foi transformado pela reelaboração social que sofreu na verdade eterna sobre o caracter feminino. (SAFFIOTI, 1969, p. 414)

xílio da mídia e da publicidade) que as meninas iam agora para a faculdade com o objetivo de encontrar um marido. Nos Estados Unidos, segundo Friedan, a proporção de mulheres universitárias em relação aos homens caiu de 47% em 1920 para 35% em 1958. Em meados da década de 1950, 60% abandonaram a faculdade para se casar ou porque temiam que o excesso de cultura e educação fosse um obstáculo ao casamento.

Saffioti por sua vez, aponta algumas das importantes funções desempenhadas por esses mitos, tais como garantir a compatibilidade entre o sistema de parentesco e o sistema ocupacional por meio da figura do chefe de família, garantindo a este a exclusividade na ligação entre os dois sistemas; mistificar o papel de esposa e mãe, de modo que as mulheres sintam-se plenamente realizadas enquanto tal; enaltecer a atividade feminina em setores ocupacionais não disputados pelos homens; manter baixas as aspirações das mulheres a fim de evitar tensões que poderiam mudar a estrutura vigente. A exaltação da mulher enquanto esposa e mãe, e seu encaminhamento para setores de atividades abandonados ou nunca pretendidos pelos homens, aproveitando sua pretensa “vocação”, revelam, segundo Heleieth, (SAFFIOTI, 1969, p. 429) o esforço da sociedade em conservar-se.

Heleieth considera que há duas ordens que determinam a condição da mulher nas sociedades de classes. A primeira de ordem natural e a segunda de ordem social. Em relação à primeira, a questão da maternidade é utilizada (por parte da sociedade

Não só o empregador justifica os baixos salários em termos femininos, é a própria mulher que, insegura num mundo em que ela conta como uma variável a ser manipulada segundo as conveniências da situação, na qual não lhe cabe nenhum poder de decisão, no qual, enfim, ela joga com a desvantagem de ser mulher, situa seus alvos em planos pouco ambiciosos. O medo inconsciente do fracasso reduz suas aspirações e diminui seu ímpeto de realizar. Por isso ela busca integrar-se na estrutura de classes através das vias de menor resistência, em campos julgados próprios às características de seu sexo, em ocupações que, por serem pouco promissoras, mal remuneradas, e conferirem pequeno grau de prestígio, são julgadas inadequadas aos homens. (SAFFIOTI, 1969, p. 97)

e especificamente no caso da inserção da mão-de-obra de mulheres no mercado produtivo, por parte dos empresários) para justificar a inatividade profissional durante toda a existência da mulher, não levando em conta que esse momento de “inatividade” se atém ao fim da gravidez e à fase do aleitamento. Em relação à ordem social, alguns pontos merecem ser destacados. Ela cita, por exemplo, o alto índice de abstenção das mulheres no trabalho. Isso acontecia (e acontece ainda hoje), seja por motivo de doença própria, ou dos maridos e filhos/as que também faz com que elas se abstenham para cuidar da família. (SAFFIOTI, 1969, p. 87) Esses motivos associados à mística feminina (que ela pertence ao lar e suas funções devem se limitar às domésticas) acabam por gerar, naquele momento um “ciclo vicioso”, pois não parecia um bom negócio investir na car-

reira de mulheres pelos motivos citados acima e, portanto, a elas sobravam apenas as posições subalternas e os baixos salários. Somado a isso, a mulher da pequena burguesia podia optar por dois caminhos: casar-se e permanecer no lar, decisão esta que implicava certo prestígio que era medido pela ociosidade da esposa em relação ao marido, ou lançar-se ao mercado de trabalho aceitando as poucas e mal remuneradas oportunidades.

Dado isso, torna-se compreensível que, mesmo essa sendo uma situação narrada no início do século XX, ela tem rebatimentos claros ainda hoje no campo profissional. Heleieth conclui que essas duas ordens de papéis que supostamente a mulher deveria se ocupar (trabalho no lar e extra lar) torna-se uma tarefa complexa e sobrecarregada. Se por um lado, a atividade ocupacional faz com que a mulher participe da vida comum e da cultura e a faz sentir-se menos insegura, por outro lado, existe também uma necessidade “subjéctiva e objectiva de se dar à família” (SAFFIOTI, 1969, p. 97) que é alimentada pelos arquétipos que a sociedade constrói em relação à mulher. Em outras palavras, a mulher acaba sendo levada a hierarquizar as funções que desempenha colocando as questões profissionais em segundo plano, quando do ponto de vista de uma integração igualitária, elas deveriam ser postas em planos de igualdade.

Entende-se, então, que o conceito de gênero surge da necessidade de reflexão e entendimento sobre as relações entre os sexos, das relações de poder que se estabelecem entre eles, e não de um ou de outro. Além disso, atuando no campo simbólico, a violência simbólica e a mística feminina encobrem a dimensão de seus efeitos sob a ideia de “verdade” tendo sido reforçada em determinados momentos até pelas ciências humanas e, atualmente, também pela publicidade e pela mídia. Dentro do campo arquitetônico, essa atuação poderá também ser verificada a partir do reconhecimento de diversos mecanismos que atuaram na produção profissional feminina frutos da violência e dos mitos, ciclicamente realizados e reafirmados.

2.3 Mecanismos de invisibilidade no campo arquitetônico

O que se discutiu anteriormente, aliado ao determinismo biológico, juntamente à sociedade patriarcal e ao machismo, possibilitando a violência simbólica e psicológica voltada contra as mulheres, aglutinam-se de forma complexa, em um contexto social repressor que concretiza-se em mecanismos de invisibilidade da atuação profissional e produção de conhecimento de mulheres em diversos campos profissionais, inclusive no arquitetônico.

Portanto, propõe-se refletir, quais foram e de que forma atuaram esses mecanismos de invisibilidade. Mecanismo entendido como parte de uma estrutura, peças dispostas de maneira que se obtenha um resultado determinado, ou seja, os modos de funcionamento da invisibilidade. Por meio de uma historicidade do conceito e das relações de gênero dentro do campo arquitetônico, somado à maneira como o próprio campo se estrutura, pode-se elencar alguns desses mecanismos de invisibilidade, tais como a mística feminina, o acesso tardio aos estudos, o discurso masculino de qualidade, importância e relevância da produção, a forma como se estabeleciam as autorias e co-autorias, entre outros. De que forma esses mecanismos contribuíram para que a produção das mulheres arquitetas fosse invisibilizada? Seria pertinente concluir que tais mecanismos ainda continuam a atuar?

Foram elencados abaixo alguns desses mecanismos que atuaram para a invisibilidade da produção profissional de mulheres. Alguns em âmbito geral, no campo do trabalho e profissional como um todo, e outros específicos do campo arquitetônico. Apesar de explicitados de maneira separada, é raro que esses mecanismos atuem dessa forma, pelo contrário, normalmente eles atuam concomitantemente. Justamente por serem várias vezes “confundidos” com a maneira como as coisas se dão, con-

fundidos com a realidade concreta, procurou-se compreendê-los separadamente, de forma a promover uma reflexão mais aprofundada sobre cada um, buscando percebê-los de maneira mais clara em suas relações. Além disso, ao explicitá-los e expô-los, se torna possível entender as razões pelas quais as mulheres não protagonizam a história da arquitetura e do urbanismo. Tornar esses mecanismos visíveis é importante para que estes não mais passem despercebidos.

2.3.1 A Divisão Sexual do Trabalho

Enquanto o homem deve esforçar-se por aprofundar seus conhecimentos em todos os campos do conhecimento, a mulher deve limitar-se a adquirir algumas noções gerais de literatura, arte, música ou natureza. Isto lhe servirá para que ela se dê conta da imensa pequenez de seu horizonte e da sua nulidade ante o Criador (...). O homem é sobretudo um criador, um defensor. Seu intelecto lhe predestina para a especulação e a invenção; sua energia para a aventura, a guerra e a conquista. As tendências da mulher se desenvolvem, em contrapartida, na manutenção da ordem e não na batalha; seu lugar está na casa, onde ela é a rainha. (John Ruskin apud Espegel, 2007, 79)

Segundo a definição do conceito defendido por Danièle Kergoat (KERGOAT, 2000), divisão sexual do trabalho é uma forma de divisão do trabalho social decorrente das relações de sexo cuja característica é a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva. Ou seja, aos homens cabe o trabalho criativo, novo, inventivo e às mulheres o

não-criativo, o de reprodução do conhecimento.

Somado a isso, a exaltação da mulher enquanto esposa e mãe, aproveitando sua pretensa “vocação”, mantém baixas as aspirações das mulheres a fim de não provocar tensões e consequentemente mudar a estrutura vigente. Essa forma de divisão social tem dois princípios organizadores: o “princípio de separação”, que determina que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e o “princípio de hierarquização”, onde o trabalho de homens seria mais valioso que o trabalho de mulheres.

A divisão sexual do trabalho não é um dado rígido e imutável. Se seus princípios organizadores permanecem os mesmos, suas modalidades variam fortemente no tempo e no espaço. Os dados da História e da Antropologia demonstram-no amplamente: uma mesma tarefa, especificamente feminina numa sociedade ou ramo industrial, pode ser considerada tipicamente masculina em outros (Milkman, 1987). Assim, problematizar em termos de divisão sexual do trabalho não remete a um pensamento determinista; ao contrário, trata-se de pensar a dialética entre invariantes e variações, pois se supõe trazer à tona os fenômenos da reprodução social, esse raciocínio implica estudar ao mesmo tempo seus deslocamentos e rupturas, bem como a emergência de novas configurações que tendem a questionar a própria existência dessa divisão. (KERGOAT, 2000)

Nesse sentido Joan Scott (SCOTT, 1991) argumenta que um dos terrenos responsáveis por essa divisão, ainda no século XIX, era o da economia política. Defendia-se, por exemplo, que o salário do homem deveria ser suficiente não só para sua própria subsistência, mas também para manutenção de toda a família, logo, em relação à esposa, levando em conta a atenção neces-

No discurso da divisão sexual do trabalho, oposições marcadas entre mulheres e trabalho, reprodução e produção, domesticidade e trabalho remunerado faziam da própria mulher trabalhadora um problema. Isso desviou a discussão das soluções das condições do seu trabalho, dos seus baixos salários, da falta de apoio social à criação dos filhos, que eram todos considerados sintomas da violação da diferença funcional “natural” entre homens e mulheres mais do que como causas de miséria das trabalhadoras assalariadas. Isso teve o efeito de estabelecer um único objetivo desejável: afastar as mulheres, tanto quanto possível, do trabalho assalariado permanente ou a tempo inteiro. (SCOTT, 1991, p. 474)

sária aos filhos, não era esperado que ganhasse mais do que o suficiente para seu próprio sustento. Ela destaca que tarefas que requeriam dedos delicados, paciência e perseverança eram consideradas femininas, enquanto força muscular, velocidade e habilidade significavam masculinidade. Disso surge a categoria “trabalho feminino”, resultado da decisão de contratação das mulheres para certos empregos e não outros.

No caso do campo da arquitetura essa divisão de trabalho poderia ser exemplificada pela ocupação dos homens como mente criativa e capaz de produzir grandes projetos e obras e das mulheres como um trabalho de manutenção, mecânico, invisível, que apesar de necessário, não tem reconhecimento.

Todos esses aspectos são relevantes para se compreender o machismo enquanto ideologia que legitima o controle econô-

mico e social e sua relação com o sistema político patriarcal, por uma crença de que os homens são superiores, e entender o processo de invisibilidade que as mulheres sofreram em relação à produção intelectual.

2.3.2 Machismo no ensino arquitetônico, o caso da Bauhaus.

Às mulheres foi não apenas negado o acesso ao ensino, como uma vez possível que elas estudassem, foram muitas vezes submetidas a um contexto preconceituoso e excludente que chamamos de machismo. Machismo segundo o dicionário, é “um comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher”. No campo político, definir o machismo exige mais complexidade. Mas o machismo não é só fruto de uma conduta individual, é uma ideologia, um sistema de ideias falsas que criam uma falsa verdade utilizada pelo sistema para manter a dominação e ampliar a exploração. A principal ideia é a de que as mulheres são inferiores aos homens e, portanto, não podem assumir determinadas tarefas ou ter determinados comportamentos⁵⁸. Ele foi responsável, assim como a divisão sexual do trabalho, por designar as áreas que seriam competentes ou não às mulheres.

No ensino especificamente de arquitetura, temos como um importante exemplo desse machismo no ensino, o caso da Bauhaus. A *Bauhaus Dessau* foi uma escola alemã de artes e arquitetura que funcionou de 1919 a 1933 na Alemanha. Com um sistema pedagógico inovador, era uma escola que se pro-

⁵⁸ Ana Pagamunici em “O que é machismo?” disponível em: <http://www.pstu.org.br/node/9022>

punha modernizar os modos de fazer e ver a arte. Foi geradora de diversos produtos e projetos notórios. O próprio prédio da escola, projetado por Walter Gropius, é uma importante referência arquitetônica (LIMA, 2004, p. 86). Pela primeira vez a República de Weimar permitiu o acesso ilimitado ao ensino superior (KUHLMANN, 2005, p. 19). Por direito, então, as alunas poderiam escolher livremente qualquer oficina já que os estatutos da Bauhaus aceitavam “qualquer pessoa sem antecedentes, independentemente da idade e sexo, cuja formação prévia seja estimada suficiente pelo Conselho de Mes-tres da Bauhaus” (ESPEGEL, 2007, p. 82). Entretanto, a realidade era diferente.

Carmen Espegel (ESPEGEL, 2007) esclarece que a política interna da Bauhaus a respeito das mulheres, tanto em relação a professoras quanto alunas, era bastante tradicional e convencional. Dörte Kulhmann (KUHLMANN, 2005) conta também, baseando-se em uma pesquisa da Magdalena Dros-te, que, apesar de terem sido oficialmente apresentadas 50 inscrições de mulheres e 100 de homens, descobriu-se posteriormente que o número apresentado havia sido o mesmo. As mulheres, apesar de terem que pagar taxas mais altas, eram encaminhadas após o curso introdutório para aulas de encadernação e poesia, tendo o acesso negado às aulas de arquitetura. Posteriormente, tecelagem tornou-se a única opção para mulheres, pois em 1922 as aulas de encadernação foram interrompidas e, em 1923, Gropius entrou em acordo com o chefe do departamento de poesia que as mulheres também não seriam mais admitidas ali (KUHLMANN, 2005, p. 19). Os professores argumentaram a falta de aptidão para reconduzi-las à oficina de tecidos. A única jovem docente da escola foi Gunta Stölzl como diretora do ateliê de tecidos.

Além disso, esteve sempre presente a questão discriminatória que explicitava a crença na incapacidade das mulheres

para exercerem uma série de competências tidas como masculinas. Sobre isso Ana Gabriela Lima esclarece:

Se as condições de admissão das mulheres na Bauhaus eram dificultadas, sem dúvida foi no reconhecimento das potencialidades e capacidades artísticas que a construção das diferenças entre homens e mulheres exerceu sua mais profunda e discriminatória influência. (LIMA, 2004, p. 90)

Vale ressaltar, em contrapartida, uma outra proposta de ensino que foi a Escola de Cambridge (*Cambridge School*). A escola funcionou de 1915 a 1945 e era voltada exclusivamente para o ensino de mulheres⁵⁹. Apesar de seu diretor, Henry Frost, ter um discurso machista, defendendo que as mulheres teriam melhor aptidão para arquitetura doméstica e os homens para projetos monumentais, na prática, a proposta de ensino não se diferenciava das outras faculdades e as alunas faziam todos os tipos de projeto e se mostravam igualmente competentes.⁶⁰ Tanto é verdade, que Lima conta que Frost admitia em seu escritório arquitetas formadas na escola. Eleanor Raymond, por exemplo, trabalhou com Frost de 1919 a 1935 e ao sair, estabeleceu seu próprio escritório durante a II Guerra Mundial. Ela trabalhou como diretora do departamento de desenho da *Radar School of The Massachusetts Institute of Technology* e em 1961 foi homenageada pelo *American*

⁵⁹ Não será retratada aqui a história da escola e seus pormenores por fugirem ao escopo proposto, mas para mais informações ver: (LIMA, 2004)

⁶⁰ COLE, 1973 p.87 apud (LIMA, 2004, p. 101)



Fig.12: Foto de Gunta Stölzl na credencial da Bauhaus. Fonte: en.wikipedia.org/wiki/Gunta_St%C3%B6lzl

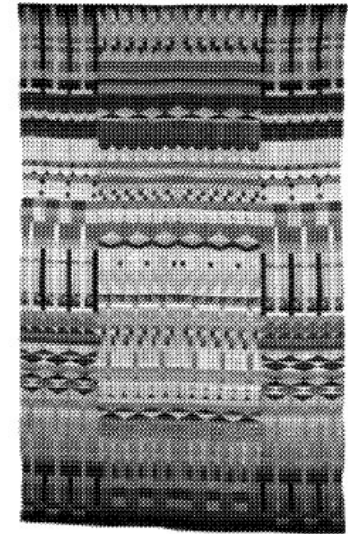


Fig.13: Imagem de peça de tapeçaria feita por Gunta Stölzl. Fonte: couleurblind.me/2011/08/23/gunta-stoelzl/

Institute of Architects ao ser eleita para seu *College of Fellows*. Lima destaca ainda, baseando-se em um estudo de Doris Cole (1973), que em 1930, 83% das graduadas trabalhavam na profissão e que mesmo as que se casaram, 60% delas continuaram em atividade.

Vale ressaltar que naquele momento e contexto, o ensino exclusivo parece ter sido uma boa estratégia contra o machismo existente na academia, promovendo um maior estímulo e autoconfiança em um ambiente onde as mulheres não competiam diretamente com os homens e mostravam-se igualmente capazes para cumprir com as demandas de estudo.

2.3.3 Arquitetas à sombra de seus cônjuges ou chefes

Essa é Casa de Paula Becker-Modersohn

A qual foi construída sobre os escombros de edifícios antigos.

Como testemunha do trabalho de nobres mulheres se

sustentará vitorioso

Quando a glória heróica dos homens se for.

Ludwing Roselius⁶¹

Quanto mais surgem novas pesquisas de cunho feminista, que se propõem a resgatar mulheres que estiveram apagadas no passado, seja da história da arquitetura ou de qualquer outra área do conhecimento, mais o fenômeno da esposa ou sócia invisível torna-se comum. Este mecanismo de invisibilidade, nomeado aqui de “à sombra de”, foi prática usual no campo arquitetônico. É impressionante descobrir que praticamente todos os “grandes arquitetos” ou “grandes homens” da história da arquitetura e do urbanismo tiveram esposas também arquitetas trabalhando ao seu lado, ou melhor, à sua sombra, no desenvolvimento de seus projetos. Quando não esposas, existem sócias ou co-autoras que não receberam qualquer crédito ou reconhecimento pelo trabalho desenvolvido⁶².

⁶¹ *Ludwing Roselius, 1926 apud (KUHLMANN, 2005, p. 25)*

⁶² Essa invisibilidade não é exclusiva das mulheres. Não só elas estiveram à sombra dos “grandes nomes” da arquitetura como normalmente toda a equipe que trabalhava junto a esses. Como será explicitado mais a frente, o “estrelismo” também é um mecanismo que atuou e atua no campo arquitetônico.

Carmen Espegel traz uma lista de arquitetas atuantes (ESPEGEL, 2007) e de produção expressiva no século XX, que foram invisibilizadas seja pelo seu companheiro de trabalho ou de vida (ou ambos). Aqui seguem algumas: Aino Marsio Aalto (Alvar Aalto); Alison Smithson (Peter Smithson); Carmen Portinho (Eduardo Affonso Reidy); Charlotte Perriand (Le Corbusier); Clara Porset (Luís Barrágan); Eileen Gray (Jean Badovici e Le Corbusier); Karola Bloch (Auguste Perret); Lilly Reich (Mies Van der Roche); Margaret MacDonald (Charles Rennie Mackintosh); Marion Mahony Griffin (Frank Lloyd Wright); e Ray Eames (Charles Eames).

Não cabe aqui contar a biografia particular de cada uma delas para saber exatamente como se deu esse processo de invisibilidade em cada caso, mas apontar esse mecanismo como tendo sido um dos importantes responsáveis pelo desconhecimento de figuras femininas enquanto grandes profissionais. É interessante saber, por outro lado, que várias delas, mesmo fazendo parcerias com os “grandes mestres”, não abriram mão de ter seu próprio escritório e/ou atuar de maneira autônoma. É o caso de Charlotte Perriand, Lilly Reich e Eileen Gray, por exemplo. Outro fator a destacar é que várias destas arquitetas mencionadas acima acabaram por trabalhar com o desenho de mobiliário ou a agora nomeada arquitetura de interiores. Tal atitude não se deu ao acaso, claramente naquele momento, entendia-se que as mulheres só eram capazes de desenhar no máximo um móvel, jamais um edifício monumental. Como exemplo disso pode-se fazer uso da conhecida fala de Le Corbusier como resposta à primeira vez que Charlotte Perriand pede para trabalhar em seu ateliê na rua de Sèvres, em 1927.

“Infelizmente, aqui, senhora, não bordamos almofadas.”⁶³

⁶³ RUBINO, Silvana Barbosa. Memórias de uma moça (nem tão) bem comportada. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 08, n. 089.01, Vitruvius, maio 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.089/3040>>

Dörte Kuhlmann aponta que os papéis de gênero são projetados nos casais de artistas (que trabalham juntos) e assume-se que a mulher desempenha um papel de suporte à atividade criativa e esta situação seria uma primeira possível justificativa para a invisibilidade feminina na história da arte e da arquitetura. Kuhlmann apresenta o estudo de Anita Zieher, que aponta um decréscimo da presença feminina nas profissões à medida que se exige mais responsabilidade pessoal e tomadas de decisão.

Será que isso leva à conclusão de que as mulheres não são “boas”, não são especialistas o suficiente para ter sucesso nessas profissões como estrelas? Na verdade, a pergunta é por que ao poder criativo da mulher é dado tão pouco reconhecimento público. O que acontece com as mulheres depois da formatura? Por que elas se movem para o segundo plano? Para onde elas desaparecem?

(ZEIHER apud KUHLMANN 2005, p.15)⁶⁴

Começam a aparecer, principalmente pós década de 1990, estudos e pesquisas focadas no trabalho de arquitetas que antes não eram conhecidas. Muita coisa tem sido feita principalmente nos EUA nesse sentido. Dessa forma, várias das arquitetas citadas anteriormente já começam a ter sua importante contribuição e produção revelada. No intuito de exemplificar a atuação desse mecanismo de invisibilidade, tomemos o caso

⁶⁴ “Does this lead to the conclusion that women are not ‘good’, not expert enough to succeed in those professions as stars? Actually, the question is why the creative power of women is given so little public recognition. What happens to women after graduation? Why do they move into the background? Where they disappear to?” Anita Zieherin (KUHLMANN, 2005, p. 15). Tradução livre

da engenheira/arquiteta Carmen Portinho, por ser brasileira e desconhecida,⁶⁵ apesar de ter participado da elaboração e construção de importantes obras na história da arquitetura nacional atuando principalmente em cargo público.

Carmen Portinho foi engenheira de formação e trabalhou no Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal, que naquele momento era o Rio de Janeiro. Foi casada com Affonso Reidy, arquiteto de grande renome na história da arquitetura brasileira, conhecido principalmente pelos projetos do Conjunto Residencial Pedregulho (1950-52) e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1954-1967). Ana Gabriela Lima, traz trechos do livro *Arquitetura Contemporânea Brasileira*⁶⁶, comparando-os com entrevistas que foram registradas em um livro autobiográfico de Portinho⁶⁷, onde fica claro como o trabalho de Carmen foi invisibilizado pela figura de Reidy.

Quase toda a sua carreira se realizou neste órgão oficial, onde ele se impôs rapidamente: tornou-se chefe da seção de arquitetura, chefe da seção de habitações populares e, repetidas vezes, foi diretor do serviço de urbanismo.

(Trecho do *Arquitetura Contemporânea no Brasil* sobre Affonso Reidy, p.223).

⁶⁵ Talvez, atualmente e felizmente, ela não seja mais tão desconhecida. É figura anônima entretanto, no ensino da história da arquitetura brasileira. Espantame profundamente, dada a importância de seu trabalho, tanto profissionalmente, enquanto engenheira e arquiteta, como enquanto feminista atuante, que não tenha ouvido seu nome, em nenhum momento sequer, ao longo de 5 anos de estudos, dentro da universidade.

⁶⁶ BRUAND, Yves, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, São Paulo, Perspectiva, 2002.

⁶⁷ NOBRE, Ana Luiza, *Carmen Portinho: o moderno em construção*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999 apud LIMA, 2004.

Trechos da entrevista do livro Carmen Portinho: o moderno em construção:

Ana Luiza Nobre: *Como funcionava o Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal?*

Francisco Bolonha: *Antes da Carmen Portinho, o Departamento elaborava e distribuía projetos de casas populares. Muitas casas nos subúrbios eram feitas com essas plantas. (...) Quando Carmen Portinho foi convidada pelo engenheiro Marques Porto para dirigir o Departamento de Habitação Popular, ela colocou como condição a realização do Pedregulho (1950-65). Ela sabia muito bem o que queria e tinha muitos contatos com o Correio da Manhã, o que lhe dava muita força. O prefeito Mendes de Moraes mesmo apoiou muito o Pedregulho e a Carmen.” (p. 139) (...)*

ALN: *Que relação o senhor faria entre a produção do DHP e a estratégia populista de Vargas? Até que ponto essa produção pode ser atribuída à política habitacional definida por Vargas, até que ponto deve-se ao empenho pessoal de Carmen Portinho?*

FB: *Tudo se deve a ela. Toda a produção do Departamento é projeto pessoal dela.” (p. 142)*

Lima traz outros exemplos de tais construções, onde ficam claras a valorização e admiração do trabalho de Reidy em detrimento do de Portinho. Vale destacar aqui, um que é mais emblemático nesse contexto, quando Bolonha afirma que foi a própria Carmen quem lançou o Reidy:

ALN: *O senhor atribuiria parte da segurança de Reidy em relação à estrutura à proximidade de Carmen Portinho?*

FB: *Foi a Carmen Portinho que lançou o Reidy. Ele era um grande profissional, um homem de cultura, mas era muito retraído. Foi ela que conseguiu o projeto de Pedregulho, o Museu de Arte Moderna. Ela conseguiu inclusive montar um escritório do MAM no Departamento de Habitação Popular, onde Reidy começou a desenvolver o projeto. Carmen foi uma grande política.” (p. 144)*

A exemplo da história de Carmen Portinho, várias outras arquitetas tiveram sua produção profissional invisibilizada pela figura do “grande arquiteto” que esteve à frente delas. Outro aspecto importante de se levantar é que, além de trabalharem com esses homens, várias destas foram suas esposas ou parceiras de vida. Este fator, associado à divisão sexual do trabalho, faz pesar sobre elas o serviço doméstico, e a responsabilidade sobre a criação dos filhos/as. Ou seja, não cabendo aos homens cumprirem com qualquer atividade associada ao lar ou ao cuidado com a família, o tempo dedicado à profissão é notadamente maior do que o disponível para suas companheiras. Essa situação encontra-se refletida ainda hoje, com a baixa quantidade de mulheres em cargo de chefia, por exemplo, mesmo que a quantidade de mulheres inseridas no mercado de trabalho tenha-se ampliado notoriamente.⁶⁸

⁶⁸ Essa situação não se deve somente ao fator da divisão sexual do trabalho, mas ela exerce, junto a outros mecanismos citados aqui que atuam em diversas profissões, grande peso. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgados em 2012, as mulheres brasileiras gastam, em média, 26,6 horas semanais em afazeres domésticos, enquanto os homens dedicam apenas 10,5 horas. Os homens brasileiros desocupados efetuam um pouco mais de tarefas do lar (quase 13 horas por semana), mesmo assim bem

2.3.4 O círculo privilegiado e o estrelismo no campo arquitetônico

O sistema de estrelas da profissão é definitivamente dominado pelos homens e exclui as mulheres. O campo encoraja a adoração do herói, e os heróis são todos homens. Eu já me cansei disso! (...) A história da arquitetura estuda a construção e o projeto tão somente como atividades dos “grandes homens”. Os livros tendem a ser sexistas, seja por omissão, seja por sua linguagem – mesmo quando são bons em outras áreas. Para contrabalançar essa situação, é necessário um esforço significativo, mas a maioria dos professores parece não perceber o machismo e, assim, não se esforça para combatê-lo.
(S. AHRENTZEN, L.N. GROAT, 1992)⁶⁹

Garry Stevens, em seu livro, *O Círculo Privilegiado* (STEVENS, 2003), se propõe a fazer um estudo social da arquitetura, ou melhor, do campo da arquitetura. Ele parte do pressuposto que “existe uma base social para o desenvolvimento intelectual” (STEVENS, 2003, p. 9), e pretende refletir sobre essa afirmação para compreender como se estrutura tal base social.⁷⁰ Segundo

menos do que as mulheres com atividade econômica (22 horas), afirma o instituto. (Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=14321)

⁶⁹ S. Ahrentzen e L.N.Groat, “*Rethinking Architectural Education: Patriarchal Conventions and Alternative Vision from the Perspectives of Women Faculty*”, *Journal of Architectural and Planning Research* 9, n° 2(1992): 100 apud STEVENS, 2003, p. 20

⁷⁰ Stevens se apropria do pensamento desenvolvido por Pierre Bourdieu para posteriormente analisar o campo arquitetônico sociologicamente. A discussão e suas reflexões são extremamente ricas e pertinentes, entretanto, não cabe aqui debruçar-se sobre todo o pensamento desenvolvido por ele. Apesar da sua importante análise, mostrando que o campo arquitetônico, pela maneira como se estrutura, é excludente e elitista, ele não traz o enfoque de gênero que

ele, existem duas principais formas de status ou poder que atuam no campo arquitetônico. O primeiro é o status profissional, no qual há uma competição entre os arquitetos pelo sucesso material ou econômico, o segundo, é o prestígio, ou status intelectual, no qual eles competem para ser reconhecidos como grandes criadores ou pensadores. Esse status intelectual, ou capital simbólico, configura o gênio arquitetônico.

Debruçando-se sobre esse mesmo tema, Denise Scott Brown, no artigo *Room at the Top? Sexism and the Star System in the Architecture* (SCOTT BROWN, 2000), parte de um relato pessoal para discutir o que ela chama de “o sistema de estrelato (ou estrelismo) na arquitetura”. O campo da arquitetura assemelha-se nesse sentido ao das artes, que enaltece a figura do “gênio” artístico. Ela esclarece que dentro desse pensamento de busca por uma referência e confrontando-se com a falta de uma definição padrão, com questões intangíveis de projeto, arquitetos/as selecionam um “guru”, cujo trabalho os ajude e inspire pessoalmente em áreas onde há poucas regras a seguir.

Por ter se casado com Robert Venturi no mesmo momento, segundo ela, que a fama também o alcançava, ela pôde perceber de perto a força e a valorização da “estrela” ou do “gênio” da arquitetura, somada ao machismo existente no campo, que a fez passar por diversos casos de discriminação e invisibilização de seu trabalho⁷¹. Ela esclarece, entretanto, que apesar de con-

é o que nos interessa. O próprio autor faz uma nota (p.34) explicando porque não abordou os estudos de gênero. Sendo assim, ressaltaremos alguns pontos da discussão que nos importam em particular.

⁷¹ Ela conta, por exemplo, como o livro escrito em colaboração com Robert Venturi e Steven Izenour - *Learning from Las Vegas* (Aprendendo com Las Vegas) teve repercussão como um trabalho apenas de Venturi. Apesar de solicitarem uma nota no início do livro descrevendo a natureza de colaboração, o pedido foi negado. Existe apenas uma nota escondida, mas o corpo do texto, o projeto de trabalho e as ideias escritas no livro foram atribuídas apenas a ele. Atual-

cordar com a definição de Budd Schullberg que a “qualidade de uma estrela é um misterioso amálgama de amor-próprio, vivacidade, estilo e promessa sexual” (SCOTT BROWN, 2000, p. 271), tal definição omite o fato que o estrelato também existe porque outros o fizeram estrela.

Estrelas não podem criar a si próprias. Porque arquitetos/as precisam criar estrelas? (...) Apesar de arquitetura ser tanto ciência quanto arte, arquitetos/as permanecem ou caem em sua própria estimativa e na de seus colegas se eles/as são bons projetistas e o critério para isso é mal definido ou indefinível.

(SCOTT BROWN, 2000, p. 261)

Scott Brown questiona-se então a necessidade de existir tal “sistema de estrela-estrelismo”, e reflete que dado o privilégio que damos ao projeto em detrimento de outras áreas também essenciais no campo da arquitetura, torna-se inevitável. Para mudar o estrelato existente, seria necessária primeiramente uma mudança no sistema de ensino. Além disso, ela defende, baseando-se em Cynthia Epstein, que o “sistema de coleguismo” também atua com o formato de um clube de homens e que a relação mentor-pupilo determina as maiores posições nas profissões e com isso a negação da participação das mulheres. E mais: segundo ela, a pós-modernidade não mudou a visão da arquitetura da maneira como ela esperava. Arquitetos/as perderam sua pre-

mente quando se pergunta sobre a autoria do livro, a maioria desconhece que se trata de ser um projeto colaborativo. Ou, quando solicitou a colocação do seu nome na capa de uma publicação que contava com entrevistas de vários arquitetos e havia apenas ela de arquiteta, responderam que o fariam, apenas se tal inclusão não estragasse com o design gráfico da capa. (SCOTT BROWN, 2000, p. 259)

ocupação social e a visão de “arquiteto-macho revolucionário” foi substituída pela de “arquiteto-tendência” e, como no mundo das artes, o culto à personalidade cresceu. Isso traça um quadro ainda pior para as mulheres, pois, em se tratando de arquitetura, a tendência é masculina assim como a obra-prima. Entretanto, ela analisa que esse quadro se dá com mais força no topo da carreira e como há muitas jovens mulheres arquitetas entrando na profissão, ela imagina que haverá um encontro no meio desse caminho e que quando esse encontro ocorrer será fascinante ver o que acontecerá.

É importante ressaltar que a extrema valorização da figura do gênio está atrelada ao mito de que o trabalho da arquitetura se configura como um trabalho autoral. Também nesse momento ela parece querer confundir-se com a obra artística. Ora, é viável que uma obra de arte⁷² seja pensada e construída apenas por uma pessoa, esse processo de trabalho, entretanto, jamais foi possível na arquitetura. Mesmo que o projeto tenha sido elaborado por uma única pessoa, situação que também se configuraria como uma exceção, ele seguramente foi executado por uma equipe. Encontram-se aí, então, alguns problemas: a valorização do criador perante o executor, a valorização de apenas uma etapa (o projeto) de uma obra arquitetônica perante as outras, e a valorização de apenas um autor, quando usualmente, inclusive a parte projetual é colaborativa, (vários projetos são imprescindíveis para a execução da obra, estrutural, paisagístico, complementar, etc.) sem contar os diversos outros conhecimentos que são necessários para a elaboração de uma obra arquitetônica.

⁷² Vale ressaltar que dentro da arte contemporânea a questão autoral também vem sendo discutida. Muitos trabalhos não são mais obras individuais, muitas vezes a criação é um trabalho coletivo assim como sua execução, ou ainda são fruto de apropriações, deslocamentos e outras operações que problematizam a questão da autoria.

Não apenas isso, mas existe também o discurso sobre a qualidade/importância e relevância dos projetos. Annmarie Adams e Peta Tancred em seu livro *Gender and the Architectural Profession* (ADAMS e TRANCREED, 2000) refletem que o que era considerada produção arquitetônica e seus requisitos de qualidade, eram limitados aos que os homens consideravam que deviam ser, assim como também ocorreu nas artes. Como resultado, a produção feminina foi negligenciada e ignorada.

Uma obra-prima é definida por meio de outras obras-primas e a um artista é dada importância em referência a outros artistas. Como só existem obras-primas feitas por artistas homens no passado, a referência será essencialmente feita por aqueles valores e a falta de representação das mulheres se estende ao ensino acadêmico devido a essa constelação. (KUHLMANN, 2005, p. 24)⁷³

Dado isso, pode-se concluir que a própria maneira como o campo arquitetônico estrutura-se faz com que apenas alguns indivíduos tenham reconhecimento, apoiado no mito do autor individual que se configura como um gênio (homem) da arquitetura.

⁷³ "A masterwork is defined by means of others masterworks, and an artist is awarded importance in reference to other artists. Since there were only masterworks by male artists in the past, reference will be mostly made to those values, and the lacking representation of women is continued in academic teaching due to this constellation". (KUHLMANN, 2005, p. 24) Tradução Livre.

2.3.5 Outros mecanismos

Alguns outros mecanismos que foram mencionados, mas não discutidos acima, também merecem destaque. Um deles é o **não reconhecimento da autoria feminina**, seja pela não atribuição de todos/as colaboradoras ou por assinatura apenas com sobrenomes /pseudônimos.

Carmen Espegel destaca, por exemplo, que as enciclopédias profissionais e os catálogos de arte em bibliotecas especializadas raramente citam as mulheres arquitetas, nem mesmo quando seu prestígio é bem conhecido entre os *experts* da profissão e, se eram nomeadas, o eram como se se tratassem de arquitetos. Elizabeth Eleonor Siddal foi, segundo ela, a única mulher reconhecida (nomeada) na história do desenho e da arquitetura no século XIX (ESPEGEL, 2007). Dörte Kuhlmann reitera essa afirmação quando menciona o estudo de Karen Burn's (KUHLMANN, 2005, p. 17), que aponta que, mesmo com várias publicações feministas de 1990, muito pouco desses textos foram incluídos na prestigiosa antologia da teoria arquitetônica publicada naquele momento e quando feito eram de autoria masculina. Mercedes Merino destaca também, que em muitas ocasiões, as mulheres temiam que seu trabalho não fosse levado a sério e acabaram assinando com pseudônimos ou apenas as iniciais do seu primeiro nome e sobrenome, sendo impossível detectar (e isso continua sendo um empecilho para o resgate histórico da produção feminina) se eram trabalhos de homens ou mulheres. Kuhlmann demonstra esse mecanismo logo na primeira página da introdução do seu livro *Gender Studies in Architecture* (KUHLMANN, 2005). Ela conta a história da física nuclear austríaca Lise Meitner, que após passar por todo tipo de preconceito e dificuldade para primeiramente conseguir estudar, já havia, no início de sua carreira, publicado vários artigos científicos (início do século XX), mas todos sob o nome de L. Meitner. A enciclopédia germânica *Bro-*

ckhaus, impressionada com os artigos de Lise solicitou a ela que escrevesse sobre a atividade do rádio. Como ela respondeu à solicitação utilizando seu nome completo, viu-se que se tratava de uma mulher. O editor então muda de ideia, dizendo que, jamais publicaria um artigo escrito por uma mulher.⁷⁴

Somado a esse mecanismo há também a **não divulgação das conquistas das mulheres através de prêmios ou outros reconhecimentos**. Merino destaca, por exemplo, que o primeiro prêmio Nobel recebido por uma mulher foi o de 1901, concedido a Marie Curie. Esta extraordinária física foi reconhecida em 1911 e, se tornou a primeira pessoa na história a ter um segundo Prêmio Nobel, desta vez em Química. No entanto, entre 1901 e 2006, apenas 12 (2,6%) dos 458 prêmios Nobel de ciência foram para mulheres.

Um gráfico publicado na revista *Metropolis Mag* desenvolvido pela *Women in Architecture* mostra que o Prêmio Pritzker desde 1979 até 2013 teve apenas 4,2% de ganhadoras e, em média, apenas 20% de sua equipe julgadora é composta por mulheres. Além disso, o prêmio *AIA Gold Medal* de 1907 até 2013 teve apenas ganhadores homens.

A partir das reflexões e conceitos expostos, explicitando que a violência simbólica e a divisão sexual do trabalho contribuem ativamente construindo comportamentos que, naturalizados, agem a favor da invisibilidade da produção de conhecimento das mulheres, seja no campo da arquitetura ou outro qualquer. Somados a estes, a mística feminina; o acesso tardio aos estudos acadêmicos; o machismo no ensino arquitetônico; a construção da história e da linguagem arquitetônica; as profissionais à sombra de seus cônjuges ou chefe; o círculo privilegiado e o estrelismo no campo arquitetônico; o discurso masculinista

74 L. Meitner, "The Status of Women in Professions", *Physics Today*, august 1960, p.17-21 apud KUHLMANN, 2005, p. 1

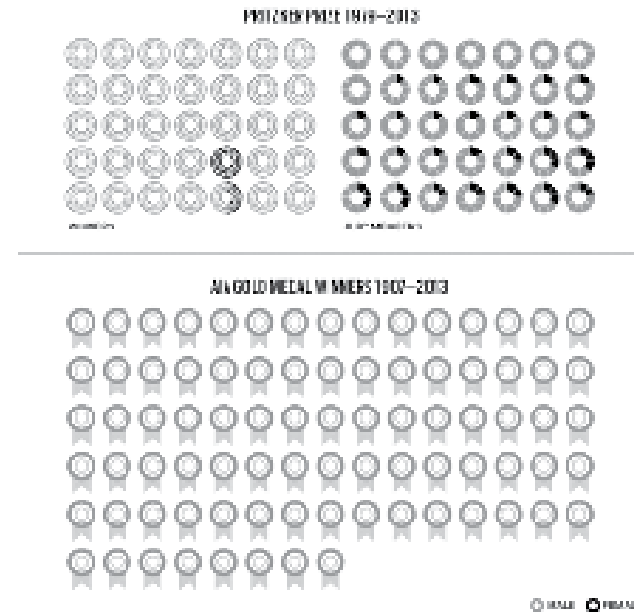


Fig.14: Gráfico *Women in Architecture*, via *Metropolis Mag*. Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>

no sobre a qualidade/importância e relevância dos projetos; o não reconhecimento da autoria feminina; a não divulgação das conquistas das mulheres através de prêmios ou outros reconhecimentos, entre outros, também aparecem como mecanismos atuantes nos textos abordados.

Vale ressaltar ainda que, os mecanismos apresentados não conseguem abranger todo o processo de invisibilidade da produção feminina, seja ela arquitetônica ou não. Com o intuito de discorrer um pouco sobre cada um deles, compreendê-los e refletir sobre a maneira como atuaram optou-se por separá-los, diferentemente da maneira como usualmente são encontrados

na bibliografia de apoio⁷⁵. Esses, que são conceituados aqui de “mecanismos”, não atuam separadamente, é inclusive provável que, todos juntos, sejam responsáveis pela ocultação das mulheres na história.

75 Acredito que justamente por atuarem concomitantemente, não há essa separação na bibliografia.

03. A PRODUÇÃO FEMININA NA ARQUITETURA IMPRESSA

E o que é esperado em cada fase da profissão? Isso nos é dito continuamente pela história, crítica e jornalismo especializados em arquitetura. Nesse sentido, a total, ou quase total ausência de mulheres como representantes dignas e legítimas do fazer arquitetônico ao longo da história, leva a uma evidente deformação da ideia do campo profissional o que, em alguma medida, acaba por contribuir para a percepção da disparidade entre homens e mulheres no que diz respeito ao reconhecimento do direito de protagonizar legitimamente a produção profissional em diversos estágios.
(LIMA, 2004, p. 112)

3.1. Arquitetura impressa e a construção da história da arquitetura moderna brasileira

O conceito de arquitetura impressa abrange, segundo Me-deiros, a “documentação, imagética ou por escrito, relativa à produção da arquitetura, desde os tempos antigos” (MEDEIROS, 2015). Ou seja, entende-se por arquitetura impressa toda a produção escrita sobre arquitetura, sem se restringir especificamente aos textos, incluindo também fotografias, desenhos, e até mesmo projetos, independente de obra construída.

No âmbito da razão, a arquitetura requer formulação e inteligibilidade. E é por meio da escrita que se torna parte integrante da vida profissional, como verificação da materialização da obra arquitetônica ou como meio de circulação livre do saber, do conhecimento, do projeto enquanto ideia, independente do mecenato, ainda que dependente dos editores e livreiros.

(MEDEIROS, 2015 p.5)

Há uma verdade que permeia todo o movimento da arquitetura moderna: ela se fez, também e senão primeiramente, por escrito. É substancial a importância que tiveram revistas como *L'Esprit Nouveau*, *De Stijl*, *Die Form*, *Architecture d'Aujourd'hui*, manifestos como o Manifesto Futurista, artigos, periódicos e jornais, que começaram a circular no início do século XX, num primeiro momento para discutir a necessidade e os fundamentos de uma nova arquitetura, e, posteriormente, para divulgar nacional e internacionalmente a arquitetura que aqui estava sendo feita. O material impresso torna-se fundamental na difusão, desenvol-

vimento e consolidação do Movimento Moderno na Arquitetura e Urbanismo em vários países. Isso porque é capaz de se reproduzir e ser transportado, o que é impossível ao edifício construído. (MEDEIROS, 2015)

Exemplo disso é a importante e inquestionável influência de Le Corbusier na arquitetura moderna. Para além da contribuição do que veio a ser considerada a primeira grande obra da arquitetura moderna brasileira, o Ministério da Educação e Saúde, a atuação de Le Corbusier, vale destacar, se deu principalmente por escrito. Diretor da revista *L'Esprit Nouveau* (1920-1925), que circulava internacionalmente e que trazia seus artigos e projetos, foi pelo meio impresso que Corbusier fez com que suas ideias chegassem a tantos lugares. Corbusier publicou também, em 1923, o livro *Vers une architecture* que, segundo Fernando Ramos, impactou o universo da arquitetura ocidental e criou seguidores espalhados pelo mundo, da Argentina aos Estados Unidos, e do Japão e Índia até o Brasil (RAMOS, 2011). Além disso, Corbusier tem autoria de um dos mais importantes marcos do movimento moderno internacional – a Carta de Atenas de 1931 – fruto de reunião da Sociedade das Nações – SDS, cujo foco era a preservação do patrimônio nacional e que também conta com a participação de outros importantes nomes do movimento, como Gropius, Meyer, Hitchcock, Taut, (MEDEIROS, 2015). A carta traz, entre outras coisas, diretrizes que deveriam guiar espacialmente, formalmente e urbanisticamente essa nova arquitetura.

Pensem em dois momentos cruciais, a emergência do chamado movimento moderno nos anos 1910-20 do pós-modernismo em meados dos anos 1960, e não há como negligenciarmos a importância dos textos, artigos e manifestos. Textos que debatiam com textos e com projetos, concursos concluídos com resultados diversos. Revistas que representavam pólos distintos de disputas por classificações e eleições. Modernos versus tradicionalistas,

nacionalistas versus cosmopolitas, racionalistas versus organicistas: foi por escrito que parte dessa luta simbólica, que forjou a trama da arquitetura dos últimos cem anos, foi tecida, reforçada ou esgarçada
(RUBINO, 2009, p. 21).

No Brasil, um importante marco da história da arquitetura moderna foi a publicação do livro *Brazil Builds* em 1943 e a exposição homônima organizada por Goodwin no Museu de Arte Moderna de Nova York. Segundo Mindlin, a publicação revelava uma nova produção, “repleta de charme e novidade” (MIDILIN 1999, pg.99) uma arquitetura que havia encontrado no Brasil sua expressão artística que teve um imediato e entusiasmado reconhecimento externo.

A publicação do *Brazil Builds* provoca uma importante discussão lembrada por Carlos Ferreira Martins, na introdução do livro *Arquitetura do século XX e outros escritos*, uma coletânea de textos escritos por Gregori Warchavchik (WARCHAVCHIK, 2006). Em sua introdução, Carlos Martins comenta sobre a crítica feita por Geraldo Ferraz ao *Brazil Builds* que, segundo este, desconsiderava a primazia da arquitetura paulista no movimento moderno, que contou com a primeira casa modernista do Brasil - projeto de Warchavchik e construída em Copacabana - além do projeto de Flávio de Carvalho para o Palácio do Governo no Rio de Janeiro. O texto do livro não apresenta as referências claras do papel desempenhado por Warchavchik. Além disso, as fotos da casa em questão aparecem sem legenda e ela é erroneamente localizada em São Paulo. Ferraz procura estabelecer uma narrativa diferente da que, até então, estava sendo consolidada a respeito da arquitetura moderna no Brasil, com a esperança de fazer “justiça para o velho pioneiro”(WARCHAVCHIK, 2006 p.17) .

Além do livro, posteriormente a revista *Anteprojeto*, dos estudantes da Faculdade Nacional de Arquitetura, publicou um álbum com o título *Arquitetura Contemporânea no Brasil* dedicando-o ao arquiteto Lucio Costa, “mestre da arquitetura tradicional e pioneiro da arquitetura moderna”.⁷⁶ Ferraz escreve então um artigo, intitulado *Falta um depoimento de Lucio Costa*, no Diário de São Paulo em 1948, exigindo um posicionamento do arquiteto para desfazer essa falsa informação em que começava a “ser baseada a história da arquitetura moderna”⁷⁷. Lucio Costa responde em outro artigo⁷⁸, onde diz que jamais contestou que Gregori Warchavchik tenha construído as primeiras casas modernas do Brasil, mas que o que se operou através da obra de Gregori foram as “sementes autênticas, em boa hora plantadas aqui por Le Corbusier, em 1937, que frutificaram”(WARCHAVCHIK, 2006 p.13), e acrescenta mais adiante:

Não adianta, portanto, perderem tempo à procura de pioneiros- arquitetura não é “Far-West”; há precursores, há influência, há artistas maiores ou menores: Oscar Niemeyer é dos maiores; sua obra procede diretamente da de Le Corbusier.
(Lucio Costa, 1948)

Carlos Martins procura refletir, recontando essas críticas elaboradas por Geraldo Ferraz, sobre esse lugar indefinido dado a

⁷⁶ Cf. Lucio Costa, *Sobre Arquitetura*. Porto Alegre: Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962, p.119 apud WARCHAVCHIK, 2006 p. 11

⁷⁷ Geraldo Ferraz, “Falta depoimento de Lucio Costa”. *Diário de São Paulo*, 1 fev. 1948 apud WARCHAVCHIK, 2006 p. 12

⁷⁸ Lucio Costa, “Carta Depoimento”. *O Jornal*, 14 de mar. 1948 apud WARCHAVCHIK, 2006 p. 12

Gregori Warchavchik no que Martins nomeia de trama narrativa clássica/usual da história da arquitetura moderna brasileira, dado que, segundo ele, a “mais significativa ação de difusão doutrinária da arquitetura moderna no país” (WARCHAVCHIK, 2006 p.20). foi um manifesto escrito por Warchavchik em 1925. O texto divulgado pelo arquiteto russo data de dois anos após sua chegada aqui, em defesa da arquitetura moderna, publicado originalmente em italiano no jornal da colônia em São Paulo e reproduzido em português no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1928, Warchavchik publica a série *Arquitetura do século XX* no jornal *Correio Paulistano*, que é o conteúdo do livro em questão.

Pode-se perceber assim a importância dos meios impressos de comunicação no debate dos ideais modernos tanto de arquitetura como de arte, literatura, música e teatro e também na difusão dos projetos, seja internamente ou para o exterior. Segundo Heloísa Cruz (PINTO, 2013), principalmente as revistas tiveram papel fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais. Também se colocavam como intermediárias entre o conhecimento acadêmico e o grande público por popularizar os termos técnicos, além de ser um espaço para textos curtos e provocativos. Rafael Pinto (PINTO, 2013) acrescenta ainda que mesmo quando não eram dedicadas à arquitetura, ela recorrentemente aparecia com destaque em páginas de todas as revistas da época, fosse através de propagandas, artigos, crônicas ou divulgação de concursos para os novos edifícios da cidade e tinham um caráter pedagógico de ensino e orientação da população. Fernando Ramos (RAMOS, 2011) diz ainda que as revistas assumiram o papel dos antigos tratados de arquitetura transformando-se nos “tratados do século XX” e acrescenta:

As revistas apresentaram ao “público” as propostas de uma nova forma de conceber e de fazer arquitetura. Esse “público”, alvo das publicações de vanguarda, não se restringe necessariamente aos arquitetos. As publicações são dirigidas por artistas, literatos e intelectuais de vários setores da produção cultural da época, e estão dirigidas às camadas mais amplas possíveis, eram vendidas na rua e nas academias, nos bares e nas estações de trem. Ainda que com tiragem reduzida, as informações veiculadas por elas passavam de mão em mão, criando verdadeiras correntes de dados que se espalhavam pelas cidades mais importantes da Europa continental.

(RAMOS, 2011, p. 62)

A arquitetura impressa vê-se assim, atrelada à divulgação e publicação de ideias, textos, projetos e manifestos que constituem importantes marcos para a arquitetura moderna brasileira. Não é demais chamar atenção ainda para o papel que essas publicações desempenharam na construção das narrativas nas quais se baseiam a própria história da arquitetura.

3.2 As revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*

Na realidade, seja no campo da arquitetura, do urbanismo ou da conservação, a teoria traduzida em textos e imagens, desenhos, fotografias ou ilustrações constituem, ainda hoje, um dos principais instrumentos de construção e propagação de valores. Urbanística, Architecture d'Aujord'hui, Revue du Patrimoine Mondial, lá fora e, no Brasil, a Acrópole, a Habitat, a Módulo e as atuais AU – Arquitetura e Urbanismo, Projeto ou a Revista do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituem exemplos suficientes desse fenômeno.
(MEDEIROS, 2015: p.7)

Pode-se perceber a relevância que a arquitetura impressa teve no contexto do século XX no Brasil. Tem-se então, de um lado a arquitetura impressa atrelada à história da arquitetura moderna brasileira e, de outro lado, associada também à história da atuação das mulheres dentro da profissão. No intuito de entender melhor essa atuação e representatividade, propõe-se então buscar a atuação feminina nas revistas de arquitetura de maior relevância no contexto brasileiro.

Clara Luiza Miranda (MIRANDA, 1998) conta que as revistas especializadas na área de cultura até os anos 70 viviam algumas dificuldades que afetavam sua sobrevivência. Circulação irregular, público restrito, alto custo de produção gráfica e dificuldades de comercialização estão entre elas. A partir da década de 1950 o problema se minimiza porque há um aumento de escolas e arquitetas/os formados além do surgimento de interesse internacional pela arquitetura moderna brasileira. A primeira revista que surge, de circulação regular, especializada em divulgar projetos de arquitetura, curiosamente resulta dos empreendimen-

tos de uma mulher, a engenheira e urbanista Carmem Portinho, que organiza as seções da *Revista da Prefeitura do Distrito Federal* (RPD), no Rio de Janeiro em 1932. Surge depois a revista *Arquitetura e Urbanismo* (1936-1941) como um órgão do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro (IAB/RJ), com a proposta de conectar o público e os profissionais de arquitetura (MIRANDA, 1998).

As revistas *Acrópole* e *Habitat* surgem em São Paulo com uma nova qualidade gráfica, proposta programática e tem um período de circulação mais vasto. A *Acrópole* surge nos anos da segunda guerra, e a *Habitat*, em 1950, quando há um campo cultural mais fortalecido que beneficia as artes plásticas e a arquitetura, e já em 1952 é distribuída em bancas de jornal e circula nas principais cidades do país e também no exterior. (MIRANDA, 1998). Além destas, surge também a revista *Brasil Arquitetura Contemporânea* BAC (1953-1958) e posteriormente a revista *Módulo* (1955-1964/1975-1989).

Dentro do panorama dessas principais revistas, as escolhidas para análise da atuação feminina foram a *Acrópole* (1938-1971), a *Habitat* (1950-1965) e a *Módulo* (1955-1964/1975-1989). O motivo para a seleção dessas três, além da importância dessas publicações no contexto do movimento moderno brasileiro foi também seu período de veiculação, entre as décadas de 1950 e 1990 que abarca com maior abrangência o decorrer do século XX. Abaixo segue um breve histórico e contextualização de cada uma delas.

3.2.1 Revista *Acrópole* (1938-1971)

A revista *Acrópole* foi fundada no ano de 1938 por Roberto A. Corrêa de Brito que além de dono da revista, até o ano de 1952, também comandava sua direção geral. A revista surge às vésperas da Segunda Guerra Mundial e, de acordo com Hugo Segawa, o título certamente

insinuava “a arte, a beleza e a monumentalidade de ‘templos e palácios’ da Grécia antiga”⁷⁹ e nascia arcaica ao olhar modernista e funcional que emergiria com força após o conflito mundial. Em 1953, a revista foi vendida a Max M. Gruenwald, que assume também sua diretoria geral até o encerramento da revista em dezembro de 1971. Segundo Maisa de Almeida (ALMEIDA, 2008) podem-se considerar essas como duas fases de evidente alteração da editoração da revista. A primeira (1938-52) é marcada por publicações de caráter mais comercial e relacionadas à decoração, além de informações imobiliárias com o encarte “*São Paulo Imobiliário*” que foi publicado a partir de 1940 até 1952. Na segunda (1952-71), a revista aperfeiçoa-se editorialmente. Foram reservados espaços para textos com temas específicos, geralmente publicados em série, além de textos complementares aos projetos publicados, a revista moderniza-se (começam as ilustrações coloridas) e procura adaptar-se à formação de um campo específico e a institucionalização da linguagem moderna na arquitetura brasileira. Segundo Miranda (MIRANDA, 1998), a revista lança discussões sobre problemas do crescimento da cidade de São Paulo e aponta a capacidade da arquitetura dar soluções para os problemas técnicos, funcionais e estéticos da cidade. É também nesse momento que existe uma colaboração mais forte de arquitetos (Luís Saia, Carlos Lemos), seja de forma direta ou indireta, salientando assim o valor da arquitetura moderna brasileira, enquanto área independente da engenharia, e do arquiteto, como verdadeiro criador da obra arquitetônica.

O sucesso da publicação [Construções Residenciaes – Eng. Arq. Eduardo Kneese de Mello, lançada por Roberto Correa anteriormente] incentivou o editor a lançar uma revista

⁷⁹ Hugo Segawa escreve a apresentação do projeto de digitalização de todas as edições da Revista *Acrópole* disponíveis em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>

regular, mensal, dedicada à arquitetura: nascia então a Acrópole, a mais influente revista dedicada à construção civil no Brasil durante décadas. A revista nasceu como uma expressão impressa do crescimento urbano da capital paulista, considerada um instrumento de registro e de reflexão da produção arquitetônica e urbanística de sua época.

(PINTO, 2013, p. 8)

A revista teve uma periodicidade bastante regular, sendo publicada mensalmente, com exceção do ano de 1953, quando sua publicação foi interrompida entre os meses de agosto a dezembro. Foi uma revista comercial, financiada pela publicidade e, segundo Segawa, não teve entre seus diretores personalidades intelectuais, no sentido de ter ideologias ou convicções claras. Não se pode dizer, entretanto, que não tenha sido de vanguarda, pois existia antes mesmo dos cursos de Arquitetura e Urbanismo serem criados. Segawa (SEGAWA, 2015) conta que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, por exemplo, surgiu dez anos depois da primeira edição lançada, e, a partir dos anos 1950, sobretudo na década de 1960, não havia arquiteto ou estudante de arquitetura efetivamente engajado no ofício que não consultasse ou colecionasse a revista.

Recordo-me do testemunho de arquitetos gaúchos, jovens profissionais na virada para os anos 1960, que dialogavam com os arquitetos paulistas sem ao menos se conhecerem, folheando as páginas da revista; ou um estudante de arquitetura na segunda metade dos anos 1960 que assinava a Acrópole e a consultava como se fosse um tratado da arquitetura.

(SEGAWA, 2015)

Segundo Miranda, a partir de 1956, a revista enfatiza a racionalização das construções, com números dedicados ao tema dos pré-fabricados e otimização dos processos construtivos. A *Acrópole* circulou não apenas no Brasil como também no exterior e noticiou sobre a arquitetura nacional e internacional contemporânea. Segawa conta ainda que, como algumas revistas deixam de circular em 1965, a disseminação mais ampla de alguns valores da arquitetura paulista se deu pela revista *Acrópole*.

Apesar da revista *Acrópole* ter iniciado sua publicação ainda na década de 30, para haver uma análise comparativa, foram consideradas as edições a partir de 1950, já que é o ano onde as outras revistas analisadas também estreiam sua publicação.

3.2.2 Revista *Habitat* (1950-1965)

A revista *Habitat* foi criada em 1950 sob direção e organização inicial de Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi. Em parceria com o Museu de Arte de São Paulo (MASP), a revista propunha abordar arte, arquitetura, design, cinema, teatro, bailado e fotografia inseridos no universo de ação cultural em um momento de consolidação de São Paulo como metrópole.

Segundo Fabiana Terenzi Stuchi (STUCHI, 2006), a revista fez parte de um projeto maior de modernidade, idealizado por Assis Chateaubriand, do qual o MASP serviu como bandeira. A convite de Chateaubriand, Pietro Bardi assumiu a tarefa de realização do museu. Para Bardi, além de interesses pessoais, abriu-se a possibilidade de implantar um projeto pelo qual a arte aparecia como agente de transformação social. Além do MASP, a revista também tinha ligação com o Instituto de Arte Contemporânea (IAC) e com o Studio de Arte Palma.

Assim o MASP, para efetivar essa “missão”, muito mais que preservar e guardar tesouros, busca a formação de um público

apto ao deleito do ali exposto, e principalmente pronto a construir uma sociedade na qual a cultura e as artes adquirem valor. Nessa missão, junto com o MASP, a revista Habitat pode ser vista como meio de ampliar os limites e alterar o gosto estabelecido, ultrapassando as fronteiras culturais da classe dirigente. Para tanto Bardi serve-se de um “modelo” que historicamente havia se mostrado eficiente: museu, escola e revista, e do perfil dos museus americanos, entre os quais destaca-se o Museu de Arte Moderna de Nova York.

(STUCHI, 2006)

Nesse sentido, a revista é um meio de construção de um discurso de modernidade afinado com as artes gráficas, o desenho industrial e todas as produções artísticas comprometidas com a construção de uma sociedade moderna.

Clara Luiza Miranda (MIRANDA, 1998) divide a atuação da revista em três momentos definidos pelos nomes na direção. Lina Bo e Pietro Bardi na primeira, Abelardo de Souza na segunda e Geraldo Ferraz na terceira. Fabiana Stuchi (STUCHI, 2006), entretanto, propõe outra leitura. Ela identifica dois grandes momentos de diferentes formas de organização. Um primeiro com uma organização mais centralizada a partir da presença de um diretor geral, ao qual caberia a coordenação dos diversos assuntos e temas abordados pela revista, e um segundo caracterizado pela descentralização, quando se elimina o cargo de diretor geral e criam-se os cargos de diretores de seção, que seriam responsáveis pelas quatro grandes temáticas abordadas na revista: arquitetura, artes plásticas, literatura e teatro.

No primeiro momento, de 1950-1954, Lina Bo permaneceu do nº1 ao 9 e também nos números 14 e 15, estes últimos ela dirigiu conjuntamente com Pietro Maria Bardi. Flávio Mo-

ta dirigiu a revista do número 10 ao 1380. Nesse momento, a revista enfatizava um investimento programático no campo da cultura, encarada como problema coletivo, de desenvolvimento progressivo e gradual. “O problema sublinhado é o da autenticidade das manifestações culturais brasileiras” (MIRANDA, 1998, p. 9). Nesse momento, o programa da revista coloca o problema das artes como um “fator educativo”, os museus teriam a função social de dirigir-se ao público em geral não excluindo o que este entendia como arte. “A Habitat evidencia e valoriza a alteridade e a diversidade de manifestações, que compõem a unidade de cultura.” (MIRANDA, 1998, p. 10).

Abelardo de Souza, na leitura de Stuchi, ao invés de configurar um segundo momento, como coloca Miranda, fez a transição dos períodos, da direção centralizada para a descentralizada, na revista de nº 16. Ele inaugura a direção de Arquitetura, ao lado de José Geraldo Vieira, como diretor de Artes Plásticas, Maria de Lourdes Teixeira, como diretora de Literatura e Ruggero Jacobbi como diretor de Teatro. Segundo Stuchi, após a saída de Abelardo em 1955, nota-se uma estabilidade apenas nos cargos de direção de Arquitetura, agora ocupado por Geraldo Ferraz e no de Artes Plásticas, ainda ocupada por José Vieira. Essa redução indicaria uma alteração nos interesses da *Habitat*, onde percebe-se que gradualmente artigos dedicados a outras áreas de interesse vão ficando escassos até a dissolução da revista em 1965. Nesse

80 Para Fabiana Stuchi, apesar de oficialmente, somente nas edições de 14 e 15 de janeiro o nome do casal aparecer nas páginas do expediente, antes disso o nome de Lina aparece sozinho, uma forte onipresença “*impregna todas as quinze publicações com o mesmo espírito presente no Museu e em suas atividades*” já que nesse mesmo momento, um grupo coordenado por Pietro, Lina, Flávio Motta e Jacob Ruchti era responsável pela organização e divulgação das exposições e também pela coordenação da revista. (STUCHI, 2006) Vale destacar, entretanto, que nas edições analisadas da revista, o nome de Lina não aparece oficialmente, estando presente apenas em uma edição, a de nº08.

momento, com direção de Geraldo Ferraz, segundo Miranda, ampliam-se os esforços para uma documentação histórica da arquitetura brasileira, por meio de um trabalho de documentação da obra de arquitetos que fosse capaz de contribuir para um balanço estético, histórico e informativo da arquitetura brasileira.

A periodicidade da revista foi irregular, teve publicação trimestral nas 13 primeiras publicações. De 1954 a 1955, ela passa a ter publicação bimestral, de 1956 a 57 teve publicação mensal e novamente em 1957 volta à bimestralidade. Em 1961 retorna à trimestralidade que culmina na interrupção da publicação da revista em 1965. A revista também teve alcance nacional e internacional, tendo representantes (em diferentes momentos) no Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Portugal, Espanha e Estados Unidos, Argentina e Uruguai.

3.2.3 Revista Módulo (1955-1964/75-89)

A revista Módulo foi fundada em 1955 por Oscar Niemeyer e pelo engenheiro Joaquim Cardozo, além de Rodrigo Melo Franco de Andrade (então diretor do DPHAN – Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN), o escritor Rubem Braga e o arquiteto Zenon Lotufo; em seguida, outros nomes são acrescentados à equipe de direção (ANGOTTI-SALGEIRO, 2004). Miranda (MIRANDA, 1998) conta que o periódico girava em torno das ideias de liberdade de expressão de Niemeyer, onde ele busca explicar as bases em que realiza seu trabalho. Assume uma direção para reconhecimento da qualidade da arquitetura brasileira, passa a militar pela “unidade arquitetônica”, que impediria a utilização de determinadas soluções de maneira imprópria, sem impor limites à força criadora dos arquitetos. Além disso, para Ruth Zein (ZEIN, 2012), é também uma postura afirmativa frente às críticas relativas ao trabalho que vinha sendo desenvolvido por ele.

Segundo Zein, desde 1945, as obras de Niemeyer vinham sendo alvo de críticas internacionais explícitas e nacionais veladas. Logo após a II Guerra Mundial, com a exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1943, seguida de várias publicações em revistas internacionais, colocaram a arquitetura moderna brasileira em destaque até pela relativa ausência de outros assuntos arquitetônicos, e, após um momento inicial de surpresa, iniciam-se as críticas tanto positivas quanto negativas. Apesar de Niemeyer declarar-se confiante e tratar de desautorizá-las, não passam despercebidas nem deixam de afetar sua prática profissional.

Mas a partir de um certo momento, essa atitude de calculada indiferença e ardilosa desqualificação não parece mais suficiente, e Niemeyer passa a realizar um esforço afirmativo de explicitação de suas premissas e conceitos. O veículo preferencial para isso será a revista Módulo, que além de publicar suas obras, acompanhadas de textos de outros autores apoiando direta ou indiretamente as realizações de Niemeyer, incluíra também uma séria descontinua de artigos dele mesmo, publicados entre 1955 e 1962. Se tomados em conjuntos, esses textos podem ser entendidos como um esforço concentrado de teorização, inaugurando sua faceta de escritor - atividade que Niemeyer exercerá intermitentemente dali em diante.

(ZEIN, 2012, p. 1)

A revista Módulo também dispunha de correspondentes que asseguravam sua circulação internacional. A ambição de ser internacional confirmava-se na qualidade gráfica e nas traduções resumidas dos artigos em inglês, francês e alemão nos primeiros números. No ano de 1964, em decorrência do golpe militar, a sede da revista é semi-destruída e consequen-

temente para de circular, só voltando à ativa no ano de 1975, circulando até 1983.

3.3 A metodologia

A proposta metodológica a ser empregada na análise das revistas configura-se como uma junção de análise qualitativa e quantitativa.

Em seu artigo onde reflete sobre possibilidades de investigação, Tereza Duarte (DUARTE, 2009) esclarece que há dois paradigmas iniciais sobre a questão metodológica: a análise quantitativa e a qualitativa. Segundo ela, existem autores, os “puristas”⁸¹ que consideram incompatíveis essas abordagens, que a tentativa de combinar estes métodos está condenada a fracassar. Para elucidar melhor, ela explica que no modelo de investigação quantitativa parte-se de um conhecimento teórico existente, as hipóteses são derivadas da teoria e formuladas com independência em relação aos casos concretos; os instrumentos de recolhimento dos dados são predefinidos e um dos fins últimos consiste na generalização dos resultados. Segue-se esquematicamente esse processo: teoria - hipótese - operacionalização - amostragem - recolhimento de dados - interpretação dos dados - validação - corroboração ou afirmação de hipóteses.

As situações em que os fenômenos e as relações estudadas ocorrem são controladas até o limite do possível, a fim de determinar com o máximo de clareza as relações causais e a sua vontade. Os estudos são desenhados por forma a excluir, na medida do possível, a influência do investigador (entrevistador, observador, etc.).

(FLICK, 2005 apud DUARTE, 2009)

⁸¹ No caso ela cita Tashakkori e Teddlie.

Já na investigação qualitativa, apesar de presente, a teoria não estaria à priori na investigação, os pressupostos teóricos vão sendo descobertos à medida que se dá a incursão em campo e vão-se analisando os dados. A complexidade é maior porque se inclui o contexto, a amostragem pode ter bases teóricas que vão sendo redefinidas ao longo do processo. Assim, não existiria um número predeterminado de casos, sendo o/a investigador/a o principal instrumento de pesquisa.

Ao contrário da investigação quantitativa, os métodos qualitativos encaram a interação do investigador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de a excluírem a todo custo, como variável interveniente. A subjetividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação.

(FLICK, 2005 apud DUARTE, 2009)

Felizmente, alguns autores têm combatido a incompatibilidade de convergência das análises. Duarte menciona Cupchik, Jonhson e Onwuerbuzie que elencam convergências entre os próprios defensores dos paradigmas. Por exemplo, a observação não poder constituir uma janela perfeita para a realidade já que ela é afetada pelo conhecimento, teorias e experiências anteriores, além disso, as hipóteses estão sempre envolvidas em um conjunto de crenças, atitudes e valores. Ela destaca também sobre as generalizações, afirmadas por Brannen, que apesar de se advogar sobre a impossibilidade da generalização, em ambas as concepções ela existe de forma diferente, seja na interferência estatística de um lado, ou na generalização teórica por outro.

Como consequência disso, surgem as “triangulações” ou “métodos mistos”. A triangulação tenta superar essa divisão. O conceito, que surge da navegação e da topografia, é apropria-

do, sobretudo por Denzin que o amplia e desmembra em quatro tipos: triangulação de dados, triangulação do investigador, triangulação teórica e triangulação metodológica. Com o olhar crítico, Tereza Duarte se propõe a analisar o conceito, mas ao final da pesquisa questiona: “Será possível a adequação perfeita entre os planos de pesquisa quando se combinam métodos, sobretudo se acreditamos que existem critérios etimológicos, ontológicos e axiológicos que constituem (quase) um pré-requisito para o trabalho do investigador? Ainda tendo em consideração estas divisões paradigmáticas, será possível combinar, num único método, o quantitativo e o qualitativo?” (DUARTE, 2009, p. 24)

Tendo em consideração então, a complexidade e talvez impossibilidade de uma combinação perfeita entre os métodos, propõe-se aqui uma apropriação da “triangulação metodológica” enquanto metodologia de análise. Essa decisão se dá porque, se por um lado, a análise quantitativa encaixa-se como proposta de estudo das revistas, onde o esquema apresentado acima é válido, é evidente que critérios etimológicos, ontológicos e axiológicos, que as crenças, os valores não podem ser excluídos do processo de análise. Não se pode apoiar na imparcialidade da investigadora/o, como foi inclusive esclarecido no prefácio deste trabalho. Além disso, alguns questionamentos não foram formulados com independência, eles surgiram após algumas explorações do objeto.

Existe uma forma de combinação que Duarte apresenta nos apontamentos sobre a triangulação de métodos que nos cabe aqui. Esse modelo se dá na forma de um desenho sequencial, que se inicia com um método qualitativo, seguido de um método quantitativo, antes de os resultados de ambos serem estabelecidos e aprofundados numa base qualitativa. O método qualitativo assume um papel subsidiário, sendo imprescindível na coleta de dados - seleção de questões e desenvolvimentos de

códigos para categorizar respostas, e também na interpretação e clarificação de dados quantitativos. É justamente na análise dos resultados que, segundo Duarte, a articulação dos dados da investigação é das formas mais utilizadas de combinar quantitativo e qualitativo e desta combinação podem emergir três possibilidades de análise: a convergência, a complementaridade e a divergência.

Nesse sentido, a análise das revistas se propõe a: (1) buscar a existência (ou não) de mulheres⁸² atuando enquanto profissionais da arquitetura impressa nas revistas brasileiras de maior relevância do século XX; (2) buscar relacionar os mecanismos de invisibilidade apresentados com os dados coletados em relação à atuação feminina nas revistas; (3) contribuir para a construção desse dados quantitativos em relação a quantas eram, sobre o que escreveram ou projetaram e (4) conseguir relacionar as respostas das fichas de análise de maneira a gerarem dados importantes para o entendimento da atuação e produção das mulheres na arquitetura impressa do século XX, no Brasil.

Dado esses objetivos, a metodologia proposta aqui se configurou da seguinte maneira: (a) Após uma primeira exploração do objeto de análise, no caso as revistas *Acrópole* (1938-1971), *Habitat* (1950-1965) e *Módulo* (1950-1965/75-89), foi elaborada uma ficha de análise individual para cada edição das revistas que foi utilizada para coletar dados. As perguntas foram elaboradas de forma a possibilitar que as respostas fossem objetivas: números, sim e não. Essa primeira elaboração constitui-se, por exemplo, apesar das respostas objetivas, numa primeira etapa qualitativa da metodologia, já que as perguntas que norteiam a coleta de dados foram elaboradas após uma exploração ini-

⁸² A maneira utilizada para identificar as mulheres atuantes em tais revistas deu-se pela identificação de nomes femininos.

cial das revistas. Além disso, no decorrer das análises pôde-se perceber a existência de artigos que não foram escritos por mulheres, mas sobre elas, de forma que essa categoria foi incluída na forma de uma das perguntas a ser analisada. Após essa primeira etapa de elaboração das fichas, buscou-se uma maneira para selecionar quais edições das revistas seriam utilizadas para a análise. Foi escolhido então, (b) um método estatístico, como forma de garantir uma imparcialidade na escolha das edições, e consequentemente uma amostragem mais confiável⁸³. Para isso, foi utilizado o cálculo estatístico para amostragem sistemática, cálculo utilizado quando os elementos da população (a população no caso são todas as edições das revistas) possuem uma ordem, entretanto a ordem não é relevante para a amostra. Esse tipo de amostragem gera um intervalo de seleção que será utilizado, no caso, para selecionar os números das edições a serem analisadas. O cálculo feito⁸⁴ para obter o número da amostragem tem como base a população geral, no caso, o número total de edições de todas as revistas juntas e, uma vez esse número estipulado e relacionado proporcionalmente para cada revista, calcula-se o intervalo de seleção. Esse intervalo iniciará sua contagem partindo de um número aleatório que é sorteado. Por exemplo, se o número sorteado foi 2 e o intervalo de seleção 5, as edições a serem eleitas são a 2, 7, 12, 17 e assim por diante. Abaixo visualiza-se que o intervalo de seleção calculado foi 5 e os números aleatórios, onde inicia-se

⁸³ Segundo a bibliografia existem quatro principais razões para a utilização da amostragem em levantamento de grandes populações: 1. Economia, 2. Tempo, 3. Confiabilidade dos dados 4. Operacionalidade. (BARBETTA, 1998)

⁸⁴ A fórmula utilizada foi: $n_0 = 1/e^2$, onde n_0 é o tamanho da amostra, e e é o erro. Para esses cálculos, utilizou-se uma margem de erro de 8 pontos percentuais e 90% de confiança. Todos os cálculos, inclusive os de intervalo de seleção e o sorteio do número aleatório, foram realizados pelo colega estatístico Alexandre Lima tomando como base as fórmulas do livro de Barbetta. (BARBETTA, 1998)

a contagem, variam para cada revista:

Revista	Nº de exemplares	Nº de exemplares a serem analisados
Acrópole	243	50
Habitat	83	17
Módulo	100	20
Total	429	87

Edições a serem analisadas de casa revista:

Acrópole: 144, 149, 154, 159, 164, 169, 174, 179, 184, 189, 194, 199, 204, 209, 214, 219, 224, 229, 234, 239, 244, 249, 254, 259, 264, 269, 274, 279, 284, 289, 294, 299, 304, 309, 314, 319, 324, 329, 334, 339, 344, 349, 354, 359, 364, 369, 374, 379, 384, 389

Habitat: 3, 8, 13, 18, 23, 28, 33, 38, 43, 48, 53, 58, 63, 68, 73, 78, 83.
Módulo: 1, 6, 11, 16, 21, 26, 31, 36, 41, 46, 51, 56, 61, 66, 71, 76, 81, 86, 91, 96.

A terceira etapa da análise (c) configura-se então, de uma maneira mais objetiva, respondendo às perguntas da ficha de análise das revistas. Além das respostas objetivas, uma vez identificados artigos de autoria feminina, estes foram lidos, e foi elaborada uma ficha anexa com as seguintes informações: Autoria, Título, Tema e Resumo. Para todos artigos escritos por mulheres e também sobre mulheres tal análise foi realizada(d). Logo ao lado segue modelo da ficha de análise.⁸⁵

⁸⁵ A princípio as fichas não entrariam como um anexo do trabalho, mas após todo o trabalho de respondê-las individualmente viu-se a necessidade de que elas estivessem presentes como material de consulta. Elas estão disponíveis

NÚMERO XX

Mês - ano | xx páginas

Observações: Sed ut perspiciatis unde omnis iste natus error sit voluptatem accusantium doloremque laudantium, totam rem aperiam, eaque ipsa quae ab illo inventore veritatis et quasi architecto beatae vitae dicta sunt explicabo. Nemo enim ipsam voluptatem quia voluptas sit aspernatur aut odit aut fugit, sed quia consequuntur magni dolores eos qui ra

EDITORIAL

Fundador(es):

Editor(es):

Diretor(es):

Redator(es):

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM () NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **X**

1.1 Quantos homens? **X**

Quantas mulheres? **X**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação?

2.1 Quantos homens? **X**

Quantas mulheres? **X**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **X**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM () NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

- () Edifício público de grande porte () Edifício residencial
 () Edifício comercial () Arquitetura de Interior
 () Casa () Decoração
 () Paisagismo () Outro (Esculturas-Brinquedos)

2.2 Nome da autora:

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? () SIM () NÃO

3.2 Função:

3.2 Nome(s):

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM () NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM () NÃO

5.1 Se sim, quantos?

5.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM () NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM () NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM () NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM () NÃO

9.1 Se sim, qual?

9.2 Se sim, quem são as autoras?

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **X**

2. Os artigos são assinados? () SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM () NÃO

3.1 Se sim, quantos? **X**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM () NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM () NÃO

3.4 Nome(s):

3.5 Formação:

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM () NÃO

4.1 Sua função na equipe é especificada? () SIM () NÃO

4.2 Nome(s):

4.3 Função:

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM () NÃO

5.2 Elas possuem alguma outra formação/especialidade? () SIM () NÃO

5.3 Nome(s):

5.4 Formação:

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria:

Título:

Tema:

Resumo:

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

Autoria:

Título:

Tema:

Resumo:

É importante ressaltar que, apesar de ter-se proposto analisar 87 edições, não foi possível encontrar todas que estão elencadas acima. Pela existência da digitalização e disponibilidade na internet de todas as edições da revista *Acrópole*, as 50 edições propostas foram analisadas. Da revista *Habitat*, apesar de constar que toda sua coleção está disponível no acervo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE, só foram encontrados os números: 8,18,28,48,53,68,78. Sobre a revista *Módulo* ficaram faltando apenas os números 11 e 16, dos 20 discriminados acima⁸⁶. Para não comprometer a confiabilidade estatística, nenhum número foi substituído em detrimento de outro, dado isso, tem-se no total, 76 análises feitas.

Por fim, com todas as fichas respondidas, artigos (escrito por e sobre mulheres) lidos e resumidos, foi possível montar um quadro com valores quantitativos, que serão apresentados a seguir⁸⁷, e que deram suporte para as análises qualitativas após o cruzamento desses dados com informações teóricas previamente apresentadas.

nos volumes em anexo a essa dissertação base. Uma tabela-resumo de cada revista analisada foi feita em programa excel de forma a simplificar a soma para geração das estatísticas. Essa tabela, por ter uma diagramação incompatível com o trabalho foi suprimida, mas todos seus dados encontram-se nos gráficos que também estão presentes nos volumes anexos.

⁸⁶ Tanto para revista *Habitat*, quanto para a *Módulo* foram feitas buscas na internet e em outras bibliotecas com intuito de encontrar os números faltantes, porém sem sucesso. Consta que a biblioteca da Universidade de São Paulo (USP) também possui toda a coleção da revista *Habitat*, de toda forma, era inviável a ida até lá para essa consulta.

⁸⁷ Todos os dados estatísticos correspondentes a cada revista encontram-se no respectivo anexo. Aqui serão apresentados os gráficos de maior relevância para a pesquisa, uma análise conjunta das revistas, assim como os artigos ou observações que mereçam destaque.

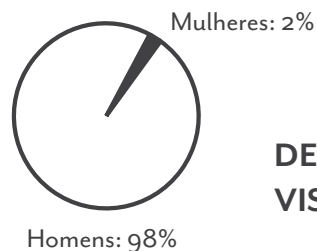
3.4 Análise dos dados da pesquisa

É importante destacar que os números apresentados, escolhidos por amostragem da população geral (algumas edições que correspondem ao total de edições) através do cálculo estatístico por amostragem, são representativos da situação geral de cada revista, tendo uma margem de erro de 8 pontos percentuais e 90% de confiança. Ou seja, se em 50 edições, 97% dos colaboradores são homens, essa porcentagem equivale a todo o universo das 243 revistas, sendo que ela pode variar em 8 pontos percentuais para mais ou para menos e tem um grau de 90% de confiabilidade.

Após análises feitas tem-se então os seguintes dados:

ANÁLISE EDITORIAL – REVISTA ACRÓPOLE

- Das 50 edições analisadas, desde abril de 1950 (nº144) a outubro de 1971 (nº389) tem-se que:
- Nenhuma edição teve uma mulher enquanto fundadora, editora ou diretora.
- Em 12 edições a redação da revista foi assinada e nas 12 edições o redator era homem.



DE 560 COLABORADORES DA REVISTA, APENAS 13 SÃO MULHERES

Colaboradores

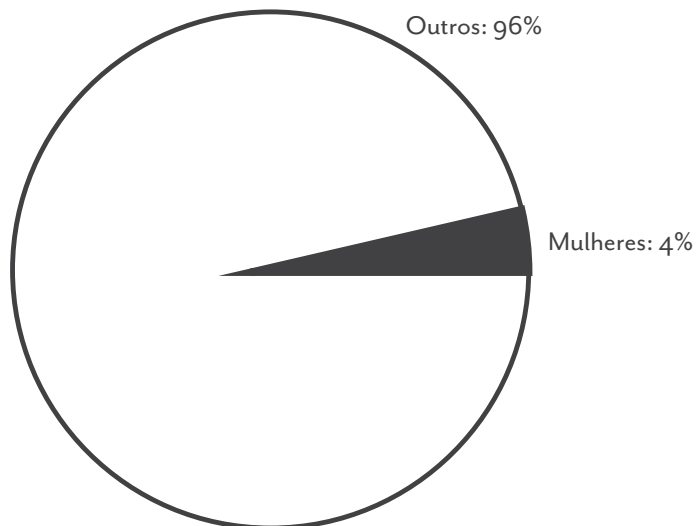
ANÁLISE DE PROJETOS – REVISTA ACRÓPOLE

- É importante destacar que na edição de nº 339, uma edição especial sobre concursos de arquitetura, 19 pessoas constam nas equipes de projeto como colaboradores, mas são identificadas apenas com as iniciais do primeiro nome e sobrenome, impossibilitando saber se são homens ou mulheres.
- Apenas 1 texto sobre projeto é assinado e sua autoria é masculina.
- Das 50 edições, 22 tem fotografias assinadas. Nenhuma delas com autoria feminina.

DE 340 PROJETOS, APENAS 6 FORAM FEITOS POR MULHERES



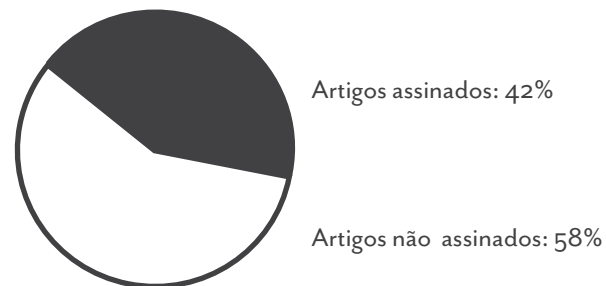
Tipologia projetos de autoria feminina



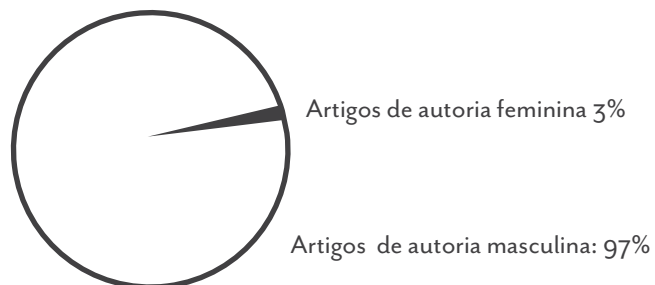
Co-autoria ou colaboração feminina nos projetos

ANÁLISE DE ARTIGOS – REVISTA ACRÓPOLE

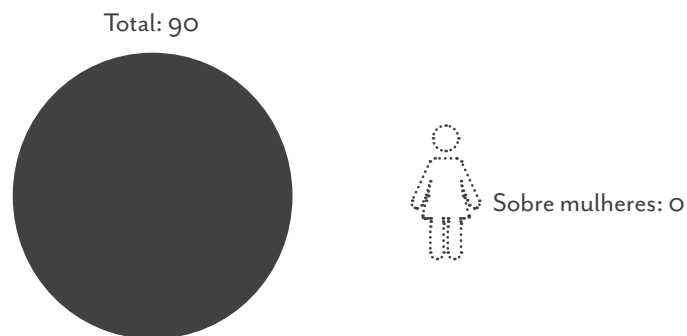
- Das 50 edições, 38 apresentam artigos sendo 35 deles assinados (3 pela redação da revista).
- Nessas 38 edições, apenas uma edição apresenta artigos escrito por mulheres, onde constam 02 artigos, sendo 1 deles em co-autoria com um homem.
- O único artigo de autoria exclusiva feminina foi escrito por Laura Garcia Moreno Russo, bibliotecária e, na época, presidente do Conselho Nacional de Biblioteconomia. Ela escreve sobre o planejamento de bibliotecas públicas, numa espécie de programa de necessidades para se projetar uma biblioteca. Esse artigo encontra-se no nº329, que teve edição especial sobre concursos para bibliotecas públicas.
- Não há artigos escritos sobre mulheres nas edições analisadas.



Total de artigos



Autoria dos artigos



Artigos sobre mulheres

ANÁLISE EDITORIAL – REVISTA HABITAT

- Apenas uma edição apresentou direção (formalmente escrita no sumário) de mulheres, no caso de Lina Bo Bardi.
- Dos 116 colaboradores, 111 foram homens e apenas 5 mulheres.
- Das 8 edições, 2 não tiveram informação sobre quem assinava a redação. Nas outras, 16 pessoas colaboraram sendo todas elas homens.

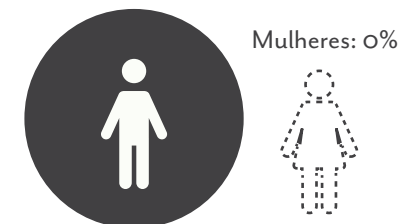


Colaboradores



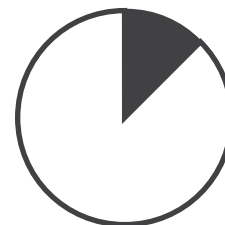
Redação com assinatura: 75%

Assinatura redação



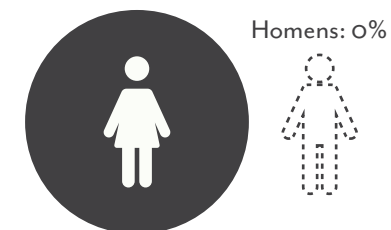
Assinatura redação/gênero

Fotografias assinadas: 12%



Fotografias não assinadas: 88%

Assinatura fotografias



Assinatura fotografias

ANÁLISE DE PROJETOS – REVISTA HABITAT

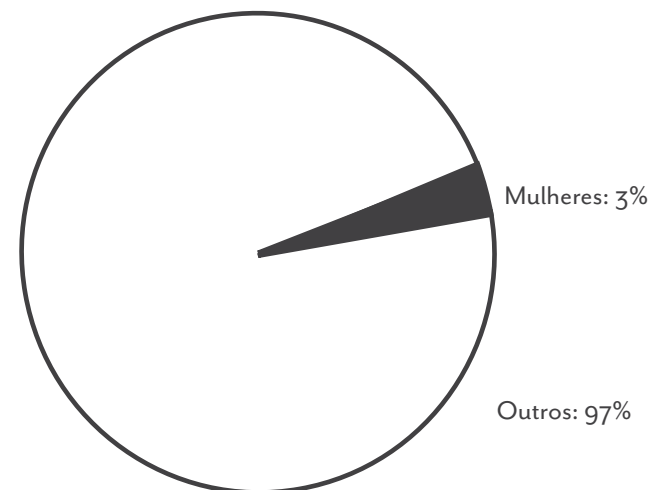
- Dos 31 projetos apresentados, 3 são de autoria exclusiva feminina.
- Em apenas uma edição as fotografias são assinadas e curiosamente são de autoria feminina, de Rachel Esther Prochnik e Sasha Harnish. Rachel Prochnik era, na época, estudante de arquitetura e teve na mesma edição (nº8) um artigo dedicado a ela.



Autoria dos projetos



Tipologia projetos femininos

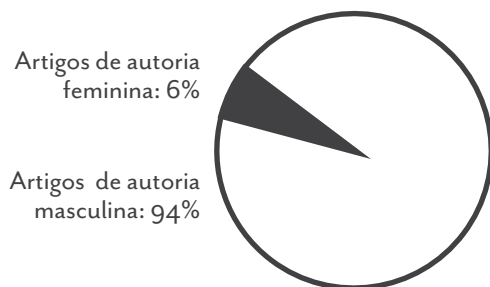


Co-autoria ou colaboração feminina nos projetos

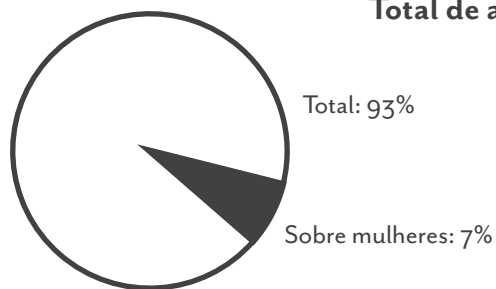
DAS OITO EDIÇÕES ANALISADAS, APENAS UMA CONTOU FORMALMENTE COM O NOME DE LINA BO BARDI NA DIREÇÃO E NA AUTORIA DE UM TEXTO EDITORIAL SOBRE PROJETO. PROJETO ESSE, TAMBÉM DE SUA AUTORIA, O MUSEU DE SÃO VICENTE.

ANÁLISE DE ARTIGOS – REVISTA HABITAT

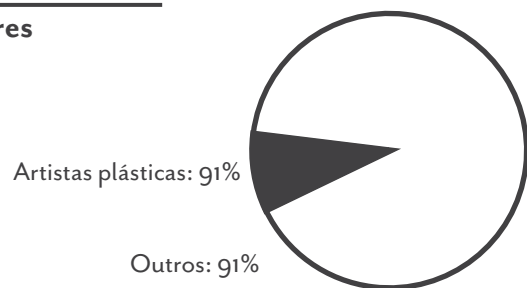
- Nas 8 edições foram encontrados 147 artigos, todos assinados e apenas 9 deles de autoria feminina.
- Nas 8 edições, também foram encontrados 11 artigos escrito sobre mulheres, sendo 10 sobre artistas plásticas e 1 sobre a estudante de arquitetura Rachel Prochnik, conforme descrito acima.



Total de artigos



Artigos sobre mulheres



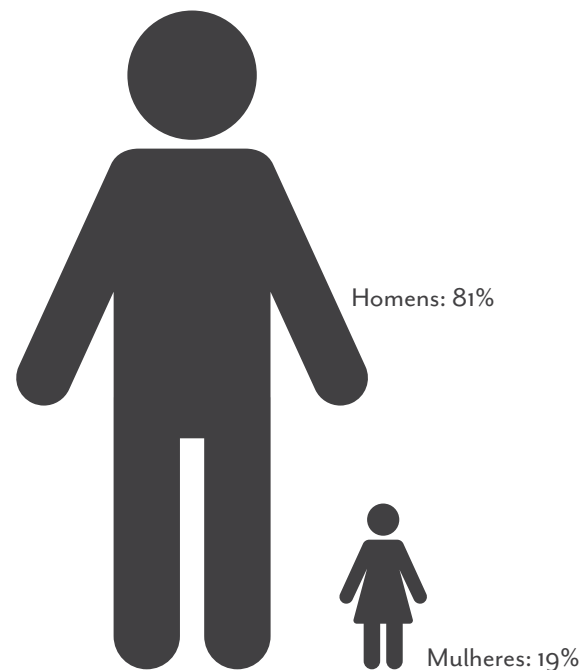
Artigos sobre mulheres

ANÁLISE EDITORIAL – REVISTA MÓDULO

- 8 edições tiveram mulheres como diretora ou editora da revista.
- Dos 220 colaboradores, 179 foram homens e 41 mulheres



Mulheres enquanto diretoras ou editoras



Colaboradores

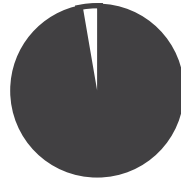
Redação com assinatura: 56%



Redação sem assinatura: 44%

Assinatura redação

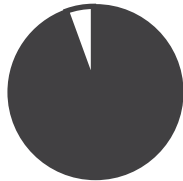
Mulheres: 3%



Homens: 97%

Assinatura redação/gênero

Fotos sem assinatura: 6%



Fotos com assinatura: 94%

Assinatura fotografias

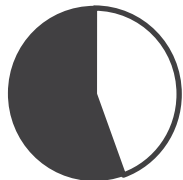
Mulheres: 12%



Homens: 88%

Assinatura de fotos/gênero

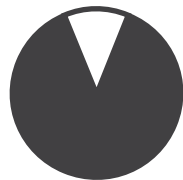
Desenhos não assinados: 56%



Desenhos assinados: 44%

Assinatura desenhos

Mulheres: 13%



Homens: 87%

Assinatura de desenhos/gênero

ANÁLISE DE PROJETOS – REVISTA MÓDULO



Projetos de autoria masculina: 93%



Projetos de autoria feminina: 7%

Autoria de projetos



casas



paisagismo



arquitetura de interiores



edifício comercial



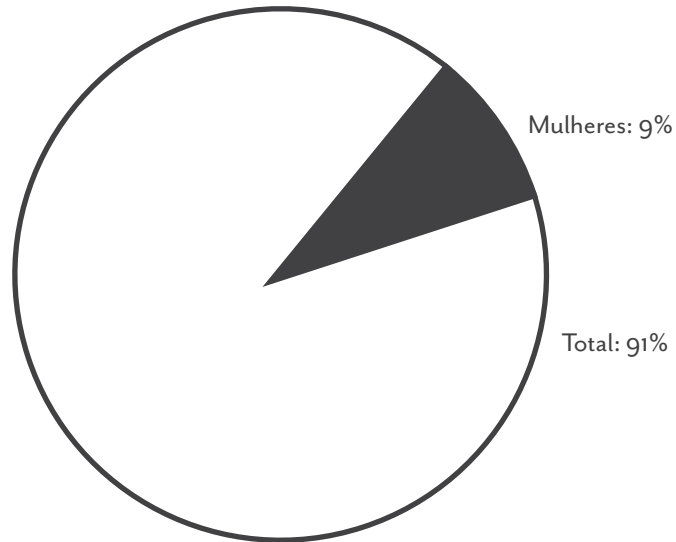
outros

6 total

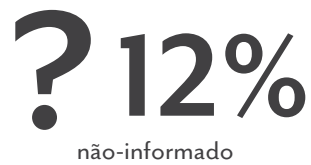
Tipologia projetos femininos

DE 86 PROJETOS PUBLICADOS APENAS 6 ENVOLVERAM MULHERES

ANÁLISE DE ARTIGOS – REVISTA MÓDULO

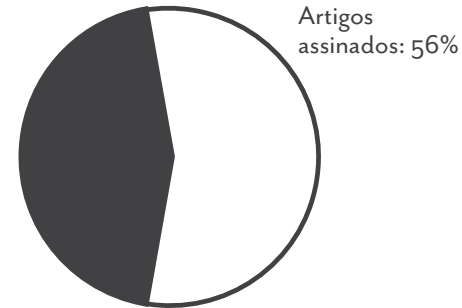


Co-autoria ou colaboração feminina nos projetos



Formação co-autoras

Artigos não assinados: 44%



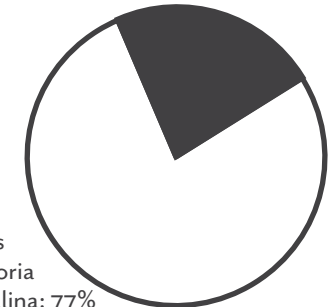
Total de artigos

Total: 95%



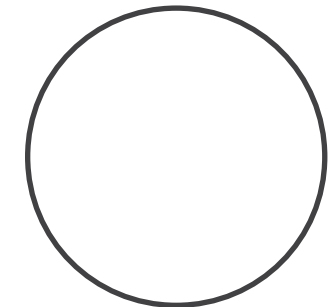
Artigos sobre mulheres

Artigos de autoria feminina: 23%



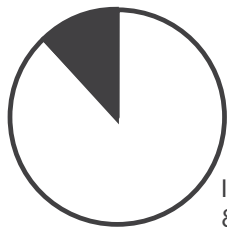
Autoria dos artigos

Artistas plásticas: 100%



Assunto dos artigos sobre mulheres

Não informada: 12%



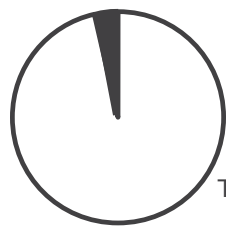
Informada:
88%

Formação das autoras



Formação das autoras, quando informada

Artigos de autoria feminina: 4%



Total: 96%

Artigos com co-autoria feminina



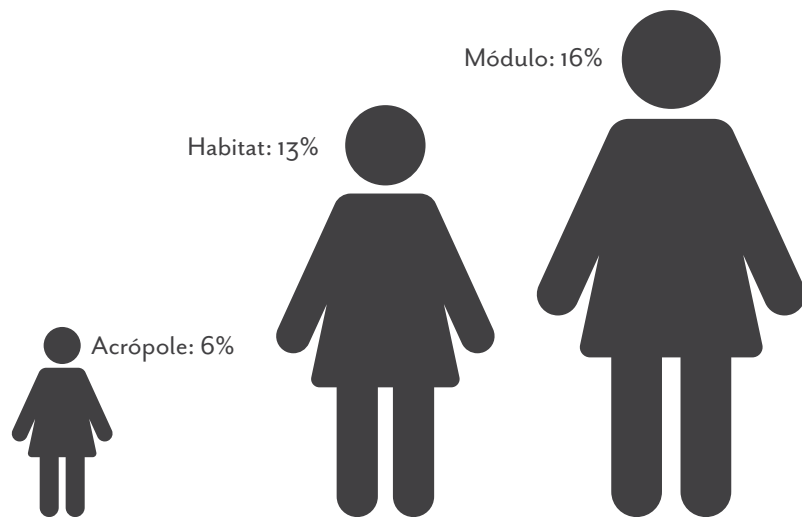
Formação das co-autoras, quando informada

Após esse apanhado específico de cada revista pode-se elencar alguns dados levando em conta todas as 76 análises feitas.

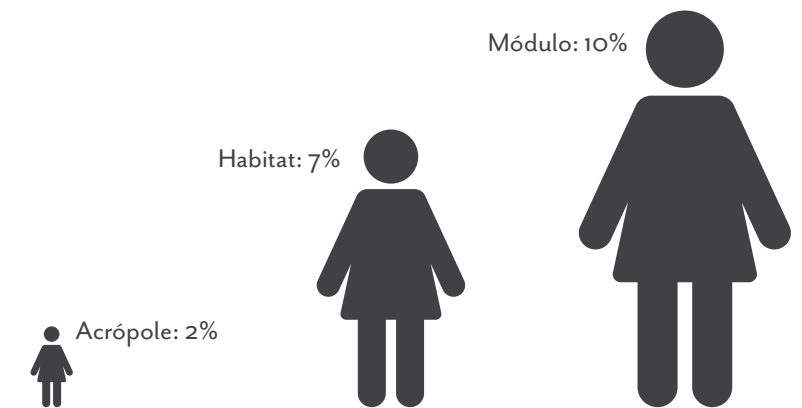
Apesar de a revista *Acrópole* representar o maior número de análises devido a sua regularidade de publicação e sua abrangência dos anos, ela é a que tem menor representatividade feminina, em todos os aspectos. As porcentagens de atuação feminina em todos os campos analisados, direção editorial, colaboração em projetos e artigos, são inferiores a 6%. Nota-se que o foco da revista era a apresentação de projetos. Isso fica evidente tanto pelo número de projetos apresentados, que é proporcionalmente maior que nas outras duas revistas e pelo baixo número de artigos. Enquanto em 50 edições a *Acrópole* apresenta 38 artigos, as outras duas revistas (*Habitat + Módulo*) somam 258 artigos em 26 edições. Ainda assim, na parte de projetos, a porcentagem de participação feminina, contando autoria, co-autoria ou colaboração somam apenas 5,48%.

A revista *Habitat*, que proporcionalmente apresenta mais números de artigos, somando 147 em apenas 8 edições, também teve baixa representatividade feminina em todos os campos. A porcentagem de colaboração feminina em projetos e artigos não ultrapassa os 10%.

Já a revista *Módulo*, por sua vez, é a que apresenta maior representatividade feminina. Coincidência ou não, a partir de 1979 conta com Sandra Mager, juntamente com Marcus Lontra Costa, dirigindo a editoração da revista. É a partir desse momento, principalmente após 1980 (nas análises a partir do nº 61) que começam a aparecer artigos de autoria feminina. Antes dessa data temos apenas 6 artigos enquanto depois esse número cresce para 16. Proporcionalmente, a revista *Módulo* teve uma representatividade de 18,63% de colaboração feminina enquanto nas outras duas revistas, *Habitat* e *Acrópole*, não chegam nem 10%. –




Porcentagem de participação feminina nos projetos (autoria+co-autoria+colaboração)



Projetos de autoria feminina em %

Esse panorama nos leva a refletir sobre alguns pontos. É possível que o movimento feminista, principalmente a partir dos anos 1970, quando foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964, além da luta pela inserção das mulheres no mercado de trabalho, tenha refletido na atuação feminina também dentro dos periódicos. Essa associação é ainda mais coerente no caso da revista *Módulo* que sempre esteve comprometida em fazer resistência à ditadura. Vale lembrar que a revista teve que parar de circular entre os anos de 1964 a 1975 por conta da censura. Além disso, é importante destacar que, para além da repercussão do movimento feminista, após a década de 70, a atuação profissional das mulheres de uma forma geral amplia-se. Como a revista é a única que abarca alguns anos após esse período é também consistente que a representação feminina fosse maior nela.

Em relação aos projetos apresentados nas revistas, assinados exclusivamente por mulheres, temos que: somando as três publicações eles totalizam apenas quinze. A maioria (cinco) são projetos paisagísticos, seguido de três projetos de mobiliário, dois projetos de arquitetura de interior e duas casas. Há um projeto de comunicação visual, um expográfico e um edifício comercial. Este dado corrobora a atuação de dois mecanismos de invisibilidade discutidos anteriormente: a divisão sexual do trabalho (vide p.119) e o machismo presente no ensino arquitetônico (vide p.122), ou seja, não é à toa que projetos de paisagismo e de mobiliário estão no topo da lista, esses seriam os tipos de projeto mais adequados, “trabalhos femininos”, mecanismos responsáveis por designar as áreas que seriam competentes ou não às mulheres.

11% 
Arquitetura de interiores

11% 
Edifício comercial

17% 
Casas

28% 
Outros

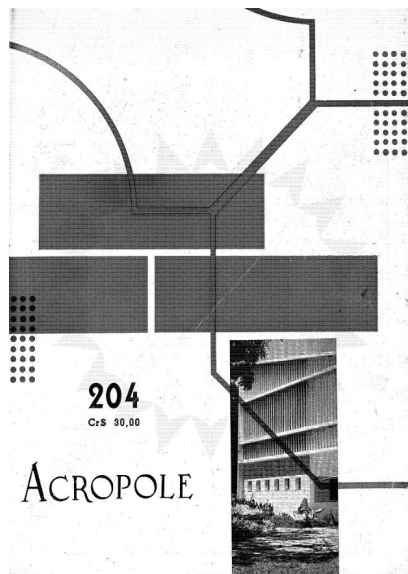
33% 
Paisagismo

Tipologia projetos de autoria feminina

Fig. 18: Capa da Revista Acrópole nº 204 que traz foto do projeto residencial de autoria de Lygia Fernandes.

Interessante observar também que na revista *Acrópole*, apesar de ter apenas um projeto residencial projetado por uma mulher dentre todas as edições, traz esse projeto na capa de sua edição, evidenciando o seu destaque. O projeto residencial é de Lygia Fernandes.

Ainda sobre os projetos apresentados na revista *Acrópole*, outro dado chama atenção. Dos 6 projetos que contam com co-autoria feminina, metade é formado por casais de arquitetos e todos trazem a casa como tema. Não apenas nos projetos, um dos dois únicos artigos presentes na re-

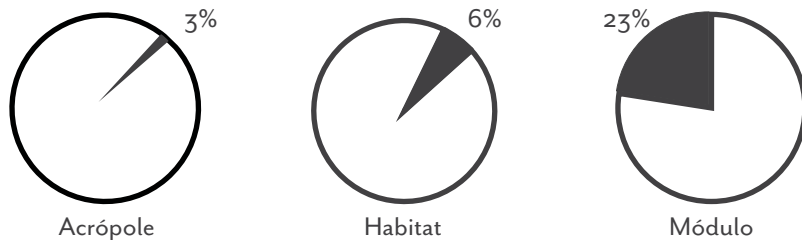


vista é assinado por Augusto Boccara⁸⁸ e Maria Cláudia Boccara (casal que também assina um dos projetos mencionado acima). Considerando esse dado e levando em conta a reflexão desenvolvida anteriormente, que pontua como um mecanismo de invisibilidade a atuação das arquitetas à sombra de seus cônjuges ou chefes (vide p. 126), surgiu um questionamento pertinente. Será que essa atuação em casal, que por um lado invisibiliza as mulheres, pode também, por outro lado, contraditoriamente, abrir um espaço que de outro modo não teriam? Que justamente por lhes ser tão difícil chegar a publicar em revistas, a atuação junto a seus maridos as tenha beneficiado ao invés do contrário? Ou na realidade, independente da postura individual de cada cônjuge, a revista estaria, de certa forma, endossando sua postura excludente e machista só abrindo espaço para as mulheres por estarem assinando junto a seus maridos? Outro exemplo nesse sentido é o projeto residencial de Rosa Kliass em co-autoria com seu marido, Whedemir Kliass. Ela assina dois projetos de paisagismo na revista, mas quando apresenta um projeto de casa, o faz também enquanto co-autora. Vale lembrar que os nomes femininos aparecem sempre após o nome masculino. Outro dado que nesse contexto não soa irrelevante. São questionamentos ainda sem uma conclusão definida, mas que saltaram aos olhos e não poderiam deixar de ser mencionados.

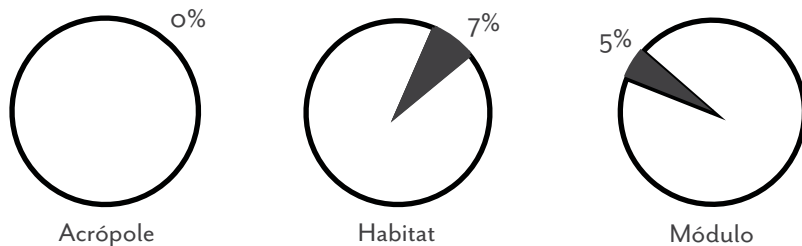
Outro dado interessante que parece interferir na representatividade feminina é quando há uma mulher atuando em locais de chefia. Talvez, por esse motivo, abra-se mais espaço para atuação de outras mulheres. O aumento da atuação feminina se faz claro na revista *Módulo* após a entrada de Sandra Mager como editora e também se evidencia na revista *Habitat*, que quando dirigida por Lina

⁸⁸ Vale destacar que Augusto Boccara teve grande participação na revista onde começou a assinar o design gráfico das capas, a partir do nº 304 em diante.

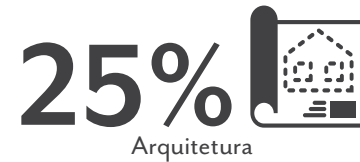
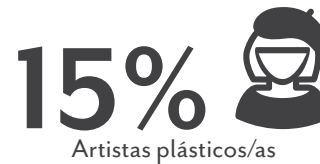
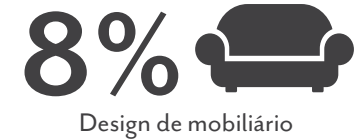
Bo Bardi apresenta dois projetos e um artigo escrito por ela, além de um artigo escrito sobre Rachel Prochnik, na época estudante de arquitetura, e fotografias de autoria feminina. O mesmo acontece quando Maria de Lourdes Teixeira assume a direção da parte de literatura da revista e assina (nº18) dois artigos além de Rosy F. de Borba que assina mais três. Depois disso, aparecem artigos sobre mulheres, principalmente sobre artistas plásticas, mas não mais escritos por elas. Nesse sentido, talvez não por acaso, a revista *Acrópole* tenha tão baixa representatividade feminina, uma vez que não teve nenhuma mulher atuando em qualquer cargo de destaque dentro da publicação. Isso sendo verdade, tal fenômeno não estaria restrito apenas ao universo das revistas, mas poderia ser vislumbrado em quase todos universos profissionais contribuindo para um “ciclo vicioso”, onde, não havendo chefia feminina, há baixa atuação feminina que dificulta ainda mais a ascensão a um cargo de chefia e assim sucessivamente.



Porcentagem de artigos de autoria feminina



Porcentagem de artigos sobre mulheres



Tema dos artigos de autoria feminina

Em relação aos artigos, optou-se por juntar os temas abordados em algumas categorias⁸⁹, para facilitar a análise de seu conteúdo. Temos assim, o seguinte panorama, considerando todas as publicações em conjunto, que somam 40 artigos:

- 10 artigos sobre arquitetura
- 10 artigos sobre artes em geral
- 6 sobre artistas plásticos/as

⁸⁹ As categorias propostas surgiram por associação a temas já comuns e podem acabar por generalizar os temas, mas foram importantes para que se possa traçar um perfil. De toda forma, todos os títulos e resumos dos artigos encontram-se disponíveis nos volumes anexos.

- 5 entrevistas
- 4 sobre cidades
- 3 sobre design de mobiliário
- 2 sobre literatura

Mesmo conseguindo elaborar essas “categorias” os artigos falam sobre temas variados e não houve algum aspecto específico que tenha se destacado em suas análises. Apenas um, de todos os artigos, chamou atenção. Ele é de autoria de Carmen Barroso, sob o título de *O corpo nos livros infantis*, presente na edição de nº 61 da revista Módulo de novembro de 1980. Curiosamente, esse mesmo número marca o aumento da participação feminina na revista (cinco artigos mais um de co-autoria), e traz também, esse único texto, dentre todos analisados em todas revistas, que conta com uma reflexão feminista porque problematiza a forma como os corpos são tratados em livros infantis.

Carmen Barroso inicia argumentando que existem diferenças biológicas claras entre os corpos masculino e feminino e mais que isso, nossos corpos são também fonte de prazer e os livros infantis simplesmente ignoram isso. Ela traça um histórico de como as ideias a respeito da sexualidade infantil foram mudando ao longo dos séculos. Faz também uma breve resenha a respeito de alguns livros e fecha o artigo criticando principalmente o livro *Para teus treze anos*, que por possuir 11 edições mostra-se bastante lido. Segundo ela, o livro é repleto de absurdos especialmente quando direcionado ao público feminino “o sexo é nada menos que uma desgraça irreparável ... todas as mocinhas devem preparar-se para o matrimônio ...a mulher se interessa particularmente pela cozinha...”etc. como se não bastasse ela destaca:

À mulher cabe a preservação dessa esdrúxula noção de pureza e manutenção dos papéis de submissão acompanhados da

divisão tradicional de trabalho. Essa atitude antisssexual é tão arraigada que chega até a alterar a anatomia. A localização do útero deixa de ser próxima dos intestinos e é, repetidas vezes, colocada debaixo do coração. (...) Resta apenas uma dúvida: qual o nome mais adequado para este tipo de trabalho: deseducação sexual ou educação antisssexual?

(Carmen Barroso na revista MÓDULO nº 61)

O texto traz argumentações que também têm sido apontadas neste trabalho, como responsáveis por toda uma ideologia machista e consequentemente violenta. Quando esse tipo de material endossa a mística feminina, a divisão sexual do trabalho e traz inclusive informações falsas com o único objetivo de reforçar tais estereótipos, torna-se clara a necessidade de contestação.

Conforme proposto anteriormente, a análise das revistas contribuiu para quantificar e qualificar a atuação feminina na arquitetura impressa no século XX no Brasil. Utilizando como objeto as revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*, pode-se ver quão pequena foi a atuação feminina tanto na autoria escrita como na autoria de projetos, além de ser possível relacionar essa produção com algumas tipologias específicas. A análise contribuiu também para refletir sobre como os mecanismos de invisibilidade, que foram discutidos ao longo do trabalho, mostram-se também como agentes dessa baixa porcentagem. É difícil pontuá-los de forma específica ou quantificá-los quando vários atuam no âmbito do simbólico, enquanto práticas sociais já tão comumente enraizadas na nossa sociedade. A começar pela violência simbólica e mística feminina que fazem convencer até as próprias mulheres que seu lugar autêntico é quando exercem sua feminilidade, a maternidade e enaltecem as atividades femininas em setores ocupacionais não disputados pelos homens. Reforçando ainda o “lugar adequado” das mulheres, está a divisão sexual do trabalho, que além de promover a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfe-

ra reprodutiva faz com que todo trabalho doméstico e familiar se torne uma atividade exclusiva das mulheres subtraindo-as do mercado de trabalho produtivo e dos possíveis cargos de chefia e poder. No campo arquitetônico propriamente dito, temos desde a construção de uma história postulada no corpo masculino como corpo humano ideal, passando pelo machismo existente no ensino e na prática profissional endossada pelo estrelismo autoral, que invisibiliza diferentes autores ao longo do processo projetual sob a tutela de um único grande homem - todos mecanismos atuantes desse processo de invisibilização. Além disso, uma reflexão que surge dada a pouquíssima atuação feminina nas revistas, que os resultados quantitativos acima deixam claro, é que essa realidade em si, trata-se também de um mecanismo de invisibilidade. Como Ana Godinho Lima pontua na abertura desse capítulo, a ausência de mulheres como representantes do fazer arquitetônico acaba por contribuir para a falta de crença no seu próprio protagonismo da produção arquitetônica, e mais ainda, no reconhecimento do direito de protagonizar com legitimidade a produção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres é uma história de luta, diferentemente do que a construção social do feminino faz acreditar. Fragilidade, submissão ou resignação são adjetivos que não coincidem com a história retratada nesta pesquisa. Entretanto, a história das mulheres é também uma história de opressão, exploração e dominação.

A modernidade foi esse momento de contradição, ora favorável às mulheres, ampliando oportunidades de trabalho e ensino, e ora desfavorável, criando o binarismo trabalho x lar, público x privado, masculino x feminino e o universalismo excludente das diferenças. Ainda assim, mesmo com suas particularidades, todas as mulheres sofreram dificuldades comuns: restrição e dificuldade no acesso ao ensino e ao trabalho – mulheres da burguesia presas ao lar e mulheres negras sem oportunidades – e a atuação da violência simbólica e a onipresença da mística feminina.

O movimento feminista mostra sua importância na luta pela desconstrução desses mitos, pelo reconhecimento das mulheres enquanto cidadãs com direitos iguais aos homens em todas as instâncias e no combate contra a violência que sofrem nas mais diversas circunstâncias. Além disso, é um movimento que se autoquestiona, se reposiciona e continua protagonista das conquistas em direção à equidade de gênero.

No contexto arquitetônico em particular, pode-se perceber que os mecanismos de invisibilidade destacados aqui – divisão sexual do trabalho, machismo no ensino, profissionais à sombra de seus cônjuges ou chefes, o círculo privilegiado, estrelismo, entre outros – configuram-se de forma a invisibilizar a produção profissional feminina de maneira ativa.

Invisibilização que fica evidente pelos dados levantados pela análise das revistas, que mesmo por se tratar do universo da escrita, onde a priori teriam maior possibilidade de produção, demonstra como foi baixa a representatividade das mulheres na arquitetura impressa da arquitetura moderna brasileira. A

pesquisa tem um recorte temporal que, por motivos históricos, pode corroborar com a baixa representatividade feminina encontrada nas análises. Seria um desdobramento interessante, analisar as publicações do século XXI e fazer um comparativo da representatividade feminina nas publicações brasileiras de arquitetura e urbanismo mais importantes a partir da década de noventa até a atualidade. Será que as mulheres teriam uma atuação mais expressiva no campo arquitetônico sendo agora maioria na profissão? Há um avanço nessa representatividade? Quais medidas poderiam ser tomadas no intuito de promover uma maior igualdade de oportunidade para as mulheres dentro do campo da arquitetura?

Felizmente, o horizonte aponta para caminhos de mudanças positivas. Agora sendo maioria na profissão e cada vez mais atentas ao machismo estruturante de nossa sociedade, as mulheres exigem mais valorização, reconhecimento e autonomia. O resgate histórico mostra-se como uma ferramenta imprescindível para legitimar a história e as conquistas de tantas que estiveram invisíveis.

BI BLIO GRA FIA

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&-view=article&id=14321>. Acesso em: Maio 2015.

Dicionário Informal, 2006-2015. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 2014-2015.

Dicionário Michaelis de Português Online, 1998-2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 2014-2015.

ADAMS, A.; TRANCRED, P. **Designing Women. Gender and the Architectural Profession.** University of Toronto Press. ed. Toronto, 2000.

AGREST, D. I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. In: NESBITT, K.(Org.) **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995.** São Paulo: COSACNAIFY, 2006. p. 662.

ALMEIDA, M. F. **Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e a sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971.** Dissertação de Mestrado. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos. 2008.

ALMEIDA, T.M; BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado** , Maio/Agosto 2014.

ANGOTTI-SALGEIRO, H. **Marcel Gautherot na Revista Módulo - ensaios fotográficos, imagens do Brasil: da cultura material e imaterial à arquitetura.** Jornadas de Estudos Representações do Brasil: séries, coleções e apropriações editoriais da fotografia nos 1940/60. Rio de Janeiro, 2004.

APFELBAUM, E. Dominação. In: HIRATA, H., et al (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

AREND, S. F. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. Cap. 3.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: UFSC, 1998.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo. A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. II, 1967.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo. Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. I, 1970.

BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito da história, 1940. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São PAULO: Brasiliense, v. 1, 1987. p. 222-232.

BEZERRA, N. **Mulher e Universidade: A longa e difícil luta contra a invisibilidade**. Anais da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes. Fortaleza, Ceará, 2010.

BORDEN, I.; PENNER, B.; RENDELL, J. **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**. Nova York: Routledge, 2000.

BOURDIEU, P. **A Distinção. Crítica Social do Julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York, v. Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Cuerpos que importam. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CEVEDIO, M. **Arquitectura y género. Espacio público/ Espacio privado**. 2ª. ed. Barcelona, 2010.

CHADWICK, W. **Mujer, arte y sociedad**. Madrid: Destino Ediciones, 1998.

DELPHY, C. Patriarcado (teoria do). In: HIRATA, H., et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

DEMARLE-HOOCK, M.-C. Ler e escrever na Alemanha. In: FRAISSE, G.; PERROT, M. (Org.). **História das Mulheres no Ocidente**. O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminsita no Brasil: Século XIX: Dicionário Ilustrado: autêntica**, 2016.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre a triangulação (metodológica). **CIES e-Working Papers nº60/2009**, Lisboa, Portugal, 2009.

ESPEGEL, C. **Heroínas del espacio: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno**. 2ª. ed. Buenos Aires, 2007.

FRIEDAN, B. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro, 1971.

GOMES, C.; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, 29, n. Número 2, Maio/Agosto 2014.

HEYNEN, H. **Modernity and domesticity**. Tensions and contradictions. Gender in burgerschap: colloquium. 2005.

HOBSBAWN, E. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUGHES, F. **The Architect. Reconstructing her practice**. Cambridge: 1996.

KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: HIRATA, H. **Dictionnaire critique du féminisme**. Paris: Presses Universitaires, 2000.

KUHLMANN, D. **Gender Studies in Architecture. Space, Power and Difference**. Nova York: Routledge, 2005.

LIMA, A. G. G. **Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX**. e-book. ed. São Paulo: Altamira, 1999. 168 p.

LIMA, A. G. G. **Revedo a história da arquitetura por uma perspectiva feminista**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2004.

LOWY, M. "A contrapelo." A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, São Paulo, 2011. 20-28.

MATOS, M. I.; BORELLI, A. Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In: PINSKY, C. B.; (Org.), P. J. M. **Nova História das Mulheres no Brasil**. [S.l.]: contexto, 2013.

MINDLIN, H. E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MEDEIROS, A. E. A. **Arquiteturas Impressas**. Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

MIRANDA, C. L. **A Crítica nas Revistas de Arquitetura nos anos 50: A Expressão Plástica e a Síntese das Artes**. V Seminário de história da Cidade e do Urbanismo: "cidades: temporalidades em confronto". Campinas, 1998.

MONTERO, R. **Historias de Mujeres**. Santillana, 1995.

NEPOMUCENO, B. Protagonismo Ignorado. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.) **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 2013.

NOCHLIN, L. Why have there been no great women artists? In: GORNICK, V.; MORAN, B. K. **Woman in Sexist Society: Studies in Power and Powerlessness**. Nova York: Basic Books, 1971.

PERROT, M. História (sexuação da). In: HIRATA, O. H., et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. 2ª. ed. São Paulo, 2013.

PINTO, R. A. J. Modernidade antes dos modernistas. O interesse dos periódicos pelo espaço arquitetônico no Brasil. **Arquitextos**, São Paulo, v. n.153.00, n. Vitruvius, fevereiro 2013.

PORTINHO, C. Entrevista concedida a Vera Rita da Costa (Ciência Hoje), 1995. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/carmen_portinho_22.html>.

PORTINHO, C. Entrevista concedida a Vera Rita da Costa (Ciência Hoje), 1995.

RODRIGUES, C. Butler e a desconstrução do gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 216, 2005.

RUBINO, S. **LINA POR ESCRITO. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi**. In: GRINOVER, M.; RUBINO, S. (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SÁ, F. D. C. D. **Profissão: Arquiteta**. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das realções de gênero. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP. 2010.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e realidade**. São Paulo: 3ª edição: Expressão Popular, 2013, 1969.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **cadernos pagu**, 16, 2001. 115-136.

SALVATORI, E. Arquitetura no Brasil: ensino e profissão, v. 4, n. 2:52-77, 2008.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 70: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, 2004.

SCOTT BROWN, D. Room at the Top? Sexism and the Star System in the Architecture. In: BORDEN, I.; PENNER, B.; RENDELL, J. **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**. New York: Routledge, 2000.

SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

SCOTT, J. A mulher trabalhadora. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **História das Mulheres. O século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991.

SEGATO, R. L. La argamasa jerárquica: violencia moral, reproducción del mundo y la eficacia simbólica del derecho, Brasília, 2003.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos ces [Online]**, p. 106-128, Dezembro 2012. Disponível em: <<http://eces.revues.org/1533>; 10.4>. Acesso em: 2016.

SEGAWA, H. **Revista Acrópole**. Revista Acrópole, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/>>. Acesso em: Maio 2015.

SLEDZIEWSKI, É. G. História das Mulheres no Ocidente. O século XIX. In: FRAISSE, G.; PERROT, M. **História das Mulheres. O século XIX**. Porto: Afrontamento, v. 4, 1991.

SOIHET, R. A Conquista do Espaço Público. In: PINSKY, C. B.; MARIA, P. J.; (Org.), - **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, 2013.

STEVENS, G. **O Círculo Privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

STUCHI, F. T. **Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP. 2006.

TIBURI, M. O que é feminismo, 2016. Disponível em: <<http://revista-cult.uol.com.br/home/2015/03/o-que-e-feminismo/>>.

TINEM, N. Arquitetura Moderna Brasileira: a imagem como texto. **Arquitextos**, v. 072.02, 2006.

VITRÚVIO. **Tratado de Arquitectura**. Tradução de M. Justino Maciel. 3ª. ed. [S.l.]: IST PRESS, 2009.

WARCHAVCHIK, G. **Arquitetura do século XX e outros escritos**. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2006.

ZEIN, R. V. Oscar Niemeyer. Da crítica alheia à teoria própria. **Arquitextos**, São Paulo, v. 151.04, n. Vitruivius, 2012.

Projeto gráfico de Luísa Vieira
luisavieirasilva@gmail.com
www.luisavieira.com

HA

ANÁLISE DA REVISTA

BI

TAT

ANEXO I

Número 8

Setembro 1951

Observações: A edição pesquisada na BCE - Biblioteca Central da Universidade de Brasília, não tem capa e não consta a data da edição ou mês no sumário. O mês e ano indicados baseiam-se num cálculo que leva em conta a data de início de circulação da revista e sua periodicidade.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Arq. Lina Bo Bardi**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **9**

1.1 Quantos homens? **8** Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Edifício comercial

Arquitetura de Interior

Casa

Decoração

Paisagismo

Outro

2.2 Nome da autora: **Lina Bo Bardi**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos?

SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados?

SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres?

SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas?

SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados?

SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados?

SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas?

SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina?

SIM NÃO

9.1 Se sim, qual? **Fotografias**

9.2 Se sim, quem são as autoras? **Rachel Esther Prochnik e Sasha Harnish**

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **16**

2. Os artigos são assinados?

SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres?

SIM NÃO

3.1 Se sim, quantos? **3**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas?

SIM NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM (X) NÃO

3.4 Nome(s): **Lina Bo Bardi**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

5.3 Nome(s): **Rachel Prochnik**

5.4 Formação: **Estudante de arquitetura**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Lina Bo Bardi

TÍTULO: Arranha-céus e o espírito

TEMA: Semana de arte em Paris

RESUMO: Lina Bo Bardi introduz a edição da revista, que apesar de ocupar-se por princípio de coisas brasileiras, nessa edição trata da semana de arte em Paris. Uma semana onde encontram-se mais de cento e cinquenta galerias de arte abertas e exposições das mais diversas nos mais de cinquenta museus da cidade. “No espaço de uma semana vós podeis realizar uma viagem imaginária através dos povos e das épocas, e os horizontes se dilatam em medida humana, com sentimento da vida e da história, que é a única ideia sensível da humanidade civil.” Conclui falando sobre trazer um pouco dessa experiência para São Paulo, capital que vai em breve se igualar a população de Paris, mas que possui um atraso em produção cultural em relação a esta. “Quanto há que pensam nas necessidades da arte, na educação do gosto, no conhecimento humano? Quanto serão os que consideram os patrimônios da arte como os mais garantidos capitais para a formação de uma civilização?”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Lina Bo Bardi

TÍTULO: Um Museu de Arte em São Vicente

TEMA: Sobre a experiência do Museu de Arte de São Paulo e da criação do Museu de São Vicente

RESUMO: Lina Bo Bardi começa resgatando a história do Museu de Arte de São Paulo e reflete sobre quais assuntos devem ser considerados na construção de um museu. Fala sobre o plano didático da construção do Museu de Arte de São Paulo em seus quatro anos de existência, do trabalho junto às crianças, da criação da orquestra infantil e juvenil, da criação do cinema, etc. Toda essa experiência para servir de base para a criação do Museu de São Vicente. A partir daí, ela começa a descrever tanto o projeto arquitetônico do museu (de autoria dela) como o projeto museográfico, pedagógico que se propõe ali. “Se o Museu de São Vicente lograr êxito nos seus desígnios, isto é, se se tornar um organismo através do qual o homem da cidade pode tornar-se, aos poucos, contemporâneo de todo mundo moderno, cada vez mais conscientemente, teremos criado um meio, que reputamos exemplar, de tornar a cultura um fato verdadeiramente vital e popular.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Lina Bo Bardi

TÍTULO: Os museus vivos nos Estados Unidos

TEMA: Sobre a concepção moderna dos museus no EUA

RESUMO: Lina Bo Bardi fala sobre a concepção moderna dos museus nos EUA, que muito mais que museus turísticos, servem como instrumento de educação pública. “Junto a cada museu brotou um novo fermento: não só o conservativo e o colecionístico, mas o de pesquisas, o de enriquecimento progressivo, com a contínua e cada vez mais geral colaboração do público.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Arq. Victor Canongia Barbosa

TÍTULO: Uma estudante em viagem

TEMA: Fotos da estudante de arquitetura Rachel Prochnik

RESUMO: Sobre uma série de fotografias que a estudante tirou em uma viagem pelo Brasil e levou à revista, que decidiu publicá-las. São fotos de diversos tipos de construções, desde as mais simples até as mais elaboradas, janelas, igrejas e por último, sobre homens no carnaval.

Número 18

Setembro/Outubro 1954 | 76 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Rodolfo Klein**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **9** Quantas mulheres? **2**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **8**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **13**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO

3.1 Se sim, quantos? **5**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM (X) NÃO

3.4 Nome(s): **Rosy F. de Borba e Maria de Lourdes Teixeira**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Rosy F. de Borba

TÍTULO: Um “bestiário” ...alheio

TEMA: Sobre a primeira obra de história natural do Brasil

RESUMO: Após uma introdução sobre essa, que vem a ser a primeira obra de história natural do Brasil - uma série de gravuras que mostram animais e plantas de uma forma inusitada, como um bestiário. Essa série encontra-se em um livro, que está dividido em duas partes: a primeira que trata da medicina no Brasil, escrita pelo médico holandês Guilielmi Pisonis e a segunda, que é intitulada “Historia das coisas Naturais do Brasil” escrita por Georgi Marcgravi de Liebstad. “Não sabemos se alguém já pensou em compilar um ‘bestiário’ brasileiro, um daqueles trabalhos didáticos-morais, segundo a espécie de contos tão comuns na Idade Média.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Rosy F. de Borba

TÍTULO: Artistas contemporâneos britânicos

TEMA: Sobre a arte britânica

RESUMO: Rosy Borba inicia fazendo um resgate histórico sobre o período moderno da arte britânica que iniciou-se em 1910 e que no pós-guerra vem mostrando grande interesse pela vitalidade, tanto da pintura como da escultura. Ela aponta que a vitória do protestantismo e as hostilidades que estes tinham com a arte sacra acabam por golpear a tradição artística que tinha o país até então. Fala também que os ingleses tem domínio fértil de semi-abstracionistas e semi-figurativos. “Características desse movimento são a qualidade poética, o romantismo e o uso subsidiário da cor. O caráter das obras de muitos pintores ingleses nos parece ser comumente mais intelectual do que sensual.” - essa característica manifesta-se tanto na pintura como na escultura. Cita também alguns artistas específicos incluindo Francis Bacon; Lucian Freud e Henry Moore.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Rosy F. de Borba

TÍTULO: Bahia

TEMA: Descrição do porto de Salvador

RESUMO: Em forma de crônica, Rosy Borba descreve a variedade de acontecimentos que rondam o porto de Salvador, a cidade Baixa, o Elevador Lacerda, as diversas tipologias arquitetônicas. Depois fala sobre o Mercado Modelo, com sua enorme variedade de produtos, comidas e pessoas.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Maria de Lourdes Teixeira

TÍTULO: Entre Marinetti e Dali

TEMA: Fala sobre a vida de Francisco Mondino

RESUMO: Maria de Lourdes faz um pequeno texto biográfico sobre a vida de Francisco Mondino, essa pessoa que teve mil profissões das mais variadas, desde escritor e atleta a boiadeiro de Goiás. Além disso fez algumas ilustrações surrealistas que, segundo Maria de Lourdes, deixariam Dali morrendo de inveja.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Maria de Lourdes Teixeira

TÍTULO: Crônicas: Arquitetura, Artes Plásticas, Música e Teatro

TEMA: Crônicas variadas

RESUMO: São vários pequenos textos sobre variados assuntos. Os primeiros textos são sobre arquitetura, depois artes plásticas e música. Em arquitetura, são textos críticos, entre críticas boas e más a projetos sendo executados, sobre prêmios de arquitetura, código de obras de uma cidade, etc. Na parte de artes plásticas acontece a mesma coisa, passando também por notícias e curiosidades. Nesse número ela traz uma chamada sobre a produção de escultoras brasileiras que passaram a fazer escultura “de critério dialético” [nem figurativo-corporal, nem abstrato-formal]. São elas: Elizabeth Nobling, Felícia Leiner, Maria Martins, Mussia Ointo Alves, Teresa d’ Amico, Charis Brandt, Pola Resende, Sônia Ebling, Hilda Goltz, Zélia Salgado, Rosa Frisoni, Adriana Janacopulos, Margaret Spence e Mosa Eugênia Vicuña. Na parte de música ela traz notícias sobre música popular e folclórica, escolas de bailado e a revivência da Opera. No Teatro fala sobre teatro no Brasil e no estrangeiro, além de críticas de atores e peças.

Número 28

Março 1956 | 67 páginas

Observações: A revista passa a ter seções de redação sob diferentes chefia: Artes Plásticas sobre direção de José Geraldo Vieira e Arquitetura por Geraldo Ferraz.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Geraldo N. Serra**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Rodolfo Klein**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **12**

1.1 Quantos homens? **12** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **3**

2.1 Quantos homens? **3** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **24**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

5.3 Nome(s): **Marina Caram**

5.4 Formação: **Artista Plástica**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Redação da revista

TÍTULO: Litografias de Marina Caram

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: Segundo o texto, Marina poderia possuir dois nomes artísticos dada a diferença entre seus trabalhos em gravura e em desenho. A série de que o texto trata são de litografias produzidas em Salvador, após um estágio feito pela artista no começo do ano de 1956. Ela expôs o trabalho no Museu de Arte Moderna onde havia duas séries de gravuras: “uma registrando crianças e outra a substância das paredes próximas do Largo do Pelourinho”. O texto destaca a qualidade do trabalho realizado por Marina, como sendo uma das poucas artistas que usam a técnica (litografia) sem buscar um efeito rápido e superficial. Numa espécie de “responsabilidade artesanal”, não se preocupando tanto com o tema mas com a “estruturação gráfica do tema”.

Número 48

Maio/Junho 1958 | 84 páginas

Observações: Acrescentaram ao sumário a indicação de secretária com duas mulheres a frente: Wanda Svevo e Suzana Klein. Além disso, aparece nessa edição um sumário em inglês com um resumo dos artigos da revista.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Geraldo N. Serra**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Rodolfo Klein**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **22**

1.1 Quantos homens? **22** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **3**

2.1 Quantos homens? **3** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **24**
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO
- 5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
- 5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO
- 5.3 Nome(s): **Claudia Andujar, Felicia Leiner, Yola cintra e Yolanda Mohalyi**
- 5.4 Formação: **Artistas Plásticas**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Pietro Maria Bardi

TÍTULO: Claudia Andujar [From a Line to a Smile]

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: A artista Claudia Andujar veio da pintura, mas estava no Brasil desenvolvendo um trabalho enquanto fotógrafa. Bardi desenvolve uma reflexão sobre a relação entre arte abstrada, figurativa e a fotografia. “o pintor, no entanto, quando se serve da fotografia como arte em si, pode aumentar o valor desta arte verdadeiramente poética. É isto que Claudia realizou, levando para seu modo de ver fotograficamente, o talento de pintora.” Bardi, grande entusiasta da fotografia, nesse texto diz que Claudia fotografa com educação de pintora. “sua fotografia reflete um caráter pensativo, preocupado com a repercussão do acontecimento junto aos outros, com a imensidade humana dos pequenos gestos (...) O resultado é maravilhoso, é um resultado de arte, e esperamos que o volume, dedicado exclusivamente aos carajás, que a pintora está preparando, faça fugir por completo o sentido - um pouco melancólico, muito humano e muito humanamente cordial de sua arte.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Redação da revista

TÍTULO: Felicia Leiner

TEMA: Sobre a obra da escultora

RESUMO: O texto critica a elite da Bienal de arte por ter recusado o trabalho da escultora que numa bienal anterior havia ficado em 4º lugar. Para o narrador uma coisa fica clara na recusa geral, só o abstracionismo valia naquele momento, “a menor indicação de figura prejudicava faltamente um julgamento benévolo.” Apesar de recusada pela comissão-elite daquela bienal (1958) teve obras adquiridas para o Museu de Arte Moderna de Paris e Museu de Arte de São Paulo (que tinha a frente naquele momento P.M.Bardi)

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Redação da revista

TÍTULO: Yolanda Mohalyi

TEMA: Sobre a volta da artista à SP depois de um ano na Europa

RESUMO: Mostra uma anotação de Bernard Noel sobre uma exposição que viu da artista em Paris, na Galeria de Madame Collete Allendy, nos fins do ano de 1957.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Redação da revista

TÍTULO: Uma primitiva

TEMA: Sobre o trabalho da artista Yola Cintra

RESUMO: O texto fala sobre a “evolução” do trabalho de Yola Cintra, inicialmente muito tímido e introvertido. Livio Abramo foi o primeiro que viu esses trabalhos e incentivou a continuar sozinha suas pesquisas. “Convém sublinhar a palavra sozinha porque, quantas vezes a orientação de um professor, sobretudo em casos de temperamento tímido, acabaria dominando a expressão espontânea, que o leitor inegavelmente pode ver nessas duas reproduções (...) E já que estamos falando em seu traço, este de Yola Cintra, é tão feminino, que no fim dessas breves considerações, e pensando no ambiente em que foi educada, ambiente culto, pois o pai é musicólogo conhecido, achamos nosso dever frizar a instabilidade da primeira definição [desenhos primitivos, principiante]”

Número 53

Março/Abril 1959 | 64 páginas

Observações: 47 imagens na seção Prêmio Leiner de Arte Contemporânea de 1958, 13 são obras de mulheres tendo inclusive uma das premiadas, Ana Letícia, em 1º lugar em gravura

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Geraldo N. Serra**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Rodolfo Klein**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **16**

1.1 Quantos homens? **16** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **3**

2.1 Quantos homens? **3** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO

3.2 Função: **Artista plástica - desenho de azulejos**

3.3 Nome(s): **Regina Bolonha**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **20**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/ especialidade? SIM NÃO

5.3 Nome(s): **Marianne Peretti**

5.2 Formação: **Artista plástica**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Paulo Mendes da Rocha

TÍTULO: Marianne Peretti

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: Paulo Mendes escreve sobre o trabalho das gouches e dos óleos da pintora que, segundo ele, tem o dom do desenho mas abre mão deste para fazer uma pintura mais diluída, apagada. Ela também prefere cores únicas, o azul e o rosa. “De qualquer forma, da observação conjunta das telas, fica-nos a impressão de uma experiência honesta, a sensação de estarmos diante de alguém que executa a sua arte como função necessária da sua personalidade.”

Número 68

Junho 1962 | 79 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Geraldo N. Serra**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Rodolfo Klein**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **18**

1.1 Quantos homens? **18**

Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **3**

2.1 Quantos homens? **3**

Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é específica? () SIM (X) NÃO

- 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO
- 3.1 Sua função na equipe é especificada? () SIM (X) NÃO
- 3.2 Função: **Arquiteta integrante da equipe**
- 3.2 Nomes: **Norma Cavalcanti de Albuquerque**
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **14**
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO
- 3.1 Se sim, quantos? **1**
- 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
- 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM (X) NÃO
- 3.4 Nome: **Ernestine Karmann**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO
- 5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
- 5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO
- 5.3 Nome(s): **Elizabeth Nobiling**
- 5.4 Formação: **Artista Plástica**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Ernestine Karmann

TÍTULO: Primitivos do Vale do Paraíba

TEMA: Sobre os Figureiros/as do Vale do Paraíba

RESUMO: O artigo fala sobre os figureiros do Vale do Paraíba que são pessoas difíceis de encontrar. Fala sobre a visita que fizeram a cinco cidades em busca desses artesãos. São Jose dos Campos, Caçapáva, Taubaté, Rendimento da Serra e São Luís do Paraitinga. O barro do rio Paraíba é matéria-prima de suas peças, utilizando como ferramentas grampos de cabelo, palitos de fósforo, e umedecem as figuras com saliva para moldá-las.

Dentre os figuristas dali também mulheres: Therezinha Pereira, Vitalina Feliciano e sua filha Maria Helena Feliciano, Maria Luiza e Benedito Galdino. Taubaté: “o maior e melhor núcleo de figureiros” e tem como fato curioso todos morarem no centro da cidade e a sua maioria na mesma rua - A Imaculada Coincidência. Segundo Ernestine, encontraram aí também o melhor figurista, Benedito Gomes da Silva, que aprendeu o ofício com sua esposa, Maria Gomes da Silva, após ter tido uma doença e ficar impossibilitado de trabalhar no campo. O texto segue falando sobre mais figuristas de Taubaté e suas obras. Conta sobre a figureira Maria Eugênia Marcondes “talvez a mais

caprichosa das figureiras do Vale da Paraíba.” Diz que suas figuras são perfeitas, tanto na forma como no acabamento, é a única que pinta a parte inferior das peças e as lixa antes de pintar. “Arruma as peças com carinho, procurando dar a posição mais adequada a cada figura, fazendo questão de milímetros no arranjo. Mostra amor ao que faz e reserva para si mesma diversas peças.” Rendenção da Serra: José Ítalo Enoc “Zico Enoc” “considerado pelo povo da terra como grande artista.” Mas ele profissionalizou as encomendas as fazendo em formas de gesso “estragando completamente a sua arte”. São Luís do Paraitinga - Maria Clementina de Jesus Castro “cujo trabalho se destaca pelo resultado obtido.” Morava na roça mas quando enviuvou mudou-se para a cidade com os filhos e tendo sempre gostado de desenhar as imagens dos santos que via na igreja, passou a moldá-las no barro. “é realmente impressionante o que consegue fazer. Suas figuras medem uns 30cm de altura, mais ou menos. Detalha os rostos e as vestimentas com um realismo que causa espanto (...) Consideramos a artista um caso de vocação inata para a escultura, e apenas a incluímos entre os primitivos do Vale do Paraíba, por ela ser pessoa simples e sem cultura. Contudo, é uma criatura de excepcional sensibilidade.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Redação da revista

TÍTULO: Elizabeth Nobiling

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: Artista brasileira da alta burguesia, estudou na Europa e seu trabalho se desenvolve entre aqui e lá. Vindo do desenho trabalha também com cerâmica. Sobre o desenho, o artigo diz que seu acervo gráfico pode ser dividido em três períodos. O primeiro, ainda propedêutico, anatômico, traço periférico. O segundo é “proto-expressionista, em paroxismos centrífugos e centrípetos do objeto ou da figura e o terceiro é analítico e episódico com estilização linear e textural de barcos e grupos. Já as “poteries” são formas “proto-históricas, de antes das civilizações clássicas ou bárbaras.” “Lá do alto de Campos do Jordão, onde as chuvas não deixam que a terra se detenha, Elizabeth Nobiling descortina o Vale do Paraíba e se empolga. Manda buscar terra lá embaixo e se manda a produzir, certa de que a reserva é inesgotável.”

Número 78

Julho/Agosto 1964

Observações: Essa edição vem com seções separadas em: arquitetura, paisagismo, artes plásticas e mosaico

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Geraldo N. Serra**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Rodolfo Klein**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **14**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **2**

2.1 Quantos homens? **2** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **2**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Edifício comercial Arquitetura de Interior

Casa Decoração

Paisagismo

Outro

2.2 Nome da autora: **Arq. Miranda Martinelli Magnoli**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **17**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? SIM NÃO

5.3 Nome(s): **Niobe Xandó, Shila Brannigan e Cristina Hopfer**

5.4 Formação: **Artistas Plásticas**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Theon Spanudis

TÍTULO: A pintura de Niobe Xandó, ou as maravilhas do mundo

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: O artigo fala sobre as pinturas de Niobe Xandó, uma artista que passa os fins de semana em seu sítio fora da cidade e observa a natureza (os insetos, plantas e flores) com uma lente de forma que as cores e formas emanam em suas telas. “Niobe Xandó é um mística da micronatureza, da natureza das plantas, dos insetos, da natureza observada pela lente.” Mas não é um pintura realista, ela interpreta a natureza em suas obras. “Niobe Xandó é uma autodidata e uma instintiva. Mas ela conseguiu um idioma pictórico todo particular, originalíssimo, de grande seriedade plástica e beleza exaltada. É uma pena que ela ainda não foi descoberta e devidamente valorizada pela crítica (...) Niobe Xandó é uma das vozes mais valiosas, mais misteriosas, mais originais e mais belas da atual pintura brasileira.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Theon Spanudis

TÍTULO: A pintura temperamental de Sheila Brannigan

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: O artigo fala sobre as pinturas da artista que se inspira muito no desenho do corpo feminino e de seus movimentos. “Sheila Brannigan é uma feiticeira do corpo humano e de suas posturas exaltadas. (...) Estamos no mundo dos movimentos, mas com capacidade de capturar o essencial num só movimento delineado e cristalizado. Este é o mistério de Sheila Brannigan, o ponto sensível de sua arte, o segredo de sua força.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Sigwart Blum

TÍTULO: Cristina Hopfer

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: Cristina Hopfer é alemã, tendo estudado em Leipzig, em Paris e em Munique. Vive em Buenos Aires, na Argentina desde 1935, onde atualmente funciona seu ateliê (1964). Pinta principalmente quadros a respeito da criação do mundo, onde descreve histórias bíblicas onde estão reproduzidos sempre animais e o homem. “O seu estilo possui o sabor do popular, tanto que a pintura de Cristina Hopfer raia, muitas vezes, a proximidade do ingênuo.”

Número 83

Maio/Junho 1963 | 52 páginas

Observações:

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Geraldo N. Serra**

Diretor(es): **Geraldo N. Serra**

Redator(es): **Rodolfo Klein**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **14**

1.1 Quantos homens? **14** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **2**

2.1 Quantos homens? **2** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **17**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? SIM NÃO

5.3 Nome(s): **Macline - Olga Alves de Azevedo Macedo**

5.4 Formação: **Artista Plástica**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

AUTORIA: Manuel Germano

TÍTULO: Guaches de Macline

TEMA: Sobre o trabalho da artista

RESUMO: O artigo fala sobre a pintora Macline que tem nome civil de Olga Alvares de Azevedo Macedo, nascida na Suíça filha de pai brasileiro e mãe francesa. “(...) em todos seus trabalhos impera sempre uma superdominante: o jogo intenso de cores sobre arquiteturas imaginárias.”

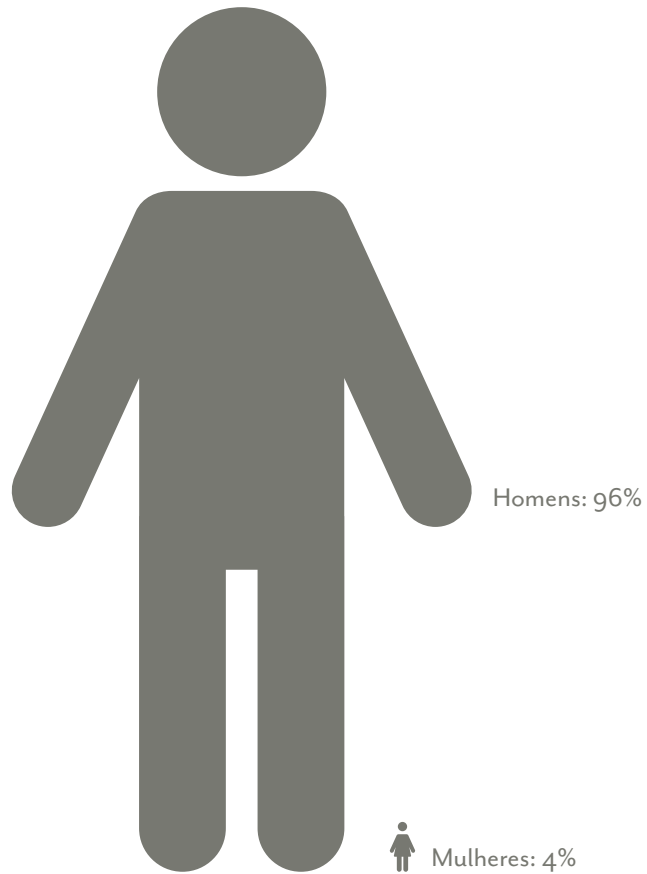
HA

EM NÚMEROS

BI

TAT

ANÁLISE DO CORPO EDITORIAL



Colaboradores



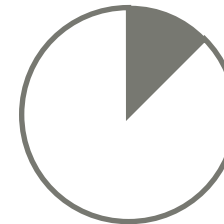
Redação com assinatura: 75%

Assinatura redação



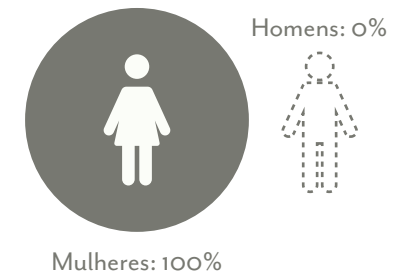
Assinatura redação/gênero

Fotografias assinadas: 12%



Fotografias não assinadas: 88%

Assinatura fotografias

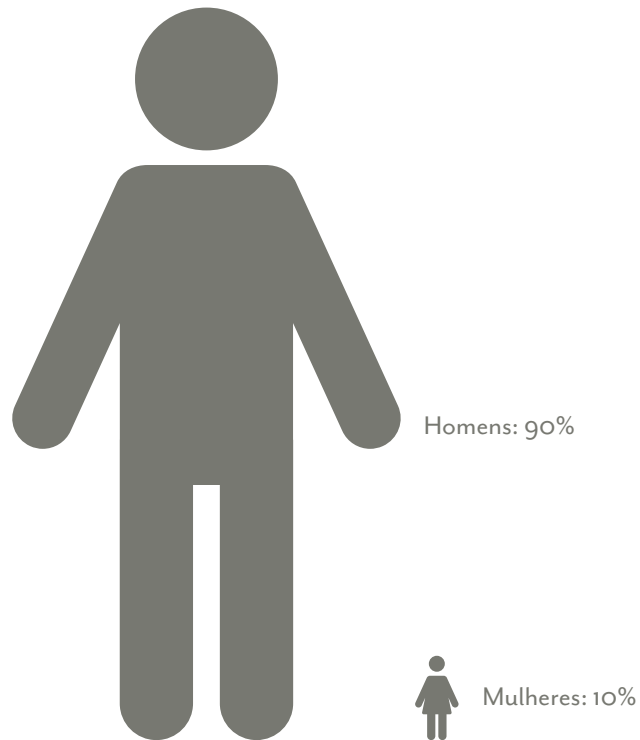


Assinatura fotografias

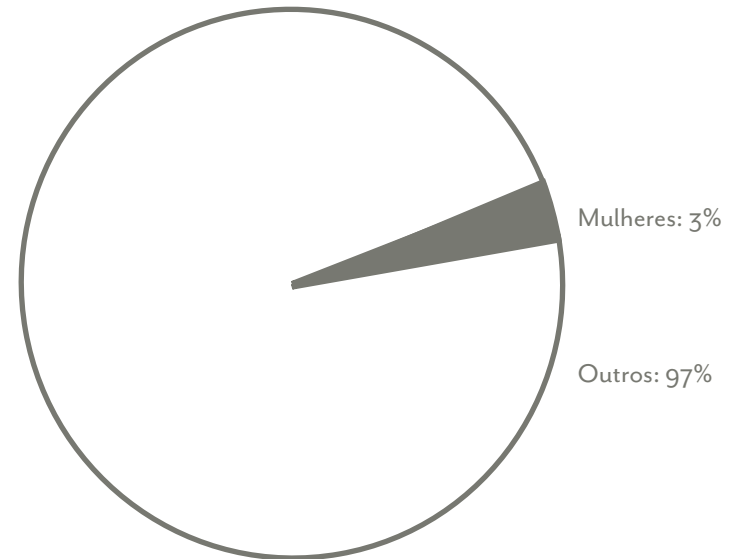
ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS



Tipologia projetos femininos



Autoria dos projetos



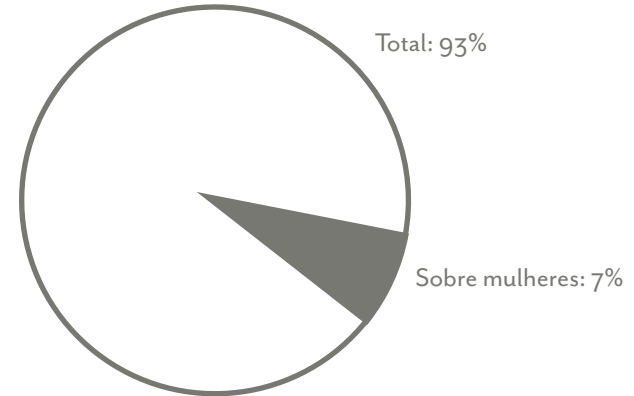
Co-autoria ou colaboração feminina nos projetos

DAS OITO EDIÇÕES ANALISADAS, APENAS UMA CONTOU FORMALMENTE COM O NOME DE LINA BO BARDI NA DIREÇÃO E NA AUTORIA DE UM TEXTO EDITORIAL SOBRE PROJETO. PROJETO ESSE, TAMBÉM DE SUA AUTORIA, O MUSEU DE SÃO VICENTE.

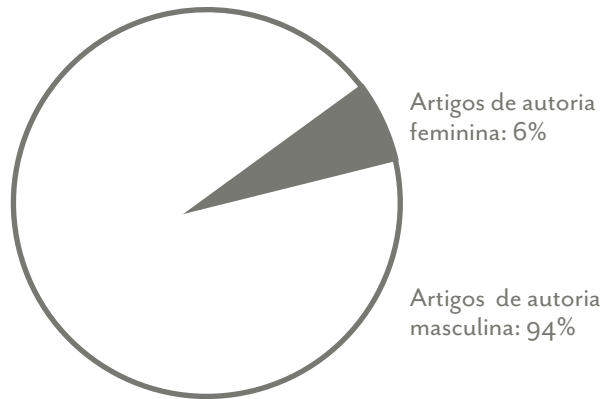
ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS



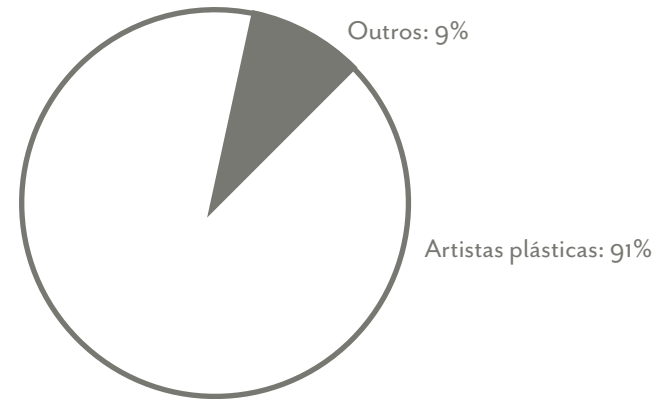
Total de artigos



Artigos sobre mulheres



Autoria dos artigos



Assunto dos artigos sobre mulheres

ACRO

ANÁLISE DA REVISTA

POLE

ANEXO II

Número 144

Abril 1950 | 16 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Não informado**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **5**

1.1 Quantos homens? **5** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 149

Setembro 1950 | 16 páginas

Observações: Edição consultada na internet incompleta (apenas páginas 129,130; 141-144) mas pelo índice pode-se responder as perguntas

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto A. Correa de Brito e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **6**

1.1 Quantos homens? **6** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 154

Fevereiro 1951 | 30 páginas

Observações: **Maior número de colaboradores no corpo técnico da revista mas a grande maioria ainda de engenheiros, apenas um arquiteto, Eduardo Knesse**

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto A. Correa de Brito e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Max Gruenwald**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **4**

1.1 Quantos homens? **4** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **1**

2.1 Quantos homens? **1** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 159

Julho 1951 | 33 páginas

Observações: **Maior número de colaboradores no corpo técnico da revista agora com mais arquitetos**

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto A. Correa de Brito e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Max Gruenwald**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 7

1.1 Quantos homens? 7 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1 Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 3

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 164

Dezembro 1951 | 33 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto A. Correa de Brito e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Max Gruenwald**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 5

1.1 Quantos homens? 5 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1 Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 3

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 169

Junho 1952 | 43 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto A. Correa de Brito e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Max Gruenwald**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **5**

1.1 Quantos homens? **5** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **1**

2.1 Quantos homens? **1** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **7**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 174

Outubro 1952 | 38 páginas

Observações: Conselho Técnico de São Paulo pela primeira vez com mais arquitetos que engenheiros. Mudança do dono. Publicidade muito mais expressiva logo no início da revista

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto A. Correa de Brito e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Max Gruenwald**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **1**

2.1 Quantos homens? **1** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **7**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 179

Março 1953 | 47 páginas

Observações: Diversas equipes de fotografia. Nenhum nome feminino.

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Marx Gruenwald e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **6**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

9.2 Se sim, quem são as autoras? **Rachel Esther Prochnik e Sasha Harnish**

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **3**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 184

Agosto 1953 | 53 páginas

Observações: Novo design da capa. Edição especial sobre a obra de vários arquitetos

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Marx Gruenwald e Eng. Cyro Ribeiro Pereira**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 20

1.1 Quantos homens? 20 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 17

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 189

Janeiro 1954 | 46 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 12

1.1 Quantos homens? 12 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 10

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 2

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 194

Novembro 1954 | 47 páginas

Observações: Nota sobre exposição feminina na parte sobre Artes Plásticas - Boletim IAB. Exposição no MAM de quatro artistas: Elisabeth Nobiling; Rosa Frisoni; Gerda Brentani e Yolanda Mohaly.

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **11** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **13**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 199

Abril 1955 | 47 páginas

Observações: Edição com vários informativos técnicos como colaboração de empresas. Um misto de publicidade informativa.

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 9

1.1 Quantos homens? 9 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 8

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? (X) SIM () NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 0

Número 204

Setembro 1955 | 26 páginas

Observações: Projeto de uma arquiteta na capa - Lygia Fernandes

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira, Arq. Rodolpho Ortenblad Filho e Manfredo Gurenwald**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 12

1.1 Quantos homens? 11 Quantas mulheres? 1

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 9

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Edifício comercial

Casa

Paisagismo

Arquitetura de Interior

Decoração

Outro

2.2 Nome da autora: Lygia Fernandes

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 2

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 209

Fevereiro 1956 | 46 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira, Arq. Rodolpho Ortenblad Filho e Manfredo Gurenwald**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 8

1.1 Quantos homens? 8 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 6

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Colaboração no projeto paisagístico**

3.3 Nome(s): **Miranda Martinelli**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 2

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 214

Julho 1956 | 39 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **11** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **12**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **0**

Número 219

Janeiro 1957 | 33 páginas

Observações: Antes do índice, a revista começa a ter publicidade mesclada com resenhas de livros

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 7

1.1 Quantos homens? 7 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 13

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 224

Junho 1957 | 33 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Roberto Fontes Gomes**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **1**

2.1 Quantos homens? **1** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **8**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **0**

Número 229

Novembro 1957 | 33 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 17

1.1 Quantos homens? 15 Quantas mulheres? 2

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1 Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 10

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Edifício comercial

Arquitetura de Interior

Casa

Decoração

Paisagismo

Outro

2.2 Nome da autora: **Marjan Ricardo Gogowski e Maria Laura Osser**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 0

Número 234

Abril 1958 | 35 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Roberto Fontes Gomes**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Roberto Fontes Gomes**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 13

1.1 Quantos homens? 12 Quantas mulheres? 1

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1 Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 12

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: Co-autora de anteprojeto para residência

3.3 Nome(s): **Rosa Kliass e Wladimir Kliass**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 0

Número 239

Setembro 1958 | 35 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **10**

1.1 Quantos homens? **10** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **1**

2.1 Quantos homens? **1** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **1**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 244

Fevereiro 1959 | 31 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 10

1.1 Quantos homens? 9 Quantas mulheres? 1

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1 Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 6

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Co-autora do projeto de interiores para residência**

3.3 Nome(s): **Daisy Igel**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 249

Julho 1959 | 31 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 10

1.1 Quantos homens? 10

Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1

Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 4

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 254

Dezembro 1959 | 74 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 10

1.1 Quantos homens? 10

Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 1

2.1 Quantos homens? 1

Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 6

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 2

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 259

Abril 1960 | 74 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **16**

1.1 Quantos homens? **15** Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **1**

2.1 Quantos homens? **1** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **6**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **1**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

4.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO

4.2 Função: **Não informada**

4.3 Nome(s): **Marina Cláudia Boccara**

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Augusto Boccara e Maria Cláudia Repetto de Boccara

TÍTULO: Evolução do conceito de planejamento das cidades capitais

TEMA: Estudos sobre as capitais sob uma perspectiva do planejamento nacional e desenho urbano.

RESUMO: O artigo faz parte de uma série de estudos (que irão sendo publicados nas edições subsequentes) sobre capitais criadas sob uma perspectiva do planejamento nacional e desenho urbano. Fala primeiro sobre o surgimento das cidades-capitais. “Sua aceção etimológica, capitalis: principal, de capitais: cabeça, já define como entidade pensante e vontade diretiva de um organismo vital: o estado, cujo destino guia através de um instrumento: o mecanismo no governo, o qual cumpre a missão unificadora de centralizar os diferentes aspectos da vida cultural, econômica, e primordialmente, política de um povo.” Fala sobre como o estudo sobre as capitais interessam os diferentes ramos da ciência. O artigo propõe então estudar dois tipos de criação das capitais, aquelas espontâneas, onde são estabelecidas sobre uma cidade pré-existente (Londres, Paris, Roma, e geralmente as capitais da América Latina) e as planejadas, (Brasília, Washington, Madrid, Canberra) criadas em área virgem, sem núcleo urbano anterior. Os autores apontam que talvez tendo um desenvolvimento menos vivo, as capitais planejadas muitas vezes acabam por articular uma cidade unificadora, que estaria centralizada fisicamente no território, dentro das possibilidades, em termos de concentração demográfica ou de proteção das fronteiras. Normalmente quando os estados tem atuação unitária, as capitais são espontâneas, no caso da maioria da Europa, enquanto os federativos acabam por optar por capitais planejadas.

Número 264

Outubro 1960 | 36 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira, Roberto Fontes Gomes, e Manfredo Gurenwald**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 12

1.1 Quantos homens? 12

Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 7

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos?

(X) SIM () NÃO

- 3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO
- 3.2 Função: Arquitetas colaboradoras
- 3.3 Nome(s): **Anny Syrakoff e Olga Verjosky**
4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO
8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **0**

Número 269

Março 1961 | 26 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
 SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **7**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 0

Número 274

Setembro 1961 | 35 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 12

1.1 Quantos homens? 12

Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 7

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina?

(X) SIM () NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

() Edifício público de grande porte

() Edifício residencial

- () Edifício comercial () Arquitetura de Interior
 () Casa () Decoração
 (X) Paisagismo () Outro

2.2 Nome da autora: **Rosa Kliass**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 279

Fevereiro 1962 | 35 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 8
- 1.1 Quantos homens? 8 Quantas mulheres? 0
2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**
- 2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 5
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 284

Julho 1962 | 35 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 10

1.1 Quantos homens? 10 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 7

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 289

Dezembro 1962 | 35 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 6

1.1 Quantos homens? 6 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 4

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 4
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

Número 294

Maio 1963 | 27 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 17

1.1 Quantos homens? 17 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 6

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 9
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 299

Setembro 1963 | 29 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 12
- 1.1 Quantos homens? 12 Quantas mulheres? 0
2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**
- 2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 9
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 0

Número 304

Março 1964 | 29 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 12

1.1 Quantos homens? 12

Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 4

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos?

() SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 309

Agosto 1964 | 49 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **14**

1.1 Quantos homens? **14**

Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos?

() SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 4
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 314

Fevereiro 1965 | 49 páginas

Observações: Edição especial de projetos de escolas.

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 4

1.1 Quantos homens? 3 Quantas mulheres? 1

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 14

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO

3.2 Função: **Arquiteta colaboradora**

3.3 Nome(s): **Marlene Picarelli**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 319

Julho 1965 | 49 páginas

Observações: Edição especial de projetos de Flávio Imério, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **5**

1.1 Quantos homens? **5** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **7**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

- 3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM
- 3.2 Função: **Construtora**
- 3.3 Nome(s): **Marietta Vampré**
4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO
8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **4**
2. Os artigos são assinados? SIM NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 324

Dezembro 1965 | 47 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **8**
- 1.1 Quantos homens? **8** Quantas mulheres? **1**
2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**
- 2.1 Quantos homens? **-** Quantas mulheres? **-**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 4
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 329

Junho 1966 | 49 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 8

1.1 Quantos homens? 7

Quantas mulheres? 1

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 8

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina?

() SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos?

() SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 16
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO
- 3.1 Se sim, quantos? 3
- 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
- 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO
- 3.4 Nome(s): **Laura Garcia Moreno Russo**
- 3.5 Formação: **Bibliotecária**
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

AUTORIA: Laura Garcia Moreno Russo

TÍTULO: O planejamento de bibliotecas públicas

TEMA: Laura Russo é presidente do conselho nacional de biblioteconomia (na época) e ela escreve sobre o planejamento de bibliotecas públicas.

RESUMO: O sumário do artigo é dividido em nove tópicos: 1. conceito e fundação de uma biblioteca; 2. Tipos de biblioteca; 3. O planejamento; 4. Princípios; 5. Iluminação; 6. O livre acesso; 7. Conservação do material bibliográfico; 8. Equipamentos; 9. Pessoal. Ela fala sobre a importância da biblioteca para a educação e o progresso de um país. Segundo Laura, existem vários tipos de bibliotecas (escolares, universitárias, especializadas, municipais, estaduais ou nacionais). A proposta dela então é apresentar uma espécie de “programa de necessidades” de uma biblioteca pública, “para que possam apresentá-las dentro dos padrões aconselhados pelas modernas técnicas biblioteconômicas.” Ela defende então que um bom projeto de biblioteca, além do arquiteto, deve ter o assessoramento de um bibliotecário. Aí ela começa a enumerar os espaços necessários e alguns princípios importantes. Depois ela apresenta uma tabela com metragem quadrada proporcional ao número de habitantes. Sobre a iluminação ela descve sobre a iluminação individual dos espaços de leitura, a iluminação natural e artificial, estabelecendo limites de lux mínimos. Fala sobre conservação e traz por último uma lista de equipamentos (móveis com dimensionamento) adequados para uma biblioteca.

Número 334

Novembro 1966 | 51 páginas

Observações: Vários nomes escritos com a inicial e o sobrenome, não dá pra saber se são homens ou mulheres.

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? ? Quantas mulheres? ?

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Edifício comercial

Arquitetura de Interior

Casa

Decoração

Paisagismo

Outro

2.1 Nome da autora: **Rosa Kliass**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **4**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 339

Maio 1967 | 48 páginas

Observações: Edição especial de concursos. Muitos colaboradores (ou colaboradoras) referenciados apenas nome inicial pela letra e sobrenome, não se sabe se homens ou mulheres.

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **31**

1.1 Quantos homens? ? Quantas mulheres? ?

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **13**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquiteta colaboradora**

3.3 Nome(s): **Marina N. Donelli**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 344

Outubro 1967 | 46 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Américo Pellegrini, Marx Gruenwald e Manfredo Gurenwald**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **9**

1.1 Quantos homens? **8** Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: Arquiteta co-autora e colaboradora

3.3 Nome(s): M.Cláudia Repeto de Boccara & Ciniti Nakagawa

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 349

Abril 1968 | 42 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 17

1.1 Quantos homens? 16 Quantas mulheres? 1

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 7

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO

3.2 Função: **Arquiteta co-autora**

3.3 Nome(s): **Odiléia Setti Toscano**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 1

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 354

Setembro 1968 | 40 páginas

Observações: Edição especial concursos bibliotecas de Salvador. Todos projetos contam com uma bibliotecária consultora

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 17

1.1 Quantos homens? 17 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 8

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquiteta colaboradora**

3.3 Nome(s): **Lúcia Marschela**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 359

Março 1969 | 38 páginas

Observações: Edição especial metrô de São Paulo

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **6**

1.1 Quantos homens? **6** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **1**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **1**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 364

Agosto 1969 | 40 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **6**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquitetas colaboradoras**

3.3 Nome(s): **Alice Konder Comparato e Selda P. de Souza**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **3**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 369

Janeiro 1970 | 40 páginas

Observações: Edição especial sobre o projeto da Universidade de Brasília

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 19

1.1 Quantos homens? 19 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 10

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquiteta co-autora**

3.3 Nome(s): **Jodete Rios Sócrates**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 374

Junho 1970 | 40 páginas

Observações: Edição especial sobre o desenvolvimento da região santista

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **15**

1.1 Quantos homens? **15** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 379

Novembro 1970 | 43 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **2**

1.1 Quantos homens? **2** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **0**

2. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

3. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

4. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 384

Maio 1971 | 32 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **9** Quantas mulheres? **2**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? **-** Quantas mulheres? **-**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Arquitetura de Interior Edifício comercial

Casa

Paisagismo

Decoração

Outros
(Móveis infantis)

2.2 Nome da autora: **Adriana Adam**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO

3.2 Função: **Arquiteta co-autora**

3.3 Nome(s): **Maria Estrela Mélega**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **2**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 389

Outubro 1971 | 32 páginas

Observações: Edição Especial Eduardo Longo

EDITORIAL

Fundador(es): **Roberto A. Correa de Brito**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Roberto Fontes Gomes, Marx Gruenwald, Eng. Cyro Ribeiro Pereira e Arq. Rodolpho Ortenblad Filho**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 2

1.1 Quantos homens? 2 Quantas mulheres? 0

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

1. Quantos projetos aparecem na revista? 10

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 7

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM (X) NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 2

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

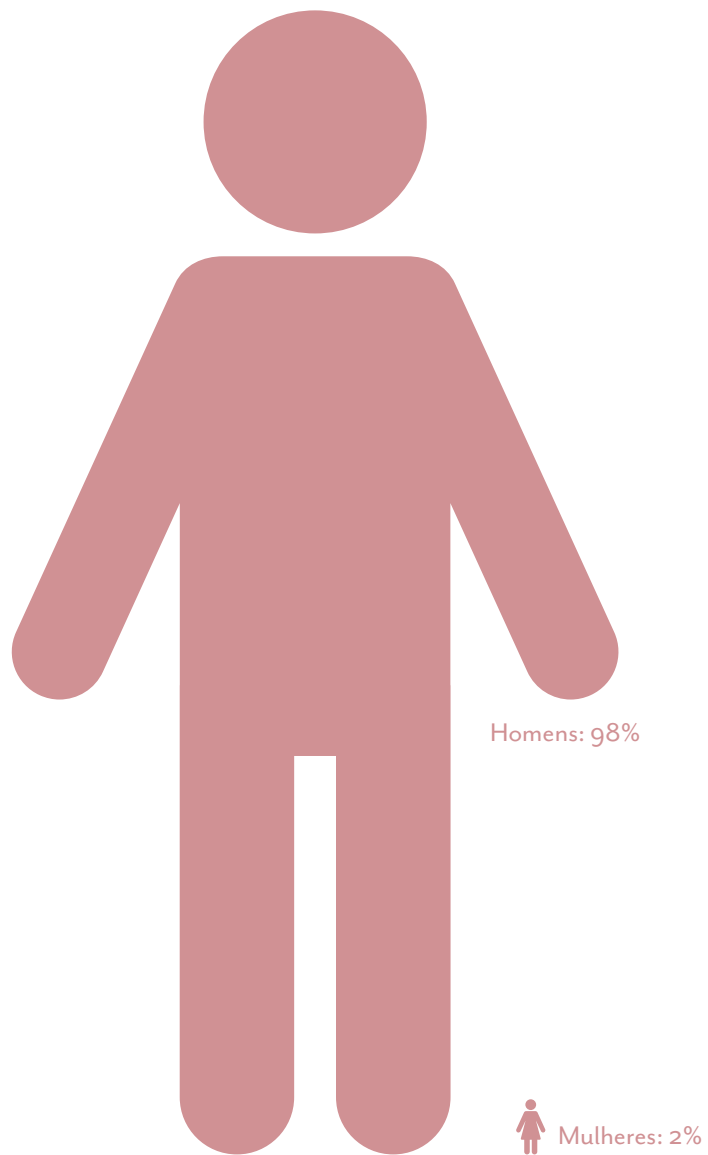
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ACRÓ

EM NÚMEROS

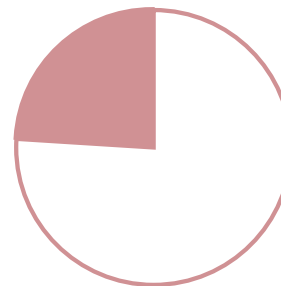
POLE

ANÁLISE DO CORPO EDITORIAL



Colaboradores

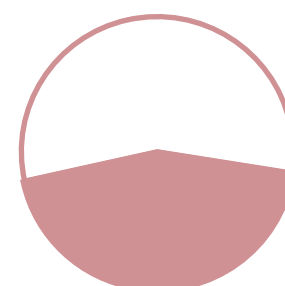
Redação com assinatura: 24%



Redação sem assinatura: 76%

Assinatura redação

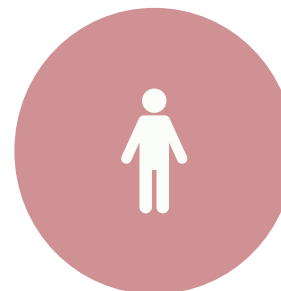
Não assinadas: 56%



Assinadas: 44%

Assinatura fotografias

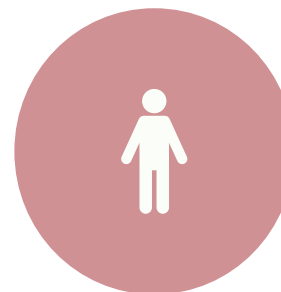
Homens: 100%



Mulheres: 0%

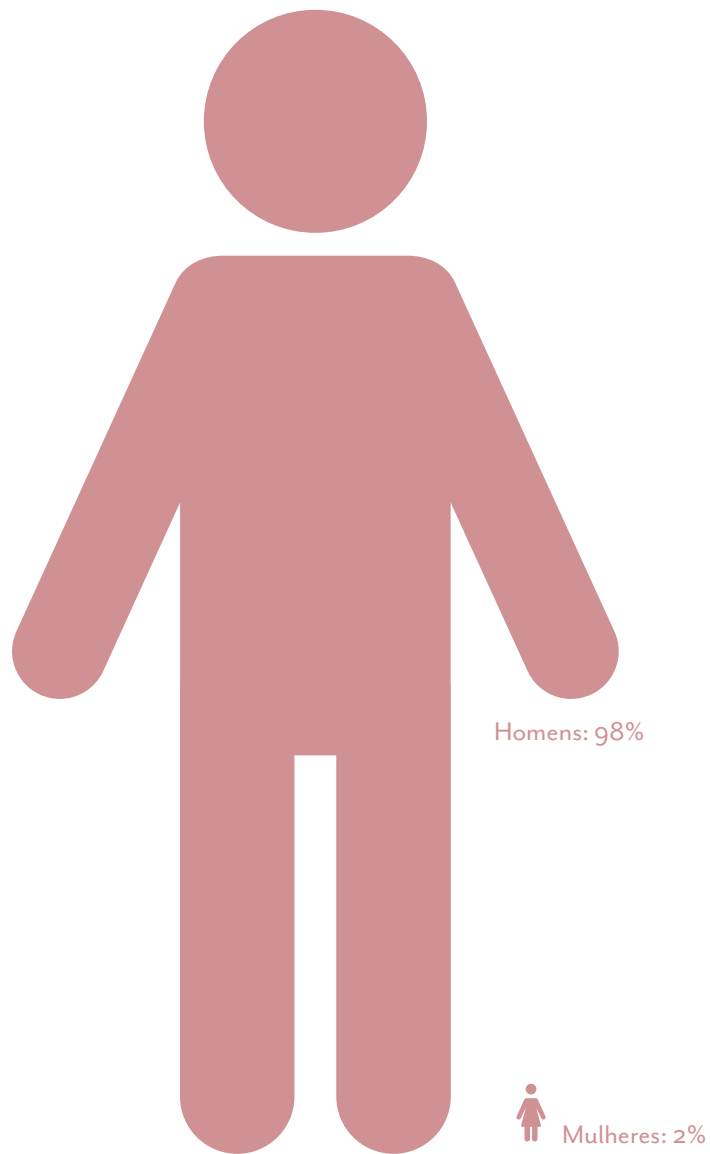
Artigos assinados por gênero

Homens: 100%



Mulheres: 0%

Fotografias assinados por gênero



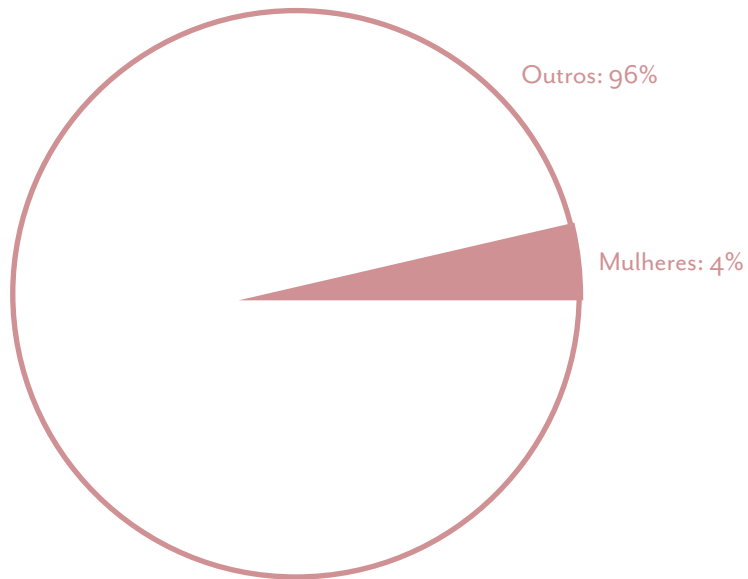
Autoria dos projetos

DE 560 COLABORADORES DA REVISTA, APENAS 13 SÃO MULHERES

DE 340 PROJETOS APENAS 6 FORAM FEITOS POR MULHERES



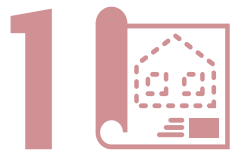
Tipologia projetos femininos



Co-autoria ou colaboração feminina nos projetos



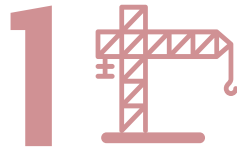
Bibliotecária



Arquitetura



Paisagista

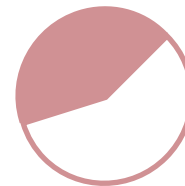


Construtora

Formação das co-autoras

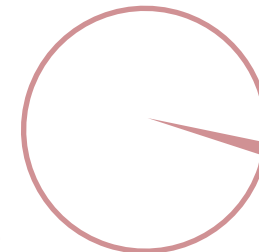
ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

Artigos assinados: 42%



Artigos não assinados: 58%

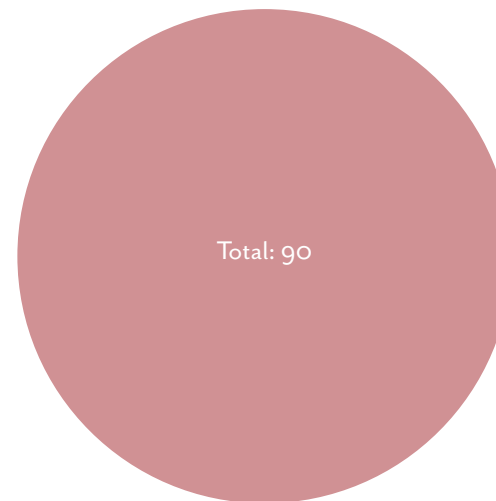
Total de artigos



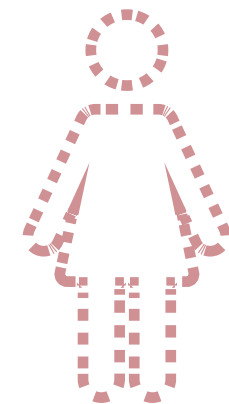
Artigos de autoria masculina: 97%

Artigos de autoria feminina: 3%

Autoria dos artigos



Total: 90



Sobre mulheres: 0

Artigos sobre mulheres

MÓ

ANÁLISE DA REVISTA

DU

LO

ANEXO III

Número 1

Março 1955 | 44 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Joaquim Cardoso, Rodrigo Andrade, Marcos Jaimovich, Rubem Braga, Zenon Lotufo e Carlos Leão**

Redator(es): **Flávio de Quino, Hélio Uchoa, José de Cousa Reis, Oswaldo Costa e Marcos Jaimovichi**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **6**

1.1 Quantos homens? **6** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **5**

2.1 Quantos homens? **5** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **8**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **8**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 6

Dezembro 1956 | 50 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Joaquim Cardoso, Rodrigo Andrade, Marcos Jaimovich, Rubem Braga, Zenon Lotufo e Carlos Leão**

Redator(es): **Flávio de Quino, Hélio Uchoa, José de Cossa Reis e Oswaldo Costa**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **7**

1.1 Quantos homens? **7** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **4**

2.1 Quantos homens? **4** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? (X) SIM () NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **5**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 21

Dezembro 1960 | 50 páginas

Observações: Essa edição traz o sumário e os textos dentro de cada seção traduzidos para o inglês.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Joaquim Cardoso, Rodrigo Andrade, Marcos Jaimovich, Rubem Braga, Zenon Lotufo e Carlos Leão**

Redator(es): **Flávio de Quino, Hélio Uchoa, José de Cossa Reis e Oswaldo Costa**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **7**

1.1 Quantos homens? **7** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **4**

2.1 Quantos homens? **4** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **7**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? (X) SIM () NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? (X) SIM () NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **3**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

5.3 Nome(s): **Lygia Clark**

5.4 Formação: **Artist Plástica (escultora)**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

Autoria: Redação da revista

Título: Os “bichos” de Lygia Clark

Tema: Sobre uma exposição das esculturas de Lygia Clark em 1959

Resumo: O texto fala sobre essas 29 esculturas que estiveram expostas na Galeria Bonino no Rio de Janeiro. A própria Lygia diz: “Foi dado o nome de bichos aos meus últimos trabalhos pelo caráter essencialmente orgânico que eles possuem.” O texto desenrola-se de maneira poética sobre essa relação dos bichos, entidade orgânica com o espectador. Ao final traz um breve currículo da artista, com suas exposições e prêmios recebidos.

Número 26

Dezembro 1961 | 54 páginas

Observações: Edição Especial Joaquim Carodozo

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha**

Redator(es): **Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Emídio Rocha, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, Hélio Uchoa, José de Souza Reis, Oswaldo Costa, Rodrigo Andrade, Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Zenon Lotufo**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **9**

1.1 Quantos homens? **9** Quantas mulheres? **0**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **14**

2.1 Quantos homens? **14** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **2**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? (X) SIM () NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 4
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 31

Dezembro 1962 | 48 páginas

Observações: Todos os textos são traduzidos para inglês nas próprias seções da revista

EDITORIAL

Fundador(es): Não informado

Editor(es): Não informado

Diretor(es): Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha

Redator(es): Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Emídio Rocha, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, Hélio Uchoa, José de Souza Reis, Oswaldo Costa, Rodrigo Andrade, Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Zenon Lotufo

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 7
- 1.1 Quantos homens? 6 Quantas mulheres? 1
2. Quantas pessoas colaboraram na redação? 11
- 2.1 Quantos homens? 11 Quantas mulheres? 0

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 2
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO
- 3.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO
- 3.2 Função: **Artista Plástica - Escultora**
- 3.3 Nome(s): **Regina Bolonha**
4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO
8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **3**
2. Os artigos são assinados? SIM NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

Número 35 e 36

Outubro/Dezembro 1963 | 53 páginas

Observações: Essa edição veio com numeração dupla, 35 e 36.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha**

Redator(es): **Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Emídio Rocha, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, Hélio Uchoa, José de Souza Reis, Oswaldo Costa, Rodrigo Andrade, Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Zenon Lotufo**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
 SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **6**
- 1.1 Quantos homens? **6** Quantas mulheres? **0**
2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **11**
- 2.1 Quantos homens? **11** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 3
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

Número 41

Dezembro /Janeiro 1975/76 | 68 páginas

Observações: A edição consultada na BCE - Biblioteca Central da Universidade de Brasília- estava sem índice e faltando algumas páginas.

EDITORIAL

Fundador(es): Não informado

Editor(es): Não informado

Diretor(es): Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha

Redator(es): Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Emídio Rocha, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, Hélio Uchoa, José de Souza Reis, Oswaldo Costa, Rodrigo Andrade, Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Zenon Lotufo

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? 8
- 1.1 Quantos homens? 6 Quantas mulheres? 2
2. Quantas pessoas colaboraram na redação? Não informado
- 2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? 4
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? (X) SIM () NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 4
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO
- 3.1 Se sim, quantos? 2
- 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
- 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO
- 3.4 Nome(s): **Wilma Arêas e R. Paula Soares**
- 3.5 Formação: **Não informada e Engenheira**
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Wilma Arêas

Título: Tristão de Athayde

Tema: Entrevista a Tristão de Athayde

Resumo: Entrevista a Alceu de Amoroso Lima. A entrevista aconteceu em Petrópolis no Rio de Janeiro em 1975. Ela começa a entrevista fazendo uma pequena biografia de Alceu. Formado em direito em 1913, conhece um segundo professor que vai marcar sua vida: Silvio Romero (o primeiro fora João Kopke, ainda quando criança), segundo ele, ambos ensinaram a categoria da presença “A presença humana, aquilo que faz descer as ideias do plano abstrato para o plano da comunicação”. Entre os anos de formação até se converter ao catolicismo, houve um período de atividades jornalísticas e literárias (começou a escrever na revista ‘A Época’, órgão dos estudantes da faculdade de direito, da qual era diretor). O Tristão de Athayde nasce em 1919 em sua coluna crítica em ‘O Jornal’. Depois a autora conta toda a trajetória de escrita do autor e sua ligação com o catolicismo, seus diferentes momentos e alinhamentos políticos. “Sem socialização não há liberdade. A grande luta que temos de travar é no sentido da conquista da liberdade: ouvir a voz do outro, lutar por um sistema que garanta a socialização da economia, lado a lado com a liberalização da política, para não cairmos no fanatismo que é a consequência lógica do liberalismo.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: R. Paula Soares

Título: Copacabana

Tema: Sobre as mudanças urbanas ocorridas na praia de Copacabana. Paula Soares foi a engenheira responsável pelas obras.

Resumo: Em 1965, o mar deslocou as fundações do cais existente, galgou muralhas dos prédios e até mesmo invadiu garagens e poços. Segundo Paula, foi o medo que fez com que o governo do estado autorizasse a execução do modelo reduzido recomendado pelos engenheiros da P.D.F. desde 1958. Após muitos ensaios e experimentações em modelo (prótipo/maquete) iniciou-se uma consulta a imprensa e a população da cidade, além de opinião das pessoas do bairro. Em maio de 1968, o engenheiro Geraldo Reis Carvalho diz que para alargamento de 80m não seria necessária nenhuma obra marítima, apenas aterro em areia. A equipe então alinhou as razões para a execução das obras em 6 pontos: 1. Urgência na solução do problema de saneamento da zona sul e do bairro, que seria resolvido pela construção do interceptor da faixa alargada, por trás do novo cais; 2. Necessidade de se proteger os edifícios da Av. Atlântica; 3. Preocupação em preservar uma faixa insulada de praia; 4. Aliviar as tensões sociais advindas do grande aumento demográfico do bairro (área para lazer); 5. Ampliar as vias de tráfego e 6. Humanização da orla mediante projeto paisagístico e arborização (Burle Marx). A obra que iniciou-se em 21/8/69 e em 10 meses todo o cais estava concluído. Ela conclui ressaltando que ainda há muito a ser feito, e que ela confia que a nova geração há de mobilizar para dar prosseguimento às obras necessárias na região. Obs. Há dois textos transcritos de publicação do jornal no artigo, um contra às obras e outro a favor.

Número 46

Julho/Agosto/Setembro 1977 | 85 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha**

Redator(es): **Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, José de Souza Reis, Marcos de Vasconcelos, Rodrigo Andrade, Vinicius de Moraes e Slioma Selter**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **12**

1.1 Quantos homens? **11** Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? (X) SIM () NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

- () Edifício público de grande porte () Edifício residencial
() Edifício comercial () Arquitetura de Interior
() Casa () Decoração
(X) Paisagismo () Outro (Projeto expográfico)

2.2 Nome da autora: **Suely Schudolsky e B.Abbud & Rosa Kliass**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 A sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquiteta Colaboradora**

3.3 Nome(s): **Ada Saketti**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? (X) SIM () NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **5**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO

3.1 Se sim, quantos? **1**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

3.4 Nome(s): **Cella Manolin-Minart**

3.5 Formação: **Não informada**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Cella Manolin-Minart

Título: Encontro com Charlotte Perriand

Tema: Entrevista de Cella Manolin-Minart à Charlotte Perriand

Resumo: Cella inicia a entrevista com a clássica que quando, em 1927, Perriand aparece à porta de Le Corbusier ele diz “Não precisamos de bordadeira”, mas em uma amostra anos mais tarde (Bar no Sótão) Le Corbusier comparece e inicia-se ali anos de colaboração entre eles. “Atesta, ademais sua tríplice filiação: Le Corbusier, o Japão e o artesanato popular. São essas três éticas responsáveis pela estética de Charlotte Perriand.” Em 1939 vai para o Japão: “As casas tem o puritanismo Zen, que ensina que o vazio pode conter tudo. O Japão inteiro vivia nessa prática de grande flexibilidade, de grande comunicação com o meio ambiente”. A Casa Japonesa é apresentada em Paris em 1957. Ela fala muito sobre a fluidez do espaço e a necessidade de se criar espaços interiores deslocáveis, em um jogo de planos. “Tentei, por exemplo, improvisar uma cozinha contando com uma mesa anexa onde a dona-de-casa pudesse descascar os legumes cercada pelos filhos ou pelos convidados, enquanto continuava a conversar ou tomar o aperitivo. A coisa não funcionou. A cozinha é uma peça habitualmente concebida como fechada. O fenômeno instalou-se ao mesmo tempo que a classe dos domésticos, entre os ricos. (...) Em nosso campo, as casas rústicas conservaram o hábito de preparar as refeições na sala comum, mas o fogão central foi substituído por uma boa assadeira que, no inverno, aquece também os aposentos. Fiz então uma transição: concebi um bar-cozinha.” Depois fala sobre o projeto nos Arcos (estação de esqui), o qual, Charlotte vem se dedicando há mais de 10 anos.

Número 51

Outubro/Novembro 1978 | 85 páginas

Observações: Edição consultada na BCE-UnB não constava índice

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha**

Redator(es): **Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, José de Souza Reis, Marcos de Vasconcelos, Rodrigo Andrade, Vinícius de Moraes e Sionma Selter**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

() SIM (X) NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **10**

Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina?

() SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? (X) SIM () NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 7
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO
- 5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
- 5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO
- 5.3 Nome(s): **Pietrina Checcacci**
- 5.4 Formação: **Artista Plástica**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

Autoria: Redação da revista

Título: Pietrina Checcacci

Tema: Não chega a ser um artigo, são 04 páginas com imagens de seus quadros e um breve currículo da artista

Resumo: Nascida na Itália mas residente no Brasil após 1954, foi medalha de ouro da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, em 1965. Fez diversas exposições e ganhou o prêmio de melhor selo emitido no mundo, em 1976, pela Associação de Arte Filatélica São Gabriel.

Número 56

Novembro 1979 | 102 páginas

Observações: Existe um pequeno texto de Liane Mühlenberg com o título Opressão Feminina mas que trata da resenha de um livro [Fragmento].

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Marcus Lontra Costa e Sandra Mager**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer**

Conselho Editorial: **Fausto Cupertino, Ferreira Gular, José Guilherme Mendes, Liane Muhlenberg e Mário Cunha**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
 SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **16**

1.1 Quantos homens? **13** Quantas mulheres? **3**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **4**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina?
 SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte Edifício residencial

Edifício comercial

Arquitetura de Interior

Casa

Decoração

Paisagismo

Outro (Comunicação Visual)

2.2 Nome da autora: **Cecília M. Aranha Vieira Albertinis**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

3.1 A sua função na equipe é especificada? SIM NÃO

3.2 Função: **Paisagista**

3.3 Nome : **Marcia Nogueira Lima**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **9**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

3.1 Se sim, quantos? **3**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

3.4 Nome(s): **Liana Mühlenberg e Lígia Canongia**

3.5 Formação: **Não informada**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Liana Mühlenberg

Título: O artista e a produção

Tema: O artigo faz parte dessa seção na revista que trata de diversos temas relacionadas a arte.

Resumo: . Esse número vem falando sobre teatro e tem três partes: 1. entrevista com Orlando Miranda, diretor do serviço nacional do teatro naquele ano. 2. debate entre várias pessoas: Fernando Torres, Ivan Albuquerque, Luiz Mendonça, Rodrigo Faria de Lima, Imara Reis, Gilberto Costa e João das Neves tendo como coordenação Liana Mühlenberg e 3. depoimentos de: Sérgio Britto, Amir Haddad, Regina Casé (grupo Asdrubal) e José Celso Martinez.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Lígia Canongia

Título: Sistina, Sociedade para a Arte

Tema: Entrevista com Tommaso Trini

Resumo: Entrevista com o crítico de arte Tommaso Trini sobre a exposição “Sisitina, sociedade para a Arte”, que aconteceu junto a “Arte Fiera” de Bolonha, uma feira internacional de arte, realizada todo ano na Itália. A ideia de Trini foi trazer um panorama amplo de obras contemporâneas de grande escala na busca de ampliação do mercado para trabalhos de grandes dimensões, obras pouco consumidas pelos investidores tradicionais. Também fazendo um apelo a organismos estatais, empresas, prefeituras, escritórios, entidades públicas, no sentido de dar vazão a produção. Depois, ainda na introdução, Lígia faz uma comparação com a situação brasileira, no sentido de que a exposição possa influenciar também propostas parecidas aqui, depois segue para as perguntas.

NÚMERO 61

Novembro 1980 | 100 páginas

Observações: Na coluna Memória, há várias autoras mulheres, maioria inclusive do que em relação aos homens. Entretanto, essa coluna não consta nem no sumário e como se trata de fragmentos de textos, não foi considerada na contagem de artigos.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer, Marcos Jaimovich, Mauro Vinhar de Queiroz e Tibério Cesar Gardelha**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
(X) SIM () NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **14**

1.1 Quantos homens? **7**

Quantas mulheres? **7**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? -

Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? (X) SIM () NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

- () Edifício público de grande porte () Edifício residencial
() Edifício comercial () Arquitetura de Interior
() Casa () Decoração
() Paisagismo (X) Outro (Esculturas-Brinquedos)

2.2 Nome da autora: **Elvira de Almeida**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? (X) SIM () NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Se sim, quantos? **1 (o da própria Elvira de Almeida)**

5.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? (X) SIM () NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? (X) SIM () NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? (X) SIM () NÃO

9.1 Se sim, qual? **Os croquis do projeto da Elvira de Almeida**

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **11**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO

3.1 Se sim, quantos? **5**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

3.4 Nome(s): **Liana Mühlberg, Carmem Barroso, Lígia Canongia, Zulmira Ribeiro Tavares**

3.5 Formação: **Não informada**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? (X) SIM () NÃO

4.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

4.2 Nome: **Cesar Bergstron Lourenço e Cristina de Castro Mello**

4.3 Função: **Secretária Geral IAB**

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

5.3 Nome(s): **Clara Nunes**

5.4 Formação: **Cantora**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Liana Mühlenberg

Título: O artista e a produção

Tema: Entrevista com Clara Nunes e debate sobre arte

Resumo: Na entrevista Clara Nunes conta um pouco da sua biografia, onde nasceu, cresceu, como foi parar no Rio de Janeiro e sobre cantar. “Canto porque realmente gosto de cantar....quero divulgar, levar a música brasileira para o exterior. Quero cantar aqui dentro para esclarecer determinadas coisas (...) Meu disco é minha alma. Minha preocupação, meu karma. Tento com esse trabalho, contribuir socialmente.” Na parte do debate, conta-se com os seguintes debatedores: Alari Gomes, Ferreira Gular, Athos Bulcão, Elmer Barbosa, Claudis e Liana Mühlenberg que também faz a coordenação do debate. Debatem sobre variados temas, arte, teatro, cinema, educação.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Carmem Barroso

Título: O corpo nos livros infantis

Tema: Sobre a forma como os corpos são tratados em livros infantis

Resumo: O artigo fala sobre como os corpos masculinos e femininos são tratados nos livros infantis. Carmem começa argumentando que existem diferenças biológicas claras entre os corpos e mais que isso, nossos corpos são também fonte de prazer e os livros infantis simplesmente ignoram isso. “Sedigosistematicamenteéporque,comalgumasexceções,oslivrosdedicadosacriançassimplimentepoderamignorar a existênciadofísico,ouchegama extremosdenãopouaparesforçosparaesconderaspartesditasvergonhosas.” Segundo ela, isso não é um edcisão dos editores do livros por vontade própria, a literatura infanto-juvenil reflete as ideias a respeito de infância na geração anterior (como fonte, pesquisa de Fluvia Rosemberg). Ela traça um histórico que como as ideias a respeito da sexualidade infantil foram mudando ao longo dos séculos. Faz t também uma breve resenha a respeito de alguns livros - os mais famosos, com maiores numeros de edição- tanto de forma positiva, sendo mais “inovadores” (De onde vem os bebes? De onde viemos? Pedro e Carolina, É Natural e o Segredo da Vida) e desaconcelhando a leitura de outros (Adeus à Infância, Para teus treze anos, O primeiro Canto do Galo e Rita está acesa). A começar que esses quatro livros são direcionados a meninos e meninas separadamente “ Não se pode deixar de reconhecer que a sexualidade feminina e masculina possuem umacerta especificidade (...) Porém, essa especificidade não justifica a existênciada segregação de textos para cada sexo.”

“Enquanto um livro é dedicado aos meninos que estão descobrindo seu corpo [inacapa], o outro não, as meninas estão simplesmente virando moças.” Ela fecha o artigo criticando principalmente o livro ‘Para teus 13 anos’, que por

possuir onze edições mostra-se bastante lido. O livro é repleto de absurdos especialmente quando direcionado ao público feminino “o sexo é nada menos que umadesgraçairreparável...todasasmocinhasdevempregar-separaom matrimônio...amulherseinteressaparticularmentepelacozinha...”etc.Como senãobastasseeladestaca “Àmulhercabeapreservaçãodessaesdrúxula noçãodepurezaemanuntençãodospapéisdesubmissãoacompanhadosda divisãotradicionaldetrabalho.Essaatitudeantissexualétãoarraigadaque chegaatéaalteraraanatomia.Alocalizaçãodoúterodeixadeserpróxima dosintestinoeérepetidasvezes,colocadadebaixodocoração.(...)Resta apenasumadúvida:qualonomemaisadequadoparaestetipodetrabalho: deseducação sexual ou educação antisssexual?”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Zulmira Ribeiro Tavares

Título: Ironia e Sentido

Tema: Resenha sobre o volume (livro) Aparelho

Resumo: O texto trata-se de uma resenha longa sobre o que autora chama de volume Aparelhos, que contem 100 fotos de trabalhos do artista plástico Waltercio Caldas Jr., com texto crítico de Ronaldo Brito.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Cesar Bergstron Lourenço e Cristina de Castro Mello

Título: A questão do desemprego

Tema: Considerações realizadas pelo IAB-SP no Simpósio sobre Desemprego em outubro de 1980

Resumo: Além das condiserações, ao final do texto tem um quadros com reivindicações propostas pelo IAB-SP.

Número 66

Setembro 1981 | 72 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Edição Geral: **Marcos Lontra**

Edição Arquitetura: **Maria Luiza de Carvalho**

Edição Artes Plásticas: **Sandra Mager**

Redator(es): **Flávio de Quino, Carlos Leão, C. A. Niemeyer Soares, Gontijo Mendes, Joaquim Cardozo, J.O. de Meira Penna, José de Souza Reis, Marcos de Vasconcelos, Rodrigo Andrade, Vinícius de Moraes e Slionma Selter**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
(X) SIM () NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **7**

1.1 Quantos homens? **4** Quantas mulheres? **3**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **0**
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
 - 5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM (X) NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **5**
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO
 - 3.1 Se sim, quantos? **3**
 - 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO
 - 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

3.4 Nome(s): **Liana Mühlenberg, Carmem Barroso,
Lígia Canongia, Zulmira Ribeiro Tavares**

3.5 Formação: **Não informada**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Cândida de Arruda Botelho

Título: O Mobiliário Residencial no Brasil

Tema: Evolução dos estilos de mobiliário e suas ligações com os movimentos artísticos do século

Resumo: Evolução do mobiliário brasileiro. 1ª fase: mobiliário português - mobiliário rústico e improvisado, influenciado pelos árabes; com a chegada dos holandeses e franceses o mobiliário passa a ser mais elaborado, deixando sua marca tanto no entalhe como na madeira (escura) empregada. Paralelamente tem-se a linha “sacra” de mobiliários: bancos, confessionários, mesas, armários para imagens, etc. Com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, os móveis ganham um forte estilo português, já não mais influenciados pelos árabes que ganham destaque também pelo sua escala grandiosa. São dessa época peças conhecidas como as cadeiras Manuelinhas e as mesas D. João VI. Com a revolução industrial, o mobiliário perde seu caráter exclusivamente artesanal e conicida com a época do desenvolvimento das fazendas de café aqui,

fazendo com que as famílias endinheiradas, fossem na Europa buscar desenvolver-se culturalmente. Assim, o mobiliário traz muita influência francesa, austríaca e inglesa. Amplia-se também a variedade de peças, - passa-se a ter prateleiras com espelhos, armários para roupas, cômodas, mesas de cabeceira, urinol e escarradeiras decoradas e etc. “Nessas casas da aristocracia havia ainda o quarto de costura e a saleta de estar com escrivaninhas e conjuntos estofados, onde a dona-da-casa controltava a contabilidade doméstica e escrevia cartas para parentes e amigos, além do “escritório”, peça da casa tipicamente masculina e indicadora do patriarcado rigoroso de então. Nesse escritório ficava a escrivaninha de trabalho, as estantes com livros, algumas cadeiras e a chaise lounge, prepursora das “cadeiras de papai”, que tanto sucesso faziam até alguns anos atrás...”. Com a chegada do século XX, há uma mudança expressiva no mobiliário. O Brasil super influenciado pelo American Way of Life, troca o luxo e o requinte, pelo prático. O modo de vestir, a maneira de servir a mesa, o mobiliário, enfim todo um modo de viver é alterado em função desse ritmo industrial do século XX. Nos anos 30, surge o pensamento de coerência entre o ambiente externo (arquitetura) e ao ambiente interno (decoração) e nessa época, estilos diferentes passam a conviver. Em 40, Lina Bo Bardi chega ao Brasil e funda o estúdio Palma, que tenta criar um mobiliário com tendência internacional mas adaptada à realidade brasileira. “Trabalha com couro, utiliza de forma inovadora as chitas das Casas Pernambucanas, aproveita a beleza dos veios da madeira brasileira.”

Na década de 50, surge uma classe média que busca o referencial dos antigos proprietários de terra e conseqüentemente dos móveis coloniais, que passam a ter cópias baratas espalhadas pelo país. A aristocracia então, vai buscar nos antiquários as peças mais valorizadas para se diferenciar dessa “democratização” do mobiliário colonial. Atualmente (década de 80) o mercado volta-se para uma juventude mais esclarecida, mais prática e com menor poder aquisitivo. Dessa forma, fábricas de móveis com influência nórdica e escandinava surgem e ganham cada vez mais espaço, onde o próprio comprador monta seu móvel (Tok Stok, Art de Vivre).

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Maria Cecília Santos

Título: A evolução do desenho e da produção

Tema: Questões de desenho e da produção do mobiliário brasileiro

Resumo: Pretende retomar alguns dos principais momentos da evolução do desenho e da produção da mobília residencial brasileira. O móvel do marceneiro: criação do Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo e no Rio, como escola profissional e oficina de produção de móveis, que não criava mas copiava os desenhos das revistas européias (francesas e italianas) e executava-os com alta qualidade artesanal e acabamento refinado, muitas vezes com material importado.

Década de 20 destaca-se o trabalho de Regina Gomide e John Graz além de Gregori Warchavchik. O móvel do arquiteto: Década de 30 - ainda tinha-se a tradição dos artesãos em madeira mas executando os móveis que eram projetados pelos arquitetos. Década de 40 - marcante para o desenvolvimento do desenho industrial brasileiro. “Em 1947, Lina Bo Bardi dá um grande impulso para a consagração do móvel moderno ao desenhar a cadeira desmontável das primeiras instalações do Museu de Arte de São Paulo, em couro e madeira.” O móvel do designer: anos 50 - o móvel deu um boom correspondente ao arquitetônico e atinge um nível de maturidade que passa a envolver vários profissionais e deixa de ser um “affair de marceneiros e depois do arquiteto, passa ser tarefa de designers.” Os anos 70: nova dimensão: “pelo exposto podemos concluir a importância desse setor industrial para a difusão e desenvolvimento do desenho industrial no país.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Sheila Leiner

Título: XVI Bienal de São Paulo: uma Bienal de transição?

Tema: Reflexões sobre as várias bienais de arte

Resumo: A bienal passa por uma fase de “transição”, experimental e que não requer julgamentos de valor apenas de registro e que parece estar adequada às novas audiências, à transformação da arte. “Nada mais justo do que uma bienal de transição para uma arte e um público também em transição.” Em um resgate histórico, Sheila escreve sobre as primeiras bienais com forte influência europeia onde “os artistas já chegavam ganhadores” mas que também, por outro lado, foram frutíferas e acabaram por transformar a cidade de São Paulo em um centro artístico mundial. Critica também a forma de premiação que acabou por premiar artistas já esquecidos e outros tantos que eram verdadeiras estrelas passam despercebidas. Fala sobre a decadência das bienais em período de ditadura militar. Aí então especula sobre como será essa próxima Bienal, a XVI, que no caso ainda não tinha acontecido quando o texto foi escrito mas estava em vias de regulamento para inscrições. Fala prós e contras sobre o regulamento, como ela estará dividida e mostra-se interessada em saber o que vai ser dessa próxima edição. Na matéria há um quadro com várias respostas de artistas a pergunta: Bienal de São Paulo: vale a pena?

NÚMERO 71

1982 | 69 páginas

Observações: Essa edição traz um Caderno de Textos Especial, tema “Brasildades” - quinze depoimentos de alguns dos mais destacados críticos, professores, poetas e artistas plásticos brasileiros, falando sobre a produção cultural contemporânea.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Edição Geral: **Marcos Lontra**

Edição Arquitetura: **Maria Luiza de Carvalho**

Edição Artes Plásticas: **Sandra Mager**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
 SIM () NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **5**
2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM () NÃO
3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM () NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM () NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM () NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM () NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM () NÃO
8. As fotografias são assinadas? () SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM () NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **8**
2. Os artigos são assinados? () SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM () NÃO
 - 3.1 Se sim, quantos? **3**
 - 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM () NÃO
 - 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM () NÃO
 - 3.4 Nome(s): **Denise de Alcântara, Maria José Peroso, Sheila Leirner e Heloisa Buarque de Holanda**
 - 3.5 Formação: **Denise - arquiteta, Maria José - não informada**
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM () NÃO
 - 4.1 Sua função na equipe é especificada? () SIM () NÃO
 - 4.2 Nome: **Sheila Leirner e Heloisa Buarque de Holanda**
 - 4.3 Função: **Crítica de arte e de literatura respectivamente**
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM () NÃO
 - 5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM () NÃO
 - 5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? () SIM () NÃO

5.3 Nome(s): **Celeida Tostes e Nelly Gutmacher**

5.4 Formação: **Artistas Plásticas**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Denise de Alcântara

Título: O que andam fazendo as novas gerações de arquitetos?

Tema: Pequeno panorama da produção dos arquitetos formados entre anos 60 e 70 na USP.

Resumo: Denise traz alguns trabalhos para discutir a produção dos arquitetos formados na USP entre os anos 1960/70. Dois projetos de Marcos Acayaba: o conjunto de residências no alto da boa vista (que tem duas calaboradoras em sua ficha técnica mas sem especificação de função ou formação - Marlene Milan Acayaba e Martha Dora Huck) e a sede da fazenda pindorama em São Paulo; Walter Ono - alguns projetos de residências; Wilhelm Rosa, Isaac Popoutchi e Rafael Perrone; João Valente e Sidney Rodrigues e Antônio Carlos Sant'Anna - projeto de igrejas.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Maria José Pedroso

Título: O Pró-Morar

Tema: Sobre o problema habitacional no Brasil

Resumo: Maria José começa falando sobre o programa do BNH - Banco Nacional de Habitação, que desde 1979, se propôs a solucionar o problema habitacional (das favelas) de duas formas: fixando o homem no local que ele escolheu para viver, dando-lhe o título da propriedade ou oferecendo habitações em melhores condições na mesma área da favela. Apesar do empresários temerem o programa, - o PROMORAR, Gustavo Heck, que é o responsável responde: “a habitação nesta faixa é barata por várias razões: canaliza recursos de todas as áreas governamentais, conta com terrenos públicos; subsidia a prestação do que ganha menos com a do que pode pagar mais; cria emprefos, oferecendo apoio comunitário.” Ela explica então como se divide o programa PROMORAR (o que é, financiamento, como funciona, e o balanço do programa nas quatro regiões do país - norte, nordeste, sul e sudeste e o custo da produção) - o programa consiste resumidamente em 60 mil unidades de habitação para famílias que ganham de 1 até 5 salários mínimos. “uma equipe de assistentes sociais, sociólogos, psicólogos, atuajunto aos arquitetos e engenheiros, preparando a população para nova situação habitacional, planejando todas as fases de mudança.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Sheila Leiner e Heloisa Buarque de Holanda

Título: “as idéias não tem pátria” e “a brasilidade e o mito da “brasilidade”.

Tema: Depoimentos no caderno de textos tema “brasilidades” - de 15 depoimentos, 2 de mulheres

Resumo: MÓDULO: Como você vê a questão da brasilidade e qual a sua importância para o processo brasileiro contemporâneo? SL: “Na verdade, onde quer se que esteja, cada um de nós carrega a própria geografia, o próprio estilo e linguagem dentro de si - a real identidade, a ponte para o universal. (...)A ênfase nas delimitações geográficas - cai na questão regionalista. HB: “Assim, eu acho precário pensar a brasilidade apenas como aquela cultura “natural” do Brasil. A cultura brasileira pura tem inegavelmente sua força revolucionária, tem seu lugar, mas não podemos ignorar e rejeitar também a força da leitura que o Brasil faz de idéias estrangeiras.” MÓDULO: De que forma a questão da brasilidade intervém no seu trabalho? SL: “Em síntese, para mim, toda série de fragmentos e ações que representa coletivamente a condição da arte em seu estado original de unidade, a totalidade pluralista que constitui não só a arte brasileira como toda cultura ocidental contemporânea ...só pode ser percebida por meio do sentido globalizante e uma visão panorâmica, generosa, maior. De forma que a questão da brasilidade só intervém no meu trabalho quando intervém profundamente nas obras artísticas a partir das quais ele se desenvolve.” HB: “(...) o que vem determinando meu trabalho é mais ou menos o seguinte: eu coloco um pouco em dúvida, tenho um pouco de medo, daquilo que está constituído como linguagem dominante na cultura. Parece-me que essa linguagem é fundamentalmente colonizada. Portanto, venho trabalhando nesses últimos anos preferencialmente as linguagens de minoria, alternativas. (...) agora estou pensando muito nas formas do discurso feminino, nos aspectos dessas linguagens que são marginalizadas e que ainda tem um espaço mais livre de pressões.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

Autoria: Alair Gomes

Título: Viagem às raízes

Tema: Sobre o trabalho das artistas plásticas Celeida Tostes e Nelly Gutmacher

Resumo: Alair faz uma introdução sobre o início da humanidade e sua relação com o início da arte e com o trabalho em cerâmica. “O aparecimento da cerâmica é, pois, contemporâneo ao aparecimento da própria humanidade, numa forma que hoje podemos reconhecer como já muito próxima da atual.” Traz então o trabalho de Celeida e Nelly onde diz que ambas propõem uma “viagem” às raízes do meio. Na primeira a “viagem” parece mais “deliberada e mais cuidadosa de pureza” enquanto em Nelly é mais ambivalente, ela viaja “como se regressasse ao passado sem se afastar do presente.” Sobre o trabalho de Celeida diz: “Da lógica interna do mito então materializado, e da coerência com que a artista a aceita, decorre o caráter primeramente erótico e genital que sua cerâmica assumiu; e decorre também sua constante e renovada celebração do elemento “terra”-no nascer-morrer-renascer. Exemplo da obra onde faz uma metáfora das casas de João de barro para figurar “cabeças-úteros e vaginas prenhes, das quais irão despontar os outros elementos germinativos - ovo e falo.” Diz que a afinidade entre as duas artistas é evidente mas que Nelly Gutmacher assume um caráter mais dialético. Ela utiliza com frequência moldagens em gesso no próprio corpo de forma que “sua cerâmica consegue às vezes evocar de maneira eficaz membranas do corpo vivo - do tímpano ao hímen.” As artistas representaram o Brasil no I Congresso Ibero-Americano de cerâmica realizado em junho de 1982, na cidade de Málaga na Espanha.

NÚMERO 76

1982 | 60 páginas

Observações: Edição consultada não consta nem mês nem ano de publicação. Ela traz um Caderno Especial de Arte & Arquitetura.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Edição Geral: **Marcos Lontra**

Edição Arquitetura: **Maria Luiza de Carvalho**

Edição Artes Plásticas: **Sandra Mager**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
 SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **25**

1.1 Quantos homens? **21** Quantas mulheres? **4**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **2**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

Edifício público de grande porte

Edifício residencial

Edifício comercial

Arquitetura de Interior

Casa

Decoração

Paisagismo

Outro (Esculturas-Brinquedos)

2.2 Nome da autora: **Elvira de Almeida**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos?

SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados?

SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres?

SIM NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas?

SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados?

SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados?

SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas?

SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina?

SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **8**
2. Os artigos são assinados? SIM NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO
- 3.1 Se sim, quantos? **5**
- 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO
- 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? SIM NÃO
- 3.4 Nome(s): **Maria Luiza de Carvalho**
- 3.5 Formação: **Não informada**
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO
- 4.1 Sua função na equipe é especificada? SIM NÃO
- 4.2 Nome: **Maria Silvia Muylaert de Araújo e José Simões de Belmont Pessoa; Ermínia Maricato e Sophia Teles**
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO
- 5.1 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO
- 5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? SIM NÃO
- 5.3 Nome(s): **Ione Saldanha**
- 5.4 Formação: **Artista Plástica**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Maria Luiza de Carvalho

Título: O Triângulo Chinês: Macau, Hong Kong e Cantão

Tema: Como conservar a identidade de Macau, sem incorrer em prejuízo de um progresso necessário, que se faz, de imediato, principalmente pela força de desenvolvimento tecnológico que chega de Hong Kong?

Resumo: Macau é uma península-cidade localizada nos mares do sul da China, com único acesso através de Hong Kong. É um território chinês mas administrado pelos portugueses, que constituem apenas 4% de sua população total (cerca de 300mil). A cidade tenta conservar e preservar sua identidade cultural que é um misto de uma arquitetura chinesa com um arquitetura colonial portuguesa. Maria Luiza traz um Resumo sobre as discussões que aconteceram nos “Encontros de Macau” promovido pelo governo da ilha em 1983. O encontro que ocorreu durante 10 dias reuniu ideias e impressões do que pode ser feito para preservar aquele ambiente tão especial e específico porque é um cidade “latina” na China, e é vizinha de Hong Kong, que é uma cidade enorme e super moderna (prédios altos e conjuntos habitacionais super densos). É também vizinha de Cantão, um cidade histórica da China, que tem um aspecto completamente oposto. Lá quase não há carros individuais, há uma gigantesca frota de bicicletas, e os prédios formam galerias por onde passam os pedestres, de forma que a relação com a cidade é baseada no contato humano.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: José Simões Pessoa e Maria Sílvia Muylaert de Araújo

Título: Vila operária de Gamboa, Rio de Janeiro, 1933/83

Tema: Texto sobre o projeto da Vila Operária de Lucio Costa e Warchavchik

Resumo: O artigo fala sobre a Vila Operária de Gamboa no Rio de Janeiro, projeto feito pela parceria de Lucio Costa com Warchavchik, onde Lucio Costa ficou a cargo do projeto e Warchavchik da execução da obra. O texto descreve como se deu o encontro desses dois arquitetos e o projeto que tem em seu partido afinidades com os projetos de vilas operárias que já vinham sendo construídas. Planta simples, quadrada, de quatro cômodos mas com a inovação de criar uma pequena circulação entre os eles, utilizando seus cantos (portas de entrada criando um pequeno hall). O prédio conta com 14 apartamentos e a circulação do prédio é externa, comum a todos apartamentos, criando uma espécie de varanda - que no caso é curva aproveitando o desenho do terreno. “O sistema construtivo da Vila é, basicamente, o tradicional. Com vistas ao barateamento da obra, utilizou-se pisos em couçoeira. Nele, porém, encontramos, frequentemente, a máquina inovadora de Warchavchik, presente nas esquadrias de ferro para os vãos externos, padrão em sua obra, e no uso, inédito na época, de cucupira encerada nas portas internas.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Ermínia Maricato e Sophia Teles

Título: Especial Caderno de Arte & Arquitetura

Tema: Inserção Social do artista e do arquiteto e de seus produtos & Linguagem da arte, da arquitetura e seu convívio

Resumo: Inserção Social do artista e do arquiteto e de seus produtos. EM: A industrialização fez com que a máquina ditasse o ritmo do trabalhador e não o contrário, como acontecia com o artesão, onde sua ferramenta o servia. Nesse sentido, para ela a produção de arquitetura é “a indústria da construção. Nada de espaço, de equilíbrio, etc.” (...) “O produto do arquiteto é alguma coisa que está sendo construída, mas aparentemente ele saiu do papel para o consumo, para a realidade. Ele não passa pela desumana e violenta produção que é hoje a indústria da construção. O arquiteto, ao contrário do que ocorre, deveria ligar-se ao processo produtivo, e a sua produção só poderá ser caracterizada como arte no momento em que o atual distanciamento for rompido, o que é impossível de acontecer no modo capitalista de produção.” ST: “A arquitetura moderna é um momento de tentativa de superação da oposição entre o racional e o sensível. (...) A arquitetura moderna, ao romper com a tradição, aceita a técnica como base de sua preparação para uma nova história cuja ideia principal será dar significado ao cotidiano, qualificar a vida a partir do domínio sobre a produção industrial capitalista que a quantifica, simplesmente. (...) Nós, no Brasil, precisamos pensar mais sobre arquitetura, sobre a arte, para que se possa analisar corretamente o movimento moderno, saber quais foram seus limites e não ficar criticando coisas laterais (...) a arte tem muita coisa para contar aos arquitetos e isso é fundamental para eles no momento em que vão espacializar.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

Autoria: Marcos de Lontra Costa

Título: Muito sensível, tudo muito pintura....

Tema: Sobre o trabalho da artista plástica Ione Saldanha

Resumo: Texto poético tendo como base o trabalho de Ione Saldanha. Torna-se complicado resumir porque é um texto denso, como de um curador. Marcos Costa propõe uma espécie de jogo e divide o texto em 4 jogos: n^o1: pintura e prazer de pintar; n^o2: o caçador e a caça/a apropriação do fruto proibido; n^o3: o primado do projeto e o trabalho artesanal e n^o4: as histórias e as veleidades da Obra.

NÚMERO 81

Julho 1984 | 66 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer e Cândido Mendes de Almeida**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Edição Geral: **Marcos Lontra**

Edição Arquitetura: **Maria Luiza de Carvalho**

Edição Artes Plásticas: **Sandra Mager**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
(X) SIM () NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **13**

1.1 Quantos homens? **6** Quantas mulheres? **7**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

- () Edifício público de grande porte () Edifício residencial
() Edifício comercial () Arquitetura de Interior
() Casa () Decoração
(X) Paisagismo () Outro (Projeto expográfico)

2.2 Nome da autora: **Rosa Grena Kliass**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? (X) SIM () NÃO

3.1 A sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquitetas colaboradoras**

3.3 Nome(s) : **Dora alcântara, Cristina da Costa e Sáno, Rosete Nascimento, Raquel Bittar e Norma Lacerda**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? (X) SIM () NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? (X) SIM () NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? (X) SIM () NÃO

8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

9.1 Se sim, qual? **Fotografias**

9.2 Se sim, quem são as autoras? **Cristina Ferrão**

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **7**

2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? (X) SIM () NÃO

3.1 Se sim, quantos? **3**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

3.4 Nome(s): **Maria Pace, Maria Helena Barata e Ligia Canongia**

3.5 Formação: **Não informada**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? () SIM (X) NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Maria Pace

Título: Convento de Santo Antônio e da Ordem Terceira. Propostas para sua recuperação e integração

Tema: Sobre o projeto de recuperação do Convento de Santo Antônio que compõe uma série de obras para revitalização do centro do Rio de Janeiro pelo governo do estado.

Resumo: O projeto de recuperação do Convento de Santo Antônio, compõe uma série de obras para revitalização do centro do Rio de Janeiro pelo governo do estado. “ao invés de tentarem uma impossível eliminação dos contrastes de suas partes, as atuais soluções incorporam esses contrastes e se propõem à recomposição de partes heterogêneas, pelo menos quanto à origem temporal”. Maria Pace diz que essa nova abordagem se diferencia das que vinham sendo tomadas anteriormente, aponta que o projeto do convento visa essa nova visão de integração, a “inscrição de um monumento em um contexto revitalizado, e funcionalmente coerente que garante sua sobrevivência em escala social, isto é, urbana.” A pesquisa histórica da região foi confiada a dupla de arquitetos Dora e Antônio Pedro Alcântara. Maria faz um Resumo de toda essa pesquisa histórica da região, depois apresenta o projeto e as propostas. O ante-projeto tem autoria de Sabino Barroso do SPHAN - atual IPHAN. O projeto de execução teve autoria de Hermano Montenegro e Sergio Lordello. A arquiteta-arqueóloga Cristina da Costa e Sá coordenou uma equipe de estudos arqueológicos na região.

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Maria Helena Barata

Título: Design Histórico ou a Ideologia da Reconstrução

Tema: Sobre a vanguarda histórica do design e seu grandes clássicos do século XX

Resumo: O texto fala sobre a reprodução de peças de design das décadas de 20 e 30 que foram desenhadas por arquitetos como Mies Van der Roche e Mackintosh. Fala também resumidamente sobre o movimento Stijl que influenciou a Bauhaus e sobre Mies Van der Roche, sua arquitetura e seu desenho de mobiliário em ferro. É interessante que Maria Helena traz a tona o nome de Lilly Reich como co-autora de suas cadeiras em tudo, créditos que raramente são dados quando se fala desse ou de outros projetos assinados por Mies. “Os primeiros exemplos que temos do mobiliário de Mies são em 1927, esquemas das cadeiras em tubo de ferro feitas com Lilly Reich para a Exposição de Stuttgart.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Ligia Canongia

Título: Cor e Superfície

Tema: Sobre o trabalho do artista plástico Carlos Zílio

Resumo: Ligia fala sobre a obra de Zílio, reafirma que apenas a pintura pode falar por ela “como algo que se remete a nada senão a si mesmo”, que suas pinturas são bidimensionais, tem um caráter plano e utilizam bastante a cor. “A cor se faz na superfície, na construção da própria pintura. Não é uma cor simbólica, afetiva, carga de valores prévios à sua atualização no quadro(...) como em Matisse, a cor para Zílio tem essa dimensão moderna de ser razão, razão de pintura.”

Número 86

Julho 1985 | 78 páginas

Observações: Esse Número veio com dois volumes especiais: Módulo in: Caderno de Arquitetura de Interiores e Módulo Edição Especial - Catálogo Oficial da Exposição Oscar Niemeyer - Congresso "Cidades do Futuro", agosto de 1985, São Paulo.

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Não informado**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer e Cândido Mendes de Almeida**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Edição Geral: **Marcos Lontra**

Edição Arquitetura: **Maria Luiza de Carvalho**

Edição Artes Plásticas: **Sandra Mager**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?
 SIM () NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **23**

1.1 Quantos homens? **21** Quantas mulheres? **2**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **Não informado**

2.1 Quantos homens? - Quantas mulheres? -

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **20**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM () NÃO

2.1 No caso de autoria feminina, de que se trata o projeto?

() Edifício público de grande porte () Edifício residencial

() Edifício comercial () Arquitetura de Interior

() Casa () Decoração

Paisagismo () Outro

2.2 Nome da autora: **Rosa Grena Kliass e Maria Rosângela de Oliveira**

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM () NÃO

3.1 A sua função na equipe é especificada? SIM () NÃO

3.2 Função: **Arquitetas colaboradoras e iluminadoras**

3.3 Nome(s): **Suzana Garcia, Josefina Brás Silva, Eladia Primon de Siqueira, Maria Inês Sugai, Annie Cartolano, Sandra Maria P. Teodózio e Giselda Viscont**

4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? () SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? () SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **4**
2. Os artigos são assinados? SIM NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO
- 3.1 Se sim, quantos? **1**
- 3.2 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO
- 3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? SIM NÃO
- 3.4 Nome(s): **Marcia de Sá Cavalcante**
- 3.5 Formação: **Não informada**
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? SIM NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Marcia de Sá Cavalcante

Título: Quando a cor se pôs no caminho

Tema: Sobre a obra do artista plástico Adriano de Aquino

Resumo: Texto poético sobre pintura, sobre cor e sobre o trabalho de Adriano de Aquino. “São quadros sem título, apenas cores sobre a tela. (...) Tentar cercar os períodos da obra de Adriano, segmentar os monolitos cromáticos da década de 70 e os recentes planos de cor só nos ajudaria a esquecer seu gesto singular. Não é o pintor quem evolui, é a cor que se põe a caminho.”

Número 91

Maio/Junho/Julho 1986 | 54 páginas

Observações: -

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Marcus de Lontra Costa, Maria Luiza de Carvalho e Sandra Mager**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer e Cândido Mendes de Almeida**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Colaboradores: **Darcy Ribeiro, José Carolos Sussekind, Lauro Cavalcanti, Lidia Vagc, Marcio Doctor, Maria Teresa Graupner e Vicente del Rio.**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **8** Quantas mulheres? **3**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **7**

2.1 Quantos homens? **5** Quantas mulheres? **2**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? SIM NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? SIM NÃO

4. Os textos sobre os projetos são assinados? SIM NÃO

5. Existem textos assinados por mulheres? SIM NÃO

6. Os desenhos técnicos são assinados? SIM NÃO

7. Os desenhos artísticos são assinados? SIM NÃO

8. As fotografias são assinadas? SIM NÃO

9. Algum deles tem autoria feminina? SIM NÃO

9.1 Se sim, qual? **Fotografias**

9.2 Se sim, quem são as autoras? **Dina Lenner**

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? **5**

2. Os artigos são assinados? SIM NÃO

3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? SIM NÃO

3.1 Se sim, quantos? **3**

3.2 Elas são identificadas como arquitetas? SIM NÃO

3.3 Elas possuem outra formação/especialidade? SIM NÃO

3.4 Nome(s): **Teresa Graupner, Lidia Vagc e Marisa Alvarez Lima**

3.5 Formação: **Não informada**

4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? SIM NÃO

5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

5.1 Elas são identificadas como arquitetas? () SIM (X) NÃO

5.2 Elas possuem outra formação/especialidade? (X) SIM () NÃO

5.3 Nome(s): **Marisa Alvarez Lima e Maria Lúcia Cattani**

5.4 Formação: **Artistas**

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Teresa Graupner

Título: CIEPs: O Brasileiro de amanhã

Tema: Sobre o plano pedagógico dos CIEPs

Resumo: O artigo fala sobre o funcionamento dos CIEPs, conhecidos como Brizolão. Rebate as críticas que sofreu o projeto, tanto arquitetônico como pedagógico, defendendo que são uma revolução do ensino público do país. Sobre o plano pedagógico, Teresa o resume em alguns pontos principais: Material de apoio didático; treinamento dos professores; estudo dirigido; arte e cultura; educação física; educação para a saúde; programa de educação juvenil; biblioteca e espaço cultural nos fins de semana. Conclui falando sobre Darcy Ribeiro, responsável pela implantação de tal plano pedagógico cuja competência é inquestionável. “Darcy Ribeiro passou a escola a limpo. Assunto encerrado.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Lidia Vagc

Título: Hamilton Viana Galvão

Tema: Sobre o trabalho de Hamilton Galvão

Resumo: Lidia traz uma reflexão sobre vários aspectos da obra de Hamilton Viana Galvão. Divide seu texto e conseqüentemente a análise da obra do artista em: o processo, caixas; elementos do paisagismo e a paleta; pra quem gosta de erudismo e pra quem gosta de afeto. Fala sobre as influências de Helio Oiticica no trabalho desenvolvido por Hamilton. “A concretude plástica de Hamilton - sua pintura- resulta da dualidade do sensível como forma de expressão e da reflexão sobre o processo-arte numa experiência real.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Marisa Alvarez Lima

Título: “Pecado” de Marisa Alvarez Lima

Tema: Sobre a instalação de Marisa Alvarez Lima

Resumo: O texto descreve a instalação - projeto sensorial para exposição fotográfica de Marisa Alvarez Lima. Uma espécie de labirinto onde o espectador passeia por suas paredes negras e iluminação tênue direcionada para grandes painéis fotográficos e outras paredes mais luminadas, fazendo um jogo de claro e escuro ao som de cantos gregorianos e kitaro. Além das fotografias, há objetos espelhados pelo espaço. “Marisa não mostra o pecado mas suscita a experiência pecaminosa de cada um. Olhando através do burado da fechadura, o curioso vê, jogados no chão ladrilhado de branco, alguns objetos femininos, uma sandália de salto alto, a poça de tinta vermelha (...) A aparente imprecisão da mensagem enche de incertezas sua interpretação, o mistério, a curiosidade, o pecado.”

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS SOBRE MULHERES

Autoria: Marcus de Lontra Costa

Título: Tatuagens

Resumo: O texto fala sobre as gravuras de Maria Lucia Cattani. Ele começa fazendo alusão do processo de gravura ao da tatuagem. “A palavra-chave é exatamente essa: o tempo (...) O tempo é exatamente isso: a gravura (...) A gravura é exatamente isso: a ação (...) A ação é essa: a geração.” “Em evolução constante, ela se afirma cada dia mais no panorama da arte contemporânea. A sua trama, seu tecido, a sua tela, camuflagens, transparecem a pele sobre a qual a imagem adere feito tatuagem.”

Número 96

Maio/Junho/Julho 1987 | 72 páginas

Observações: Edição Especial Le Corbusier

EDITORIAL

Fundador(es): **Não informado**

Editor(es): **Marcus de Lontra Costa, Maria Luiza de Carvalho e Sandra Mager**

Diretor(es): **Oscar Niemeyer e Cândido Mendes de Almeida**

Diretora Administrativa: **Márcia Wait**

Colaboradores: **Darcy Ribeiro, José Carolos Sussekind, Lauro Cavalcanti, Lidia Vagc, Marcio Doctor, Maria Teresa Graupner e Vicente del Rio.**

Redator(es): **Não informado**

Existem mulheres fundadoras, diretoras ou editoras?

SIM () NÃO

ANÁLISE CORPO EDITORIAL

1. Quantas pessoas colaboraram para essa edição? **11**

1.1 Quantos homens? **10** Quantas mulheres? **1**

2. Quantas pessoas colaboraram na redação? **8**

2.1 Quantos homens? **8** Quantas mulheres? **0**

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS

1. Quantos projetos aparecem na revista? **3**

2. Existem projetos de autoria exclusiva feminina? () SIM (X) NÃO

3. Existem mulheres como colaboradoras ou co-autoras de projetos? () SIM (X) NÃO
4. Os textos sobre os projetos são assinados? () SIM (X) NÃO
5. Existem textos assinados por mulheres? () SIM (X) NÃO
6. Os desenhos técnicos são assinados? () SIM (X) NÃO
7. Os desenhos artísticos são assinados? (X) SIM () NÃO
8. As fotografias são assinadas? (X) SIM () NÃO
9. Algum deles tem autoria feminina? () SIM (X) NÃO

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

1. Quantos artigos aparecem na revista? 9
2. Os artigos são assinados? (X) SIM () NÃO
3. Existem artigos assinados exclusivamente por mulheres? () SIM (X) NÃO
4. Existem mulheres como co-autoras de artigos? (X) SIM () NÃO
- 4.1 Sua função na equipe é especificada? (X) SIM () NÃO
- 4.2 Nome: **Margareth da Silva Pereira**
5. Existem artigos que não sejam de autoria feminina, mas que falem sobre mulheres? (X) SIM () NÃO

ANÁLISE DOS ARTIGOS ESCRITOS POR MULHERES

Autoria: Margareth e Romão da Silva Pereira

Título: Le Corbusier e o Brasil: a pesquisa

Tema: Pesquisa sobre a vida de Le Corbusier

Resumo: O texto fala sobre uma pesquisa desenvolvida na França sobre a vida e obra do arquiteto Le Corbusier, as relações entre o arquiteto, o Brasil e os arquitetos brasileiros. A pesquisa acabou tornando-se parte de uma exposição ocorrida no MASP - Museu de Arte de São Paulo, em comemoração ao centário de nascimento do arquiteto.

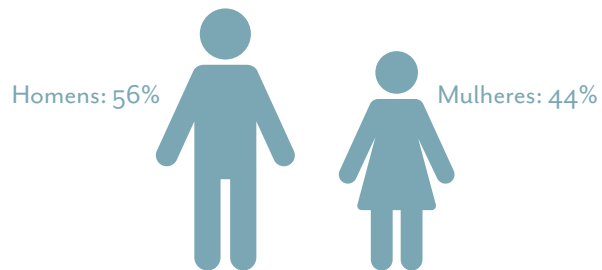
MÓ

EM NÚMEROS

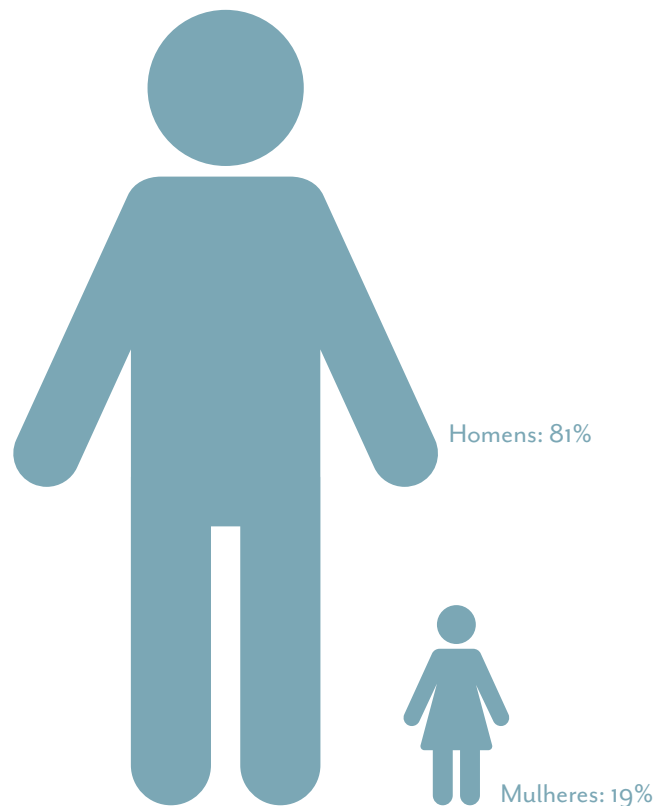
DU

LO

ANÁLISE DO CORPO EDITORIAL



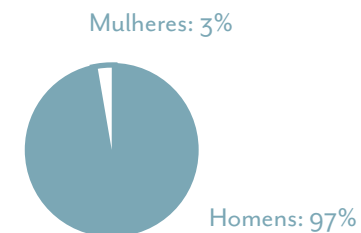
Mulheres enquanto diretoras ou editoras



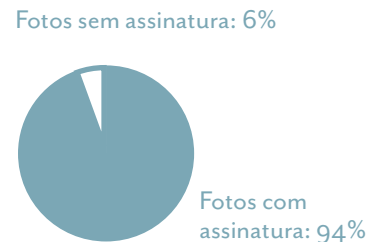
Colaboradores



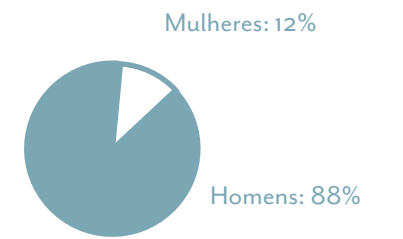
Assinatura redação



Assinatura redação/gênero



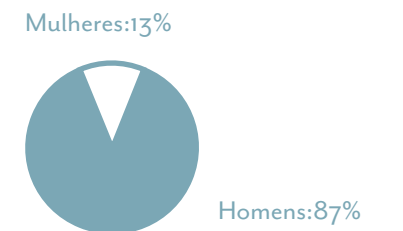
Assinatura fotografias



Assinatura de fotos/gênero



Assinatura desenhos



Assinatura de desenhos/gênero

ANÁLISE EDITORIAL DE PROJETOS



Projetos de autoria masculina: 93%



Projetos de autoria feminina: 7%

Autoria de projetos



0

casas



2

paisagismo



0

arquitetura de interiores



0

edifício comercial



4

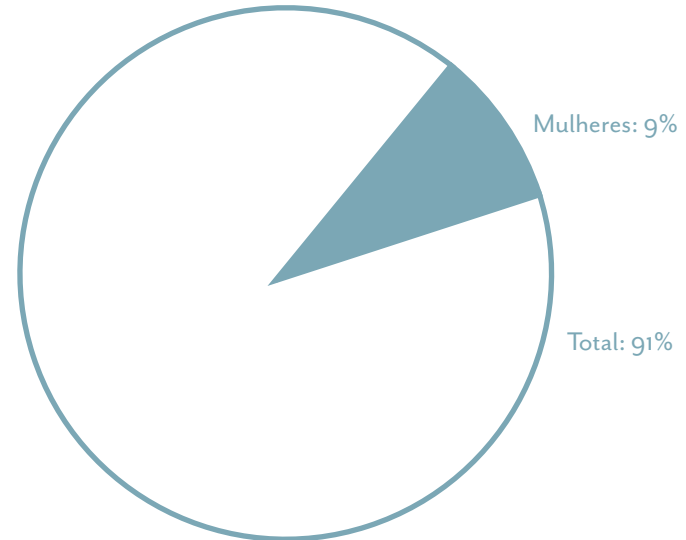
outros

6

total

Tipologia projetos femininos

DE 86 PROJETOS PUBLICADOS APENAS 6 ENVOLVERAM MULHERES



Mulheres: 9%

Total: 91%

Co-autoria ou colaboração feminina nos projetos



13%

artista plástica



13%

iluminadora



62%

arquiteta



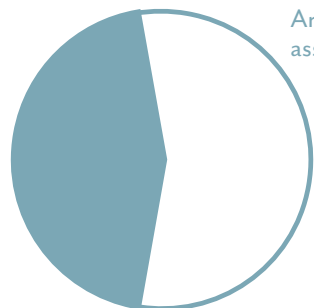
12%

não-informado

Formação co-autoras

ANÁLISE EDITORIAL DE ARTIGOS

Artigos não assinados: 44%



Artigos assinados: 56%

Total de artigos

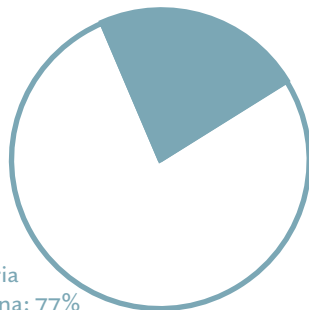
Total: 95%



Artigos sobre mulheres

Sobre mulheres: 5%

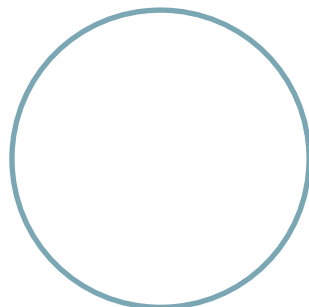
Artigos de autoria feminina: 23%



Artigos de autoria masculina: 77%

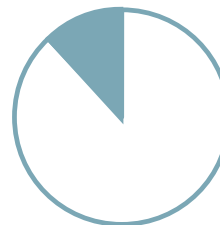
Autoria dos artigos

Artistas plásticas: 100%



Assunto dos artigos sobre mulheres

Não informada: 12%



Informada: 88%

Formação das autoras



33%

Artista plástica



33%

Engenheira

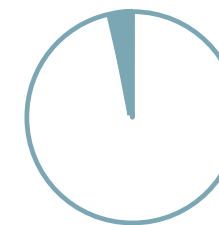


34%

Arquiteta

Formação das autoras, quando informada

Artigos de autoria feminina: 4%



Total: 96%

Artigos com co-autoria feminina



25%

Arquiteta



25%

Secretária IAB



25%

Crítica de arte



25%

Crítica literária

Formação das co-autoras, quando informada